

Sociedade das Ciências Antigas

**Temas de
Ocultismo
Tradicional**

Persival



Sociedade das Ciências Antigas

TEMAS DE OCULTISMO TRADICIONAL

POR

PERSIVAL



TRADUZIDO DO ORIGINAL ESPANHOL

TEMAS DE OCULTISMO TRADICIONAL
EDIÇÃO DE 1976

INTRODUÇÃO

Torna-se fácil a tarefa que recebemos de fazer a apresentação desta obra, já que os títulos do autor dispensam, por si, qualquer esforço maior.

O título dado ao presente volume, que encabeçará uma série de obras sobre o tema, é preciso e absolutamente exato. Trata-se, efetivamente, de uma coleção de “*Temas do Ocultismo Tradicional*”.

Nenhuma palavra é supérflua e nenhuma falta: *Temas*, porque são diversos assuntos que, apesar de estarem relacionados entre si, não formam um todo contínuo e uno. *Ocultismo* tem sido definido como a “ciência do oculto”, daquelas coisas que não estão ao alcance de todas as pessoas, do vulgo em geral, mas somente dos que perseveram em penetrar na essência das coisas e dos fatos da vida cotidiana, procurando e se preocupando em estudar não somente aquilo que está diante da vista de todos, mas principalmente as causas não aparentes desses mesmos fatos.

Tal explicação afasta, desde logo, o vocábulo “ocultismo”, da conotação de assunto de feira ou de palco, de interesse inferior ou mesquinho.

O Ocultismo, a Ciência Oculta, o Esoterismo, nomes quase sinônimos perfeitos, designam um movimento cultural e filosófico, quase religioso, que conta tantos séculos de existência como o próprio homem.

Em todos os tempos, em todas as eras, em todas as civilizações podemos encontrar a preocupação do homem pelo lado oculto das coisas e dos fatos, pela razão oculta que move o próprio Universo, preocupação que tem levado todas as civilizações e todas as culturas à DIVINDADE.

Essa preocupação do homem nunca foi esporádica, nunca ocorreu só aqui ou ali. Tem ocorrido em todos os lugares e foi formando uma cadeia. Sempre que alguém permitiu que o pensamento o levasse a considerações metafísicas sobre o lado oculto das coisas, inapelavelmente encontrou quem o secundasse e quem – depois de haver aprendido o caminho já percorrido pelo antecessor – levasse mais adiante a busca e as observações, para que chegasse a outros discípulos o manancial dos conhecimentos que recebera e que enriqueceu com seu trabalho e com suas buscas pessoais.

Essa transmissão do conhecimento em cadeia tem constituído e gerado – perpetuando-os – os movimentos ocultistas e dela nasceram as Ordens Ocultas, que têm se desdobrado no curso dos séculos.

Os ensinamentos e conhecimentos transmitidos pelas Ordens Ocultas formam a TRADIÇÃO, a “KABALAH” de Israel, e são absolutamente harmônicos entre as diversas Ordens Ocultas, diferentes – apenas – na forma e nos aspectos exteriores da Doutrina.

Tradicional deriva de TRADIÇÃO, e em Ocultismo é denominado assim tudo quanto se ajusta e se amolda a ela.

A denominação deste volume adota o adjetivo, exatamente com essa acepção, pois os ensinamentos contidos nesses *Temas* estão inteiramente de acordo com a Grande Tradição o que, ademais, era de se esperar, em razão da pena da qual se originaram.

Possam, pois, estas páginas trazer alguma iluminação ao caminho que percorre o estimado leitor, em sua ascensão ao MONTE TABOR.

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

“... Nada dura eternamente, meu irmão, e é necessária uma longa pausa para que a música alcance sua perfeição.”

“O Jardineiro de Amor”

Rabindranath Tagore

Toda incumbência que damos a nosso próximo é uma forma dissimulada de nos liberarmos de um peso próprio. Também é, até certo ponto, uma honra. Tais foram as primeiras reações que a incumbência de apresentar ao leitor o autor desta obra provocaram. Em tal ocasião, ambas as reações estavam justificadas, já que não é coisa fácil apresentar de forma imparcial o mestre a quem devemos a vida física e espiritual ao mesmo tempo.

As fases sucessivas de deslumbramento, temor, rejeição, confiança e respeito profundo, que todo contato entre discípulo e mestre origina, aconteceram entre o apresentador e o autor, matizadas de afeto filial e iluminadas, ao mesmo tempo, por este. Se no princípio de toda relação entre mestre e discípulo é imprescindível uma submissão total e uma confiança ilimitada, a própria lei da vida obriga a romper vínculos posteriores. No final, chega-se à simbólica “morte” do mestre. Esse processo já é ascendente, e representa o rompimento – aos olhos do discípulo – do cordão sutil, tanto forte quanto invisível, que liga o iniciado a seu iniciador. A segunda fase começa quando o discípulo descobre por si mesmo quão risível e fictícia é a morte do mestre que vive, então, eternamente no coração jovem, vindo a cumprir-se as palavras e o exemplo de Jesus Cristo.

Seguindo a lei oculta que diz que todo processo é cíclico e que se repete inumeráveis vezes no largo caminho da evolução espiritual, podemos dizer que toda leitura de um texto sobre Ocultismo, todo ensinamento recebido, deve seguir a mesma lei quanto à formação do discípulo. Assim, pois, leitor amigo, desejamos que a primeira leitura das páginas seguintes suscite, em primeiro lugar, um sentimento de admiração e de assentimento: uma espécie de digestão inconsciente das idéias recebidas. Algo assim como o “coagula” alquímico. Se o cérebro não se deixa deslumbrar e a mente analítica começa logo a formular dúvidas e a fazer perguntas sobre a validade, a justificação e, inclusive, o valor objetivo do que o texto tenta transmitir, então o processo de “solve” começa e o alimento intelectual começa a decompor-se e a transformar-se em ensinamento que o levará, uma vez postos em prática os princípios e as idéias do autor, já feitos seus, à sabedoria e à certeza espiritual.

O autor nasceu em terras de Espanha, no final do século passado. Às margens do Mediterrâneo, entre o mar e as montanhas filhas do Fogo, os Pirineus, a doce Catalunha ainda sonha com trovadores, mensageiros de tradições de espírito cavaleiresco. A língua dos cátaros (barbaramente aniquilados por um poder que dois homens levaram ao maior extremo de violência e crueldade), o cátaro, o catalão, vive ainda entre a água e o fogo. No centro de uma planície ergue-se, antigo fundo de um mar interior, a silhueta recortada em azul anil sobre um suave céu azul, da montanha de Montserrat. Nesse mesmo lugar Wagner colocou sua Montsalvat. Montserrat: montanha cerrada; Montsalvat: montanha salva. Vale à pena aprofundar-se nessa analogia. A “casa pairal”¹ da família encontrava-se perto daquelas paragens. Ali, ainda hoje alguns monges mantêm vivos o gênio catalão e a vida mística, escura e discreta da ordem de São Bento. O autor, que fez seu o nome de Parsifal, restituindo-lhe o sentido latino de PERCEVAL, veio à luz numa quarta-feira santa, por volta da meia-noite.

¹ Nome dado na Catalunha à casa paterna onde nascem os filhos e onde vive o herdeiro.

Para os leitores que estejam familiarizados com a Astrologia, saltará aos olhos que PERSIVAL tem o sol no signo de Áries, situado na terceira casa. É, pois, uma mente eminentemente investigativa, com o firme propósito de não obedecer a nenhuma outra lei que não seja seu próprio critério e sentido comum. Esta posição também denota um espírito autodidata, muito atraído e formado pelo Ocultismo escrito. Tendo em conta o pouco que de literatura esotérica se podia encontrar numa época de pós-guerra, PERSIVAL gastou, nos mercados de usados nas manhãs de domingo, mais tempo e solas de sapatos do que dinheiro.

As primeiras leituras teosóficas do primeiro quarto de século foram decisivas para o autor que apresentamos: nunca esqueceu personagens como Blavatsky e Annie Besant, para citar só dois dos brilhantes escritores que puseram a metafísica hindu ao alcance de uma Europa que começava verdadeiramente a encurtar as distâncias com as grandes religiões do passado. E, pelo que sabemos, teorias ou ensinamentos posteriores tampouco vieram a contradizer em nada, no espírito do autor deste livro, as bases teosóficas. Seja dito de passagem que de modo algum ele concordou com a tradução do termo anglo-saxão “theosophist” por “teosofista”, ao invés de teósofo ou “teosófico”, segundo se trate de um nome ou de um adjetivo. Tal procedimento pareceu-lhe – inventado pela mente cáustica de um grande ocultista francês, René Guenon, - lamentavelmente ignorante, senão maquiavélico. Os sofistas gregos não tinham, desafortunadamente, nada de filósofos e menos ainda de amantes ou “buscadores do conhecimento de Deus” que seria, talvez, uma melhor tradução da palavra “teósofo”. Esse termo havia sido criado pelos filósofos alexandrinos do século III e utilizado logo pelos iluminados alemães, de Agripa a Boehme e Paracelso, antes de ter sido ressuscitado por Swedenborg e a escola francesa de Saint-Germain e Louis Claude de Saint Martin. Todos eles, e principalmente este último, foram “*maîtres à penser*” de nosso PERSIVAL: ouvimo-lo, muito freqüentemente, dizer quanto deve aos grandes mestres franceses, assim como a seu universalismo e gênio de síntese. Quanto deve ao rigor mental e à precisão analítica de um Mc Gregor Mathers e de Dion Fortune, ingleses que abasteceram mentes européias com conceitos cabalísticos extremamente abstratos e árduos. Finalmente, PERSIVAL menciona com freqüência seu contemporâneo, o grande ocultista Enel, a quem diz dever muito: este personagem unia o gênio e a vivacidade eslava à longevidade e a profundos conhecimentos em egiptologia, que uma longa permanência nesse país lhe havia feito reviver, apagando até certo ponto, o que nós chamamos a fronteira do tempo.

Levemos em conta também a influência da clareza mental de que Stanislas de Guaita dá provas na sua conhecida trilogia, assim com a influência de Papus, que mesmo sendo um divulgador por excelência, não deixa por isso de ter uma profundidade de pensamento e um atrevimento insuspeitado para trazer à luz do dia e desenvolver temas que Eliphas Levi tinha apenas apontado. Finalmente, não podemos deixar de mencionar o extraordinário alcance das prodigiosas mentes de Saint Yves de Alveydre e de Fabre d’Olivet, o primeiro com suas obras sobre as “Missões” das raças que conduziram à Humanidade; o segundo com a “História Filosófica do Gênero Humano” e com seu estudo sobre “A Língua Hebraica Reconstituída”.

Estamos tentando, em primeiro lugar, dar um método para abordar o pensamento do autor. Esperamos que este rápido esboço de sua personalidade e daqueles que contribuíram com sua formação intelectual tenha ajudado para sua melhor compreensão. Quanto ao fruto da análise da via intelectual seguida pelo autor, isto depende inteiramente do leitor. Servindo-nos de termos de Fabre d’Olivet, poderíamos dizer que o Conhecimento se transmite, antes de tudo, a quem o *Destino* julga apto para recebê-lo. O propósito deste livro é completar o trabalho de uma vida de ensinamentos orais, deixando nas mãos da *Providência* o que a *Vontade* do homem fez que entendesse dos mistérios da Divindade.

Resta, pois, agora sob a inteira responsabilidade do leitor, continuar a leitura deste livro com certo sentido da metáfora e um grão de bom humor, com o coração aberto e a inteligência desperta, a fim de que uma apreciação racional e justa deixe lugar para o despertar da intuição. Esperamos que as palavras de PERSIVAL, o homem que vale por si mesmo, possam ajudar outros homens a pensar

por si mesmos e a agir por si mesmos. É necessário que todo conhecimento se transforme em ação, fixando no quaternário – ou na cruz se preferir – toda realização interior que estas e outras páginas possam sugerir.

É no mundo objetivo que nasce o homem da Torrente; é no mundo interior que se realiza o homem de Desejo. Dia a dia, segundo após segundo, devagar e inevitavelmente. “...Pó, suor e ferro, ‘El Cid’ cavalga”, diz o romancelheiro castelhano. “...Sangue, suor e lágrimas”, o “SI” trabalha. Com a mesma pressa com que avança o caracol, como se as pequenas coisas da vida, que vão passando, não fossem passando, à luz da simplicidade e da bondade, com a ajuda dos Mestres e a Graça de DEUS, o “SI” trabalha. O único modo de avançar no caminho da iniciação é levantar-se, tomar sua cruz e começar a andar, caminho adiante, seguindo o exemplo de Quem soube amar-nos com uma inteligência e uma sabedoria sobre humanas, precedendo-nos com o exemplo da plena aceitação de sua condição humana, antes da sua gloriosa Reintegração.

Possa este livro ser uma pedra no caminho. Possa PERSIVAL receber por isso, e por haver-se feito quem é toda nossa gratidão filial.

Sephorah

REVELAÇÃO

Era a tarde de um domingo de inverno. Finalmente havia-se cumprido meu desejo de ficar sozinho em casa. Durante todo o dia tinha sentido uma estranha inquietação que me impulsionava a pensar, sem que pudesse precisar em quê. Não tinha nenhum problema concreto que me preocupasse, e estou certo de que se o tivesse, o teria afastado, porque minha alma não estava em condições, naquele dia, de dar importância às coisas do mundo. Até na hora de comer tinha tido duas ou três confusões absurdas. Depois minha família saiu e suponho que a maioria dos vizinhos tivesse feito o mesmo, pois em toda a casa reinava um grande silêncio, coisa muito pouco frequente.

Fui ao meu escritório para ler um pouco, abri as portas de vidro da estante e fiquei em suspenso. O que queria ler? Não sabia. Meu olhar percorreu os títulos de uma maneira vaga: no armário da esquerda, obras profissionais de engenharia, de química, de matemática, de biologia e outras ciências de aplicação; no da direita, obras de especulação filosófica em estranha confusão: Spengler, Carrel, Santo Tomás, Blavatsky, Moisés, Bergson... Peguei três ou quatro deles e me aproximei da sacada e antes de sentar-me, atraído pelo fragor composto pelos mil ruídos que vinham da rua, saí. Sob as teias que formavam os galhos e ramos sem folhas das árvores da calçada, ia e vinha a gente típica de um domingo à tarde. Os bondes, cheios de passageiros pendurados nos estribos e onde mais podiam, passavam fazendo ressoar suas ferragens e o roncar de seus motores que como que se tornava cada vez mais grave até extinguir-se nas paredes. Os carros pareciam brincar de perseguir-se e escolher-se mutuamente num impressionante e perigoso carrossel citadino.

Esponaneamente me veio ao pensamento a interrogação: toda aquela multidão sabia realmente aonde ia? Era provável que de uma maneira imediata, sim; mas e depois?... E depois?... E mais adiante ainda?...

Entrei e depois de fechar as janelas da sacada, sentei-me numa cômoda poltrona tendo os livros que havia escolhido ao alcance da mão. Mas me voltou o mesmo pensamento: ...sabem aonde vão?.... E depois?... Depois?...Sabemos aonde vamos?... E de onde viemos?...

Eu não sei o porquê, mas de imediato tive a impressão de que esse problema de transcendência terrível, que já em outras ocasiões se me havia apresentado, haveria de se esclarecer imediatamente, naquele mesmo instante.

Imediatamente, essa idéia apoderou-se de mim de maneira absoluta. Foi uma verdadeira obsessão. As obras que tinha escolhido da estante – casualmente? – tratavam de diferentes pontos de vista sobre o tema que tanto me absorvia e, ainda que já os houvesse lido, voltei a repassar suas páginas para ver se alguma outra interpretação que me tivesse passado despercebida, viria esclarecer o que tinha ficado confuso em leituras anteriores. Trabalho inútil. Cada vez mais intrigado, inquieto, deixava um livro para pegar outro, voltava ao primeiro, repassava os índices, as notas, lia capítulos que já sabia quase de memória. Tudo em vão.

A tarde estava declinando e já não distinguia bem as palavras, no crepúsculo. A metade do disco solar já tinha desaparecido atrás da montanha de São Pedro Mártir, mas seus últimos raios, passando quase horizontais entre as persianas da sacada orientada na direção do poente, projetavam sobre as paredes já na penumbra e nos quadros pendurados, círculos luminosos que se espalhavam lentamente, como se alguém que eu não visse, buscasse algo ajudado por lanternas. Dentro do escritório operava-se uma verdadeira fantasmagoria de cores e quando a luz dava nos bronzes, estes pareciam de ouro velho. As lombadas dos volumes da estante atrás dos vidros que os protegiam, adquiriam tons brilhantes, multicores, ora vermelhos, ora azuis, ora verdes. Até a policromia do tapete persa e o veludo das cortinas tomavam aspectos insuspeitados ao serem feridos por aqueles raios mortiços do sol que se ia...que se ia?... Aonde?

A penumbra se estendia rapidamente pelo escritório convidando ao recolhimento e, como por outro lado começava a sentir frio, coloquei sobre as costas, cobrindo inclusive a cabeça, a manta que, quando lia, tinha sobre as pernas. Fui descansar num sofá que havia num canto, sentando-me à oriental para cobrir-me melhor. Antes, tinha acendido uma vareta de incenso, coisa que tinha por costume quando queria fazer um pouco de meditação.

Depois das breves e conhecidas práticas de concentração, foquei minha mente sobre o problema que vinha preocupando-me, com toda energia no princípio, depois, pouco a pouco a fui diminuindo, até tomar uma atitude passiva, como se esperasse uma resposta.

Já não sentia frio e um suave calor que começava no final da coluna vertebral ia subindo pelo tronco, exatamente como se estivesse submergindo num banho de água morna, produzindo-me uma prazerosa lassidão.

Diante de mim e em fraca penumbra, se desprendiam do incenso três ou quatro fios de fumaça que subiam verticalmente num tremor progressivo por uns dois palmos; depois se enroscavam em círculos concêntricos, para acabar esvanecendo-se.

Quando aquele calor do qual falava me chegou à cabeça, passou-me algo estranho. O pulso batia fortemente, a respiração, ao contrário, era lenta e profunda. Sentia frio nas mãos e os ouvidos começaram a zumbir. Apesar disso eu estava perfeitamente sereno e durante o transcurso de tudo o que vou relatar não perdi a consciência de mim, ao contrário, parecia que eu era ainda mais eu mesmo.

Tive a impressão de que as evoluções cinza da fumaça do incenso se multiplicavam e cresciam. Toda a sala estava cheia de uma neblina que, começando como cinza opaco, foi-se tornando gradualmente luminosa, ao mesmo tempo em que se coloria em suaves gradações. No lugar onde se formavam as espirais de fumaça já havia um verdadeiro torvelinho. Tive uma espécie de vertigem e um desejo louco de precipitar-me por aquele rodameiro como se tivesse que atirar-me num abismo.

Alguns momentos depois, e ao mesmo tempo em que o rodameiro se extinguia como se fosse feito de névoa condensada, foi-se desenhando uma figura humana, ou melhor, um busto, pois o resto do corpo se perdia difuso na névoa. As cores do ambiente se fizeram mais vivas e tomaram uma intensidade vibrátil.

O rosto era de um homem de idade madura. Tinha os cabelos longos e a barba não muito crescida, usava túnica e capa brancas, esta última adornada por gregas douradas. Uma fita do mesmo desenho lhe sustinha o cabelo rodeando-lhe a testa. Sobre o peito, à altura do coração e pendurado do pescoço por uma corrente, me pareceu que carregava uma estrela de sete pontas, mas nessa altura a figura já era bastante difusa e, portanto, não posso precisá-lo. A expressão era de tão grande dignidade e energia que inspirava temor, mas que bem rápido transformou-se num íntimo sentimento de admiração e ao mesmo tempo de proteção, parecido, ainda que muito mais intenso, com aquele que nos produz a presença do pai, quando somos crianças.

Tive imediatamente a certeza de que o conhecia, mas não me era possível saber quem era nem como se chamava. Torturei febrilmente o arquivo de minhas lembranças, mas foi inútil.

A figura foi-se perfilando melhor enquanto mostrava um sorriso benevolente e falou-me. Mas, coisa estranha, eu não percebia sua voz através do sentido da audição. Estou bem certo, de que esse sentido estava totalmente inativo. A voz falava dentro de mim mesmo. A força emotiva de sua expressão era muito superior ao da palavra corrente. Tão só podia compará-la ao sentimento que nos produz uma audição musical quando nossa alma está predisposta.

Continuava sorrindo e me disse: Não te esforces em querer recordar como me chamo. Poderias dar-me muitos nomes, uns conhecidos na história e outros na lenda, e todos seriam verdadeiros. Mas a memória mortal não pode recordar aquilo que não viveu, e esta é a primeira vez que nos vemos nesta tua vida. Apesar disso, imposto por carmas circunstanciais, convivemos muitas vezes no que chamamos de *passado*. Unidos, às vezes por vínculos familiares, outras por laços de amizade e em outras pelo afeto de mestre e discípulo, íamos forjando nossa alma, cada um em sua esfera, fosse guerreando na antiga Índia, fosse passeando em plácida conversa pelos jardins de Nínive e da Babilônia. Encontramo-nos de novo em Eleusis e em Crotona ^{NT}; escutamos as prédicas do Buda e vivemos nas selvas da Germânia, na Toulouse Albigense e nos castelos da ordem do Templo. Sob o sinal da Rosacruz, revisamos a ciência tradicional e acabamos, finalmente, por conviver em minha casinha perto de Versalhes, tentando agüentar a catástrofe que se acercava.

E agora, voltamos a ver-nos apesar de que não devíamos fazê-lo em tua existência presente, mas a força de teu desejo foi bastante intensa para vencer o débil destino que se opunha, e aqui me tens, em cumprimento do preceito que dispõe que quando o discípulo está em condições de receber novo conhecimento, o Mestre não deixará de apresentar-se.

De maneira fundamental, ainda que fragmentária, o problema que te preocupa tem sido exposto pelas religiões positivas sob o véu de seus mitos. Mas por desgraça, a ignorância, e a soberba humana tem transformado isso em dogmas, para decair finalmente em simples práticas rotineiras.

Devo, portanto, voltar sobre o tema que em outras ocasiões havíamos comentado e espero que tua intuição, já um pouco mais desperta, te permitirá aprofundar o que há por trás das minhas palavras. O que não possa alcançar tua faculdade intuitiva ficará para ti oculto e enigmático, pois, pela própria natureza da mente, se eu me expressasse puramente por símbolos ou por outros meios abstratos, tua memória pessoal não o assimilaria, e do que eu possa dizer-te só ficaria um conhecimento vago que não poderias explicar tu mesmo. Guarda-te, portanto, de antropofornizar o que são tão somente idéias, e de referir aos conceitos de alguma religião particular os mitos de que me tenha que valer.

E agora escuta, porque, deixando sob tua responsabilidade a frutificação do germe, vou semear. Mais além do princípio do tempo, numa condição inacessível a toda inteligência, por elevada que seja, reinava o Absoluto.

No Si mesmo do Absoluto, por razões inexplicáveis, aparece o desejo personificado no Arcanjo da Luz. Desejo de ação, desejo de superação, desejo de paternidade. E a insistência absoluta se transforma em existência.

Mas, por Lei de necessidade, a expressão da Luz precisava de uma natureza iluminável para não perder-se no vazio. O desejo de ação, de um sujeito passivo; o desejo de superação, de um elemento perfectível; a ansiedade de paternidade, de um fator maternal. E isto foi Maya, a irre realidade absoluta, e assim começou o Tempo.

A própria vida do Arcanjo fragmentada em incontáveis miríades de Mônadas espirituais, se espargiu pelos espaços insondáveis, sem prejuízo da continuidade de sua unidade transcendental.

^{NT} Crotona foi uma antiga cidade-estado da Magna Grécia, situada no sul da Itália (atual Crotone, na Calábria). Foi fundada pelos aqueus (Os Aqueus foram os primeiros gregos a chegarem a ocupar parte do mediterrâneo) no século VIII a.C. Foi importante centro cultural e político e disputou a hegemonia da região com sua cidade rival, chamada Síbaris. A cidade de Crotona também foi importante para a filosofia: Pitágoras passou um tempo razoável na cidade e parece ter influenciado na vida política e Filolau, que revelou aspectos secretos do pitagorismo em um livro, também era desta cidade.

E aparecem átomos e estrelas, moléculas e constelações, células e sistemas, em suas combinações infinitas, pois os poderes do Arcanjo sobrepujam muito extensamente tudo quanto a mísera imaginação humana possa atribuir ao conceito de Deus.

E todo o Universo teve como substância de suas formas *Mayavicas*, aquelas Mônadas que, em escala incomensuravelmente reduzidas, reproduziam as condições de seu Pai espiritual, de sua origem cósmica. Desejosas de chegar a ser, por sua vez, um criador e de chegar a ser outras tantas fontes de Vida, adentraram nas inumeráveis possibilidades da manifestação.

Mas a ação da Vida como Causa Única da manifestação precisava, para ser essa causa, produzir um efeito. Assim nasceu esta lei inexorável que relaciona toda ação a seu resultado, que é o Karma, Destino ou Fatalidade. É certo, portanto, que todos os Universos que povoam o espaço, e o que possam conter, não são mais que a expressão da Vida atuando no tempo, dentro dos limites do Karma que a própria Vida vai criando. Tal é a criação perene.

Impulsionadas pela expansão da Vida, as Mônadas tenderam a desagregar-se, a diferenciar-se, a individualizar-se, mas, atraídas por sua fraternidade espiritual, buscaram a companhia, a simpatia, a comunidade. As duas tendências se equilibraram originando um Cosmos composto por hierarquias dentro de hierarquias, onde toda individualidade é sempre relativa e toda Unidade uma pura abstração.

Por outro lado, os impulsos simultâneos de dispersão e de agregação criaram o equilíbrio universal, enquanto que a possibilidade de identificação ou diferenciação total se resolvia na semelhança. Assim, o Universo se sustenta pelo equilíbrio e se expressa pela analogia, e daí deriva o movimento no ritmo e a diversidade dentro da unidade.

Definidos esses princípios fundamentais, a fim de abreviar, descerei vertiginosamente a escala das hierarquias espirituais até chegar àquela que forma o gênero humano, a flor do insignificante planeta Terra, mas à qual podes aplicar, guardando as devidas proporções, tudo quanto acabo de dizer-te.

Deixo de lado a imensa coletividade biológica que integra o homem vivente, apesar de seu estudo ser objeto de fecundíssimos ensinamentos, para referir-me ao que entendemos por alma Humana e, neste caso, a tua própria servirá de exemplo.

Pelo que disse já sabes quem és e de onde vens. Conheces teu princípio imortal e tua descida à matéria como Karma daquele desejo de superação primitivo. Aperfeiçoando tua inteligência na prática constante da ação, chegaste ao homem presente. No curso da evolução da terra, continuarás sendo homem e tua mentalidade, completamente desperta no final, te dará o poder de criar, destruir e transformar a matéria física sendo já, dentro deste campo, um autêntico criador.

Mas o progresso criador do homem não deve acabar no mundo físico, deve chegar a ser um criador de vida, de vida consciente, e neste aspecto será tão extenso e magnífico que sua glória e esplendor não conhecerão limites.

Tu, como todo homem, és Adão e na vida fácil do Paraíso chegaste à máxima penetração da matéria. Sob a proteção maternal dos Anjos Lunares, criadores das formas, eras o ser inocente cuja evolução havia chegado a um ponto morto. Mas, o quietismo é incompatível com a vida e as hierarquias que, desde regiões mais elevadas que aquela dos Anjos Tutelares, deviam encarregar-se de ti na nova etapa de glória que te esperava. Decidiram submeter-te à Grande Prova: era preciso ver se de teu interior brotava uma nova modalidade de vida, uma nova forma de expressão além das que já te eram próprias.

Tinhas uma companheira que foi tentada e comeu da fruta proibida. Ela já estava em teu nível na escala evolutiva, mas pela desobediência aos preceitos dos Anjos Lunares, que em suas funções maternas buscavam vossa felicidade na prolongação de um estado de infantilidade mental, subiu bruscamente a um nível intuitivo insuspeitado. As faculdades intermediárias degeneraram e a psique feminina tornou-se tanto a própria de um ser angélico, como a presa das mais egoístas paixões.

Diante desse ser desequilibrado tinhas que decidir teu porvir. Disseram que eras livre para compartilhar ou não de seu estado. Fizeram-te ver as inúmeras penalidades que te traria unir a ela vossa sorte, que conhecerias muitos aspectos novos da vida, mas também os que correspondem à morte.

Aterrorizado vacilaste, mas era tão bela, tão delicada, que sentiste dentro do coração a necessidade de protegê-la, de ampará-la. E esse impulso foi tão intenso que prescindindo de toda conveniência imediata, tomaste um fruto e o mordeste com decisão.

Um canto de Aleluia ressoou até os últimos confins do sistema solar, entoado pelas hierarquias que esperavam a tua reação.

O homem, o filho primogênito de sua irmã Terra, tinha passado o ponto de volta da evolução: tinha manifestado pela primeira vez uma centelha de espiritualidade. Seu coração tinha batido ao impulso do amor. O primeiro passo para transformar-se de criatura em criador havia sido dado, pois o Amor lhe facilitaria, com o tempo, o acesso aos domínios da vida. Enquanto isso, sua testa levantou-se para receber o beijo inspirador das Musas.

Desde então o Eterno Feminino, tem dado o germe de todos os teus pensamentos e, portanto, de todas tuas ações. Por trás das maiores criações, como por trás dos crimes mais abjetos, sempre tiveste a inspiração feminina, consciente ou inconsciente. Assim passaram os anos e os milênios no curso relativo do Tempo.

Em tua alma, o amor ia se desenvolvendo e um dia glorioso, que voltou a comover o fundo espiritual da criação, desabrochou a flor mais delicada que o amor pode produzir: “O Altruísmo”. Naquele dia nasceu em ti, o Cristo.

Desde aquele instante foste consciente do feito transcendental da Fraternidade, que relaciona tudo o que o Cosmos contém. Tua inteligência consideravelmente desperta na longa experiência vivida, te fez compreender que a Fraternidade não tem nada a ver com a Igualdade, por isso a relação entre os homens só podia resolver-se ao longo de uma extensa cadeia de direitos e deveres, conseqüentes uns dos outros, e cuja expressão final era a particularização humana da lei universal do Sacrifício. Do Sacrifício do que vale mais em benefício do que está mais atrasado na evolução. Vendo isso claramente, se explica o aparente problema do Mal.

Assim, pelo triunfo do Cristo sobre o Mal pela prática do altruísmo, foram abertos os caminhos da Reintegração e o Sangue que se derrama de seu coração cheio de amor, foi o autêntico trabalho de redenção. E se, pelo uso da analogia do conceito do Cristo Humano, passarmos ao do Cristo cósmico...

.....

Nesse momento, subiu da rua o forte ruído de um choque, seguido de um grande estrondo de vidros quebrados, de retorcer de ferros, e de vozes humanas que combinavam gritos de dor e alarido de espanto. Voltei a meu estado de consciência normal enquanto sentia uma forte sacudida no coração, como se me houvessem dado uma pancada. Tinha as mãos geladas, mas tão molhadas de suor, como se acabasse de tirá-las da água. Sentia-me muito fatigado e custou-me um esforço

considerável pôr-me em pé. As últimas luzes do crepúsculo lutavam ainda, perseguidas pelas sombras crescentes, que já se haviam apoderado dos cantos da sala.

Atraído pela curiosidade saí para a sacada. Na sacada do lado estava o vizinho, me saudou amavelmente e, enquanto olhávamos as pessoas que se ajuntavam na rua ao redor de um bonde e de um automóvel que tinham se chocado, me disse: - Viste que desgraça? -. Eu presenciei tudo, pois antes que acontecesse, tinha saído para ver o pôr-do-sol. Um menino que ia com seus pais, soltou-se de sua mão e brincando, desceu da calçada no momento em que passava um carro a grande velocidade. Enquanto a mãe gritava aterrorizada, o pai avançou para salvá-lo, mas não pode evitar que ele mesmo fosse vítima do choque, que devido à falsa manobra do carro, se deu com o bonde que cruzava naquele instante: olhe, agora o tiram.

Da sacada pudemos ver como, meio que o arrastando, retiravam o corpo de um homem depositando-o sobre a calçada. Tinha a flexibilidade de um boneco de pano e devia ter feridas muito graves, pois quando o deixaram no solo, logo se formou sobre o cimento, ao redor de sua cabeça, uma auréola de sangue, que ia crescendo rapidamente. Parecia mentira que um corpo pudesse ter tanta quantidade de sangue. Logo chegaram as ambulâncias que o levaram junto com outros feridos desse trágico acidente.

Entrei e enquanto meditava sobre os fatos extraordinários daquela tarde inesquecível, o bulício que vinha da rua ia-se extinguindo pouco a pouco. Mas as palavras do Mestre, referentes à lei do Sacrifício, ao Amor e ao Altruísmo, ressoavam claras e precisas em meu coração, vitalizadas pela minha natureza emocional, sobreexcitada na contemplação daquele fato nada transcendente da vida da cidade.

No dia seguinte, ao sair de casa, vi ainda sobre o pavimento da calçada perto do cruzamento, uma mancha marrom. As pessoas, ignorando sua procedência, passavam sobre ela, enquanto ia-se apagando com o roçar dos sapatos sujos de todas as imundícies da rua, a marca daquele sangue generoso, veículo de uma vida, cuja origem remontava à própria divindade. Sangue de sacrifício derramado de uma vida plena de homem inteiro, no salvamento de um terno menino, que ainda não era mais do que uma promessa incerta para o amanhã.

Uma vez mais, sob a implacável lei do sacrifício ia perdurando a vida do futuro... Até quando?... Até quando?

Fazia-se tarde para ir ao trabalho do qual dependia a minha subsistência e a de minha família. Levantei a gola do abrigo, meti as mãos nos bolsos e segui rua abaixo. Na densa neblina da madrugada ia-se esfumando tudo o que deixava para trás, enquanto descortinava novos panoramas à minha frente à medida que ia avançando, para desaparecer tão logo os havia passado. Parecia que a ação de andar, conseguida a expensas da vida celular, ia criando e destruindo tudo o que me rodeava. Parecia que era a minha ação que originava o porvir e que aniquilava o passado.

Um calafrio me sacudiu, enquanto pensava: “É assim a Vida?...”

Barcelona, Outubro de 1971.

UMA QUESTÃO DE BIOLOGIA OCULTA

Entre a grande quantidade de obras publicadas sobre questões de ocultismo, há uma que apresenta especial interesse para os estudantes avançados. Referimo-nos a “Serpent Power”, do inglês *Avalon*. Nessa obra estuda-se, com todos os detalhes, a manifestação no homem de uma força ainda desconhecida pela ciência oficial do ocidente, mas bem experimentada pelo tantrismo oriental. Seus iniciados a denominam “kundalini” e a traduzem por “o fogo serpentino”. Localizam-na na base da coluna vertebral, onde jaz enrolada como uma serpente adormecida. Mediante certas meditações e concentrações mentais, essa força é suscetível de ser despertada, desenvolvida e dirigida em sentido ascendente até chegar ao cérebro, onde despertará as glândulas cranianas denominadas hipófise e pineal. A entrada em atividade dessas glândulas provoca uma série de fenômenos extraordinários.

Primeiramente a aquisição, pelo interessado, dos sentidos psíquicos de clarividência e clariaudiência, assim como o aperfeiçoamento da intuição em grau superlativo. Em segundo lugar a aparição na aura do praticante de dois raios luminosos emanando de sua testa, como se costuma representar Moisés na iconografia cristã, ou na forma de um halo luminoso ao redor de sua cabeça e que, nas imagens dos santos, é representado por uma coroa circular.

Naturalmente, a coisa não é tão simples como parece, já que essas manifestações têm sempre um caráter vibrátil e colorações continuamente mutáveis.

Toda essa fenomenologia tem lugar no que se denomina, normalmente de mundo etérico, que não é mais do que uma extensão do mundo tridimensional de nossos sentidos, e que compreende quatro estados da matéria, com suas leis próprias a cada estado, tão diferentes entre si como possam ser as dos sólidos, as dos líquidos e dos gasosos.

Nesse mundo etérico, que a técnica atual apenas começa descobrir, se produzem todas as coisas que têm por base a eletricidade em suas múltiplas manifestações. Segundo o estado em que se apresentem, serão casos de transmissão de força, ou casos de energias químicas, luminosas ou biológicas, ou outras de eletro-magnetismo, ou ainda, de transmissão nervosa, de fluidos vitais hipnóticos ou terapêuticos, etc., etc. Nossos conhecimentos atuais não nos permitem uma classificação mais precisa, apesar dos maravilhosos avanços teóricos e práticos no campo da eletrônica.

E não é preciso dizer o que será possível realizar no dia em que, pela evolução natural da raça, entrem progressivamente em função os 80% das células cerebrais que hoje se considera que ainda estejam num estado de sonolência, na grande maioria das pessoas de nossa época. E, se forem estimuladas pelo “fogo serpentino” de que estamos falando, já que em seu trajeto ascensional ao longo do corpo, porá em atividade outras glândulas ou centros de muitas funções diferentes, que darão matizes especiais às atividades superiores das glândulas cranianas. Tudo quanto acabamos de dizer não são divagações de “ficção científica”, mas realidades que só esperam, para manifestar-se, encontrar seres humanos de qualidades adequadas para merecer, com toda justiça, a denominação de super homens. Parece que um estado de elevado misticismo pode facilitar a obtenção das condições imprescindíveis. São muitos os indícios que levam a crer que todo o intrincado simbolismo alquímico não é mais do que uma maneira alegórica de explicar o processo para chegar a realizar a “Grande Obra” *no próprio alquimista*².

Agora, deixando ao critério do leitor a análise de tudo o que acabamos de expor e apoiando-nos em considerações anatômicas e na universal lei da analogia, atrevemo-nos a expor uma idéia que pessoas mais autorizadas cuidarão de consagrar ou de rejeitar, se nossa boa vontade for incapaz de encontrar um bom caminho.

² Gichtel – Tésosophie Pratique (Teosofia Prática).

É evidente que toda função orgânica num ser precisa de uma víscera ou origem que a realize e, ao mesmo tempo, que fixe sua localização dentro do organismo.

A situação do “Fogo serpentino”, na base da coluna vertebral, nos indica uma série de circunstâncias especiais, que são:

1º - Localização de uma extraordinária energia etéreo-biológica na parte inferior do eixo vertical de sustentação e de simetria da figura humana.

2º - Proximidade das glândulas onde acontece a redução cromática celular, indispensável para a adequada formação dos gametas masculinos e femininos, cuja união deve dar a reintegração do número de cromossomos próprios de toda célula normal, origem de um novo germe de ser, ou seja, o óvulo fecundado.

3º - A proximidade de zonas eróticas cujas excitações comportam a criação de intensas – relativamente – correntes eletro-nervosas, que sobem até as vísceras nobres tais como o coração e o cérebro e que, humanos e animais, conhecem perfeitamente.

4º - Em circunstâncias normais estas correntes eletro-nervosas determinam características psíquicas de um dinamismo especial. Quando, pela idade, enfermidade ou castração desaparece este foco de energia, as atividades psíquico-físicas decaem de uma maneira patente até converter um touro num boi, um cavalo de montaria num pacífico cavalo de charrete ou um homem guerreiro e de ação num ser passivo, indiferente, ou de um misticismo doentio.

Em todos os vertebrados – incluídos os homens – quando o “fogo serpentino” é estimulado, seja pela cólera, seja pelo ciúme, seja pelo pânico, aparece a fera ancestral, com os sinais exteriores mais conhecidos, tais como: eriçamento dos pelos do corpo, gritos, derramamento de líquidos (lágrimas, baba, urina, etc.), aceleração cardíaca, perda da prudência, temeridade, etc. etc. tudo em função da perda de controle mental.

Em seu estado latente todos os vertebrados possuem, em maior ou menor grau, este centro de força ativa como uma dentre tantas atividades biológicas. A diferença entre homens e animais está em que o homem pode despertar esse fogo e dirigi-lo para o cérebro, se quiser, já que sua evolução o permite. Existem casos, muito lamentáveis, de despertar prematuro por indivíduos não capacitados que levou-os a crises de loucura erótica, geralmente incuráveis.

Nos animais isso não é possível, já que pelo próprio destino, não estão em condições de um despertar de forças desta qualidade, mas seu organismo fisiológico, análogo ao humano, vai produzindo as energias que permanecem latentes. Afortunadamente, a sábia Natureza proveu-os de um elemento de descarga, inexistente no homem: a cauda. Com efeito, todos os animais vertebrados, atuais ou pré-históricos, quadrúpedes, pássaros e peixes, têm cauda, por cujas pontas ou pelos, podem expulsar a força eletro-nervosa que lhes sobra e que sempre escapa pelas pontas.

Todos já vimos os movimentos que os animais dão à sua cauda quando estão sob a influência de uma forte emoção, tanto de cólera como de alegria. Recordemos a rigidez da cauda dos cães domésticos quando esperam o momento do disparo do caçador, e como a transforma em gestos de alegria, quando encontra a presa abatida. Será por acaso ou por inspiração intuitiva que todos os artistas místico-eróticos que pintaram o diabo, lhe atribuíram uma longa cauda, ainda que ninguém jamais o tenha visto?

Todas estas considerações, e outras muitas que poderíamos formular, não têm nenhum outro objetivo a não ser dar uma amostra do muito que podemos aprender nesse livro aberto diante de nossos olhos, que é a Natureza.

SANTIAGO DE COMPOSTELA

A humanidade comum tem necessidade de mitos e de fábulas que a façam aceitar as verdades profundas que sua mentalidade, ainda voltada às coisas banais da existência material, não permite alcançar. Esta humanidade está sedenta por satisfazer suas necessidades emotivas, tanto mais intensas quanto mais as atividades mentais estiverem diminuídas. A infância mostra-nos essa inclinação. Todos já vimos crianças escutando, com a boca aberta, contos de fadas ou as aventuras imaginárias de animais que falam. No campo, são bem conhecidos os contos que o avô conta à família reunida no lar, nas longas noites de inverno. Na Catalunha a expressão “*cuentos de la vora del foc*” (contos ao redor do fogo) adquiriu um valor real para indicar as relações imaginárias e simples.

O mesmo fenômeno apresenta-se coletivamente sob um grande número de aspectos, entre os quais o religioso. Quando adveio o Cristianismo, todo o fabuloso conjunto da Mitologia Clássica desmantelou-se lentamente. Seus últimos redutos foram os “povoados” romanos onde as novas idéias precisaram de muitos séculos para introduzir-se, por causa do instinto conservador que sempre demonstram aqueles que têm um pedaço de terra. Mas, finalmente, não se sabe muito bem como, muitas lendas, fábulas e milagres surgiam, que satisfaziam essa necessidade do maravilhoso que todo povo experimenta. Elas deviam, evidentemente, ter alguma relação com a Igreja daqueles tempos que, ignorante e fanática, era zelosa da sua missão e era ajudada pelo poder civil, com toda a seqüela de crueldades e despotismo característicos da época. Quando a Igreja tornou-se menos intransigente, aconteceu o movimento histórico chamado *Renascimento*. Novamente artistas e poetas buscam sua inspiração nos temas da Mitologia Clássica resultado, em parte, de uma imaginação exaltada, mas também da mais alta sabedoria, contanto que se saiba levantar o véu de seus mitos.

A lenda de Santiago de Compostela é uma das melhores da Cristandade, e nela encontram-se muitos simbolismos extremamente interessantes.

Tentemos analisar essa lenda. Diz-se que o Apóstolo São Tiago, depois de ter atravessado todo o Sul da Europa, veio morrer na Galícia, província espanhola situada no extremo Oeste do Continente. Em sua memória, a cidade onde repousa leva o nome de Santiago. Depois, veio a invasão árabe deixando raízes profundas no país, devido à sua longa duração. E, mais tarde, a lenta reconquista realizada sob uma longa série de batalhas que aconteceram em diferentes períodos.

Por ocasião de uma dessas batalhas, e precisamente uma das mais importantes, os cristãos que tinham lutado valorosamente, estavam a ponto de serem vencidos pelo exército islâmico, mais numeroso. Parece que havia um grande número de negros nas fileiras muçulmanas e não eram, então, todos árabes. Então aparece, vindo não se sabe de onde, o Apóstolo São Tiago, armado dos pés à cabeça. Montava um cavalo branco, carregava na mão esquerda uma bandeira branca atravessada nos dois sentidos por uma cruz de *gules* ^{NT}, em sua mão direita uma espada que brandia com uma facilidade admirável. Estava rodeado por uma aura luminosa e dizem que estava inundado de sol apesar das nuvens de pó próprias de todo campo de batalha. São Tiago, protegido por uma imunidade milagrosa, lança-se entre os combatentes e deixa, em cada cavalgada, um rastro de mortos e feridos. Cheios de pânico, os muçulmanos fogem envergonhados. Quando a vitória cristã foi consumada, a figura do Santo desapareceu sem deixar rastro.

O reconhecimento daqueles a quem esse milagre tinha favorecido foi grande e renderam ao Santo honras extraordinárias. Depois, as tropas espanholas fizeram de seu nome seu grito de guerra, a proclamação de “Santiago” e “*cierra España*”, lhes deu valentia para empreender as maiores

^{NT} *gules* - cor vermelha heráldica (estudo dos brasões), que na pintura se expressa pelo vermelho vivo e no desenho por linhas verticais muito espessas.

proezas. Formou-se também uma Ordem de Cavalaria místico-militar chamada “Cavaleiros de São Tiago”. Ainda que esta Ordem não tenha deixado nenhum feito notável na História, adornou convenientemente retratos e cerimônias.

A Igreja, sempre disposta a patrocinar as correntes de opinião suscetíveis de serem utilizadas para “levar água a seu moinho”, declarou São Tiago o patrono da Espanha e dedicou-lhe um culto especial. Esta é a lenda brevemente resumida. Mas, levando em conta o simbolismo que ela encerra, seu fundo esotérico é muito mais interessante.

A palavra Santiago é uma contração de Santo e de Yogui. Estes dois termos, um derivado do latim “*Sanctum*” e o outro do sânscrito, têm praticamente o mesmo sentido. Santo é, por definição, aquele que vive conforme os princípios religiosos. Yogui é aquele que chegou à União mística com Deus, o que, bem entendido, não se pode conseguir sem uma prévia identificação da vontade pessoal com a Vontade Divina. É evidente que só se podem somar termos homogêneos.

Ninguém ignora o perigo que ameaçava aquele que, na Idade Média e também mais tarde, tentava descerrar um dos véus com os quais a Igreja envolvia cuidadosamente seus Mistérios. Isso levava os esoteristas daqueles tempos a dissimular seus ensinamentos sob determinados simbolismos conhecidos somente pelos iniciados. Entre os símbolos mais usuais estava o da Alquimia, que conseguiu desviar tão grande número de pessoas atraídas somente pela febre do ouro e que não passavam do estado de “*soufleurs*”^{NT}. Eles não compreendiam que antes de obter o milagre de converter a matéria em ouro é preciso que o alquimista se realize como Santo, ou que tenha obtido as virtudes equivalentes. Esse milagre, que então é fácil, não acontece até que as coisas deste mundo, que podem ser adquiridas com ouro, estejam desprovidas de valor para o alquimista.

Encontrar a MATÉRIA BRUTA ou MATÉRIA PRIMA da qualidade requerida é a primeira dificuldade que se apresenta. Isso equivale a encontrar o homem cujas condições lhe permitem chegar a ser Santo. Essas condições são exatamente as mesmas necessárias àquele que quer chegar a ser Yogui. Trata-se de condições realmente sobre-humanas em sua perfeição, e muitos, apesar de terem provado possuir um espírito de sacrifício extraordinário, fracassam num caminho tão duro. Suas almas ainda não estão “maduras”, e devem esperar um destino melhor para obter sua plena realização. Seus METAIS ainda são muito pesados e sua alma não pode elevar-se às alturas que lhe são próprias. No momento, sua missão consiste em pôr em prática a antiga divisa ORA ET LABORA, na espera de tempos melhores. Quando chegue o momento oportuno, o MERCÚRIO dos FILÓSOFOS, a mentalidade abstrata que conduz à intuição, nascerá nesse homem, o que lhe permitirá distinguir claramente as finalidades a alcançar e os meios de chegar a isso. Aliviadas das escórias, as pequenas asas que MERCÚRIO tem nos pés e as que adornam seu elmo serão suficientes para elevá-lo naquilo que lhe faz falta. Se não forem suficientes, lembremo-nos de que ainda leva nas mãos o caduceu coroado por outras duas asas.

Finalmente, transformado num homem Santo e Sábio ao mesmo tempo, tendo obtido a dupla natureza simbolizada pelas condições femininas e masculinas, terá engendrado em si mesmo o Andrógino primitivo num plano espiritual o que o torna rei e senhor da Natureza material. Esse estado é expresso em todas as obras de alquimia pelo REI ANDRÓGINO, REBIS ou REX-BIS.

A fisiologia oculta explica-nos como, no caso de um iniciado superior ou de um mestre, as vias próprias da sublimação das energias sexuais (kundalini ou DRAGÃO VERDE) verificarão sua ascensão ao longo da coluna vertebral até o cérebro, onde vitalizará os centros astrais superiores. Assim, as energias que foram empregadas para a reprodução humana, que perpetua a espécie até o cumprimento de sua finalidade, são utilizadas individualmente num processo que poderíamos chamar de “inseminação cerebral”, baseado numa castidade contínua. Esse procedimento, por outro lado bem conhecido dos místicos instruídos, comporta uma exaltação intelectual considerável.

^{NT} souffleurs – do francês – Aspirantes, suplicantes

Inclusive, permite ao iniciado chegar, no curso de uma só existência, a um nível de mentalidade que o humano comum, em sua lenta evolução, precisará de longos séculos para alcançar. Sempre se disse que a vida iniciática encurta consideravelmente os processos normais de evolução coletiva. Nisso consiste a finalidade do ELIXIR DA LONGA VIDA ou GRANDE OBRA.

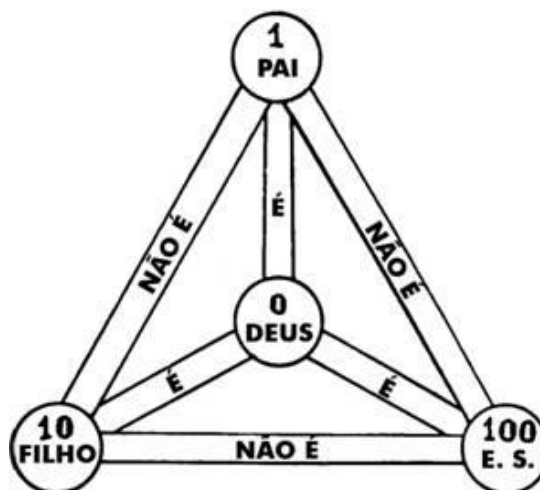
Somente nesse momento aparece neste REBIS, a estrela de cinco pontas que vem coroar o COMPOSTUM mostrando que o mago alquimista obteve a natureza andrógina. Poderíamos também dizer que se trata da estrela que guiou Gaspar, Melchior e Baltasar até o estábulo de Belém. Deste COMPOSTUM e desta ESTELA deriva o nome de COMPOSTELA, que se junta ao de Santiago como atributo inseparável da sua dupla condição de SANTO e de YOGUI.

Se o simbolismo alquímico que acabamos de resumir não é suficiente, recordemos que se recomendava aos peregrinos que visitavam a tumba de Santiago, que fizessem a viagem de ida por mar e a de volta por terra, ou ao contrário. Significava percorrer a VIA ÚMIDA e a VIA SECA, isto é, as vias do Amor e da Ação.

De Santiago originou-se o nome JACQUES em Francês. Nessa ortografia, a letra C não faz mais do que reforçar o som da legra Q, e a letra U é muda segundo as regras da fonética. O mesmo vale para o E e o S finais. De fato, JACQUES se pronuncia JAQ.

Apliquemos as regras da Cabala, e vejamos como JAQ se compõe das letras IOD, ALEPH e QUOP, isto é, dos números 10, 1 e 100. Temos, assim, a unidade nos três planos da manifestação: a das unidades, a das dezenas e a das centenas, também chamados ATZILUTH, BRIA'AH e YETZIRAH, aos quais a mitologia cristã atribuiu as manifestações respectivas do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O que acabamos de expor pode ser expresso num símbolo geométrico equilibrante, como esse abaixo:



Isto revaloriza ainda mais o que dissemos.

Não quisemos, no entanto, desiludir os que aspiram a tornar-se “fabricantes” de ouro metálico. Eles não têm que fazer nada além de tornar-se Santos, e poderão então realizar o milagre da TRANSMUTAÇÃO. Há exemplos: veja-se a vida do taumaturgo catalão São José Oriol.

Na Espanha existe o costume de que o Rei ou o Chefe de Estado faça oferenda, a cada ano, ao Apóstolo de tantas moedas de ouro quantos forem os seus anos de vida no dia de seu aniversário. Eis como São Tiago, morto e enterrado há longos séculos, continua fazendo ouro que, naturalmente, é guardado cuidadosamente pela Igreja.

O ELEMENTO FOGO

É bem conhecido de todos os estudantes do esoterismo que o elemento Fogo é o primeiro dos quatro elementos. Que tem uma natureza positiva ou masculina, que é o elemento criador por excelência, que pode ter três funções principais como criador, destruidor ou purificador, que é a forma de manifestação de Deus Pai, etc. etc.

Com efeito, em Astrologia, princípio de toda a ciência esotérica, temos um signo de fogo, Áries, como origem do círculo zodiacal quando o usamos como dispositivo adivinhador em relação a uma determinada pessoa. Em outras aplicações mais importantes, como a simbologia religiosa, esse signo inicial muda de condição, ainda que conserve a elementaridade do fogo. Não consideramos então Áries, mas Leão.

É evidente que, numa circunferência, parece não haver começo nem fim, portanto, podemos tomar como origem o ponto de entrada que mais convenha a nosso plano e, nesse caso, qual seria mais apto para o Oriente do que o domicílio do Sol? Os quatro signos fixos ocupam, então, os quatro pontos cardeais, isto é: Leão no Oriente, Escorpião no Norte, Aquário no Oeste e Touro no Sul.

Temos, então, os símbolos dos quatro evangelistas nos pontos mais importantes do Zodíaco. Deixamos à intuição do leitor encontrar as analogias e relações que derivam disso, por sinal muito numerosas. Assim, Escorpião, o símbolo de São João, autor do Apocalipse ocupa a quarta casa, cujo significado num horóscopo pessoal é o do fim dos dias. Se quiséssemos levantar um horóscopo para questões de relações humanas, sociais ou mundiais, deveríamos considerar Sagitário como o signo de origem, porque é a imagem do homem saindo da besta e apontando para o céu com sua flecha, verdadeira finalidade de toda ação humana digna desta palavra.

O elemento Fogo é o primeiro dos elementos não importa qual o sentido de leitura do círculo zodiacal. O sentido Áries – Touro é o mais conhecido, mas os cabalistas utilizam freqüentemente o sentido Áries - Peixes, porque este segue a ordem da formação dos elementos. A razão desta ordem nos é dada pela composição qualitativa do Tetragrama sagrado, IEVE: I é Fogo, o primeiro E é Água, V é Áries, e o segundo E é a Terra, desdobramento da Água. Suas cores são: Fogo, vermelho; Água, azul; Ar, amarelo; e Terra, verde, isto é, as três cores primárias, mais a resultante da mistura do azul e do amarelo. Um estudo profundo do que acabamos de dizer nos levaria a revelações insuspeitadas.

As letras do Tetragrama têm também outra composição qualitativa (negativa ou positiva) derivada de sua tripla inscrição ao redor de uma estrela hexagonal, ou selo de Salomão, que apresenta seis ângulos convexos e seis ângulos côncavos. Os sinais ou letras que ocupam as pontas são positivos, os dois ângulos entrantes negativos. Esta é uma entre tantas harmonias que podem ser percebidas entre os símbolos, as idéias e as correspondências entre as de uso corrente na ciência oculta.

Identifica-se, freqüentemente, o sentido positivo e a qualidade masculina. Trata-se aparentemente de uma afirmação gratuita e, quando dizemos que o Sol é masculino e a Lua é feminina, pessoas que se chamam a si mesmas cultas, nos oferecem seu sorriso benevolente, que nós agradecemos, tendo em conta sua boa intenção.

Mas, por que os artistas, tão próximos dos ocultistas intuitivos, nos oferecem sempre um Sol com um rasgo claramente masculino e uma lua com feições femininas? Aquele que não percebe claramente essa realidade dos dois luminares *intuitivamente*, faria melhor em dedicar-se a comprar barato e vender caro, se não quisesse perder o seu tempo.

A condição masculina implica a faculdade paternal, e isso é tão verdadeiro no mundo do Macrocosmo como no do Microcosmo.

Ser pai é dar generosamente germes energéticos capazes de vitalizar as condições femininas da Água, originando assim um processo de reprodução cuja missão é a conservação da espécie. É, na realidade, abrir uma porta ao destino, poder cósmico misterioso que levará a cabo suas finalidades se não for perturbada em sua ação pelos outros dois poderes equilibrantes: a Vontade humana e a Misericórdia Divina. Tal como o Sol envia à Terra suas energias fecundantes, sem preocupar-se como vão ser utilizadas nem quais serão os resultados, assim o homem deposita no seio da mulher milhões de germes, dos quais somente um chegará a fecundar o óvulo, restabelecendo o número de cromossomos indispensáveis para as multiplicações celulares. Durante da gravidez, num *meio aquático*, o feto tomará forma, masculina ou feminina. E, quando nasce a criança, incapaz de valer-se por si mesma, tem necessidade, para toda a vida, de um elemento novo, o Ar, segundo positivo, que lhe permite viver e desenvolver-se a fim de despertar todas as faculdades próprias da espécie humana, porque é filho da *Terra*, segundo negativo, a qual deverá devolver, depois de sua morte, os materiais que ela lhe facultou para sua construção.

O que e como será a criança é algo que escapa completamente à previsão paterna, e há que confiar-se à Misericórdia divina se deseja um bom resultado, como é normal. Eis aqui como o FOGO é masculino e criador, mas somente na iniciativa, pois o processo que se segue é obra do Destino.

Acabamos de dar algumas idéias sobre as funções criadoras e vitais do FOGO, mas como essa palavra é quase sinônimo de “Calor”, esse poder criador pode-se estender a interpretações macro cósmicas. O fenômeno que chamamos *calor* depende de um estado vibratório dos átomos ou moléculas que constituem os corpos, e esse estado é mais rápido quando a temperatura é mais elevada. Em geral, a emissão de fótons associa uma percepção luminosa a altas temperaturas, como é o caso de inumeráveis estrelas que povoam o espaço, graças ao qual podemos percebê-las e gozar desse espetáculo maravilhoso que é um céu estrelado.

Moisés, em sua profunda sabedoria, escreveu no Gênesis: “*In primum die fecit lucem*”, isto é, que o primeiro ato do Criador foi o de prover a pré-matéria que, sob a forma de poeira cósmica, flutuava no espaço, de um calor ou “fogo” extraordinário³. Isto nos recorda o nome de Lúcifer – QUE NÃO TEM NADA A VER COM O DIABO TAL COMO O CONCEBE UM BEATO FANÁTICO – rei do inferno, ou do inferior, isto é, do mundo material, e cujo elemento principal é precisamente o FOGO.

A exuberante imaginação oriental criou um mito muito significativo sobre isso. Segundo os Vedas, Agni, deus do FOGO, quis um dia criar o Universo, e para fazer isso tomou uma flecha e, retesando seu arco, lançou-a nas profundezas do espaço. A flecha deixou em seu trajeto um rastro de centelhas cada uma das quais se tornou um Sol. Note-se a semelhança literal de Angi, Agnus e Áries.

Em todas as combustões é evidente a natureza destrutiva do Fogo, não tanto nos mundos ultra físicos, mas são bem conhecidos dos ocultistas seus efeitos de destruição sobre o etérico, seja de entidades, seja de ambientes.

Por ocasião da limpeza mágica de casas encantadas ou de lugares onde se percebem más influências, é útil utilizar uma tocha ou um círio que deverá ser levado a todas as partes, até aos últimos cantos. Percebemos assim, em antigas igrejas, o ambiente místico criado pelos múltiplos atos de devoção dos fiéis ao longo de séculos e pela magia – mesmo que inconsciente dos sacerdotes, que desaparece completamente quando, por acidente ou por ato voluntário ignorante, o edifício foi queimado. Para uma pessoa sensível, é como se entrasse numa garagem. Quando os inquisidores fanáticos queimavam as bruxas e os heréticos, sabiam bem o que faziam, porque não somente queimavam o físico, mas também o etérico da vítima, que poderia ser utilizado, em manifestações extra-túmulo, para fins prejudiciais a seus objetivos.

³ As que não se incendiaram ainda podem ser vistas com nossos telescópios, sob a forma de nebulosas ou “sacos de carvão”.

Não seria demais repetir aqui a divisa rosacruz “*Igne Natura Renovatur Integra*”. Com efeito, tudo pode ser renovado pelo fogo, por meio da destruição do estado anterior, condição “*sine qua non*”. Nesse sentido, o símbolo da Fênix é decisivo.

O caráter purificador do FOGO é evidente em todos os campos, desde os processos metalúrgicos, o ato de queimar a erva má pelo camponês, e até os homens que, chamados santos – kadosch em hebraico –, são purificados por esse fogo interno, “*ignis ardens*”, simbolizado nas imagens do Sagrado Coração de Jesus.

Stanislas de Guaita, em sua obra “A Serpente do Gênesis”, Arcano X, a Roda da Fortuna, letra Yod, expressão da vida universal, dá um esquema da constituição do par humano que proporciona inúmeras idéias a serem desenvolvidas pelo leitor dotado de intuição. Segundo esse autor, cada ser humano, homem ou mulher, é composto de três centros: cabeça, ou mental; coração ou sentimento e sexo. A diferença entre os dois gêneros consiste em que no homem o mental é negativo e o sexo positivo, na mulher o mental é positivo e o sexo negativo. Isso pode explicar muitas coisas, mas vejamos o que ocorre no momento do ato gerador, do ponto de vista oculto.

O casal une-se pelo centro sentimental, o amor, porque não se pode somar mais que termos e quantidades homogêneas. A união dos sexos comporta a passagem das energias criadoras do homem à mulher, ou seja, do positivo ao negativo. O contato das bocas provoca, ao mesmo tempo, a passagem das energias mentais da mulher ao homem. E assim, a máquina biológica oculta se põe em marcha, pela rotação dos fluidos astros-mentais sobre um centro de movimento, o centro neutro que, em geral, é puramente astral porque o desejo é, com muita frequência, o princípio essencial da união.

Este torvelinho astral, cuja rotação se acelera progressivamente até o momento do espasmo, toma no astral a forma de um funil irisado, como um deságüe, que plana sobre os protagonistas. A aspiração provocada por ele é aproveitada pelas forças do Destino, a fim de fixar na mulher o que deve tornar-se um novo ser. Alguns clarividentes puderam verificar esse fenômeno, e os que se ocupam da magia sexual conhecem perfeitamente as transcendências desses momentos.

Assim, ocorre que quando as energias astrais entram em jogo, todo o sistema anatômico sanguíneo intervém, com alterações térmicas importantes, tais como acelerações cardíacas, suores, palidez, rubores, etc. Esse processo que acabamos de descrever é, em ínfima escala, uma reprodução do que ocorre no macrocosmo no momento da criação de um Universo.

Todos sabem que o espaço é atravessado em todos os sentidos pelos cometas, compostos por uma cabeça, onde quase toda massa se concentra, e de uma cauda formada de gases rarefeitos e cuja massa é insignificante. São os espermatozóides do espaço.

Se um dia, absorvidos pela massa gigantesca de uma estrela qualquer, eles se chocarem, produzirão um calor extraordinário. A consequência é a volatilização dos dois astros, e o mais provável é que seja formada uma nebulosa. Levando-se em conta que o choque se produzirá quase sempre tangencialmente, o conjunto tomará um movimento de rotação próprio de uma nebulosa espiral, como ocorre em nossa Via Láctea. Mais tarde, o frio se encarregará de condensar certos pontos, e cada um deles será um Sol (um “*fons vitae*”), ou uma célula, no caso humano.

A analogia entre a criação humana e a cósmica é absoluta, porque não poderia ser de outra maneira pela perfeita sabedoria de Deus Pai. Uma vez mais, “o que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima, para realizar a maravilha da Unidade”.

O ELEMENTO ÁGUA

Este elemento tem tanta importância em todos os campos que fazer do mesmo um estudo completo implicaria escrever um volume, coisa que está muito distante do nosso propósito e, provavelmente de nossa capacidade. Portanto, nos limitaremos a dar algumas idéias deixando ao bom critério do leitor desenvolvê-las até onde possa.

O que vulgarmente chamamos água é, na verdade, o estado líquido de certo óxido do metal hidrogênio. O hidrogênio pode apresentar outros óxidos, chamados em linguagem profana, de água oxigenada, água pesada, etc. cujas condições físicas e químicas são totalmente diferentes da água corrente.

Pode ser que algum leitor surpreenda-se ao ver que chamamos o hidrogênio, conhecido por todos como um gás muito leve (usado até poucos anos para inflar balões aeronáuticos, como o Zepelim da primeira guerra mundial) de metal, mas lembremos que os estados sólido, líquido ou gasoso, dentro de certo limite, são função da temperatura. Os casos de gelo, água ou vapor, são evidentes e a matéria básica é sempre a mesma, mas suas propriedades físicas são muito diferentes.

A palavra hidrogênio não é muito acertada para designar esse metal, ainda que seja aceita por todos. Seu significado etimológico nos indica um produto apto para engendrar água, mas esse não é seu único objeto, já que o encontramos também em quase todos os produtos ou componentes da vida orgânica, combinado com outros elementos químicos.

Combinado com o oxigênio na proporção de 2 por 1 (H_2O) o temos na Natureza em tudo o que chamamos água, em quantidades imensas. Somente as águas do mar cobrem três quartos da superfície do planeta, e as grandes depressões marinhas ultrapassam as alturas das mais altas montanhas da superfície terrestre. Juntamos a isso o conteúdo de lagos, rios e pântanos. 70% do peso dos homens e animais, exceto raras espécies, e 30% do peso dos vegetais é água.

Ademais, as nuvens de nossa atmosfera levam de um lugar a outro, quantidades consideráveis de água. Pensemos que, sem haver nenhuma catástrofe, uma chuva um pouco mais abundante pode derramar, sobre extensões consideráveis, uma quantidade de água de 30 litros por m^2 . E, pensemos ainda que a água contida em todos os rios da terra foi levada pelas nuvens até as alturas. E podemos considerar os imensos depósitos de água gelada que representam as calotas polares.

A condição metálica do hidrogênio é demonstrada no caso da eletrólise onde vemos que, segundo o axioma da física elemental “os metais e o hidrogênio vão com a corrente”, isto é, que se desprendem no cátodo. Um metal não precisa necessariamente ter a rigidez de um sólido. Temos o exemplo do mercúrio, que é líquido, e do sódio ou do potássio que são pastosos, em estado puro. Mas deixando de lado essas divagações escolares, vejamos a importância da água nas funções fisiológicas da vida orgânica.

Que o Elemento água é imprescindível à vida é tão evidente que não precisa de comentário, mas não é demais considerar que nossa vida realiza-se basicamente nos três sub-planos inferiores do mundo físico: o sólido, o líquido e o gasoso. No sólido para formar e sustentar aquele maravilhoso laboratório químico que é nosso corpo; no líquido para poder realizar os intercâmbios químicos que a vida precisa; e no gasoso para poder introduzir, através da aspiração, o oxigênio necessário às combustões orgânicas que nos dão a energia necessária para todas as nossas atividades vitais, e da expiração, para a expulsão do gás carbônico e do vapor de água, detritos das combustões citadas.

O ritmo temporal das funções de cada corpo depende de sua densidade. Um homem pode passar vários dias sem comer, e outros tantos sem eliminar as sobras de suas digestões, mas poucos dias sem beber, e menos ainda, sem esvaziar sua bexiga e uns poucos minutos sem respirar.

Na Natureza vemos que a água atua como dissolvente geral, não só dos sólidos, mas também de outros líquidos e gases. É o caso da dissolução do ar atmosférico, que comunica à água potável um determinado sabor que a faz agradável ao paladar, enquanto que a água pura (destilada) é insípida e indigesta. Por sua vez, também a água é solúvel no ar, se bem que em pequena proporção, dando origem à umidade do ar, variável com a temperatura e, portanto, mensurável em porcentagem como umidade relativa. Isso faz com que, no caso de se produzir uma corrente de ar frio, a água se condense e se precipite em forma de chuva.

Por sua condição de dissolvente, atua sobre os sólidos, dissocia suas moléculas convertíveis em íons, de capacidades químicas incrementadas. É por esse motivo que todas as atividades fisiológicas acontecem nessas condições.

A água tem a propriedade de possuir um volume determinado sem ter forma própria, razão pela qual sempre toma a forma do recipiente que a contém. Mas se esfria abaixo da temperatura de congelamento, ou se aquece acima da ebulição, ao tornar-se gelo ou vapor seu volume aumenta, ligeiramente no primeiro caso, e de forma ilimitada no segundo.

O aumento do volume por congelamento comporta dois fenômenos interessantíssimos. Um é o desmoronamento das altas montanhas porque a água se introduziu pelas gretas das rochas e, ao congelar-se, atua como uma cunha, até romper as mais duras e transformá-las em pedregulhos que mais tarde serão arrastados para baixo pelas correntes de água produzidas pelo degelo e, naturalmente, nunca mais tornará a subir. Outra é a diminuição de densidade, pois, se a mesma quantidade de matéria ocupa um volume maior a consequência é a perda de peso por unidade de volume. Isso faz com que o gelo flutue em meios aquosos e, se não fosse assim, a vida na Terra seria impossível, pois os mares seriam uns blocos compactos de gelo, cobertos por uma pequena capa superficial de água líquida nas zonas temperadas ou equatoriais.

A faculdade expansiva do vapor faz com que este exerça uma pressão sobre todas as paredes do receptáculo que o limita. Essa pressão, em função de sua temperatura, levou à criação das máquinas a vapor, de tanta aplicação na indústria. À parte de todas essas questões físico-químicas, o ocultismo reconhece muitas outras, que citaremos como recordatório, para quem possa se interessar.

A condição dissolvente da água estende-se também à manifestação etérica e astral. Como dissolvente a usaremos como purificador depois de uma cura magnética à base de passes, onde o operador deve descarregar-se dos maus fluidos que possa ter absorvido inconscientemente. O mais simples é, depois de operar, lavar as mãos em água corrente de maneira que o jorro caia sobre o antebraço e o líquido saia pelos dedos das mãos.

Outro caso é a preparação da água magnetizada, de múltiplas aplicações curativas e mágicas. Usa-se água o mais pura possível, seja água de chuva (de zonas onde a atmosfera não esteja poluída), ou água resultante do aquecimento da neve, caída num lugar limpo ou, melhor ainda, água de sereno, recolhida ao amanhecer. A uma determinada hora mágica, se fará a magnetização pondo-se a mão direita sobre o recipiente com os quatro dedos apontados para baixo, fazendo uma forte concentração de pensamento e, em seguida, recitando as fórmulas de purificação e consagração rituais. Da mesma forma se fará a água benta que será empregada para fins religiosos, com uma efetividade mais ou menos intensa, segundo as qualidades mágicas do sacerdote que a tenha preparado.

Todos os grandes ocultistas sempre atribuíram à água uma natureza feminina de qualidades astrais, o que permite estabelecer uma analogia entre o mar e a mulher má que demonstra muitas coisas. Quando o nadador se lança ao mar, parece que este o recebe com alegria saltando em respingos, cobrindo-o amorosamente e permitindo-lhe respirar. Enquanto o nadador conserva seu controle tudo vai bem. Até em seu movimento na água, parece que o mar lhe faz uma carícia por todo corpo. Mas, se por qualquer motivo, perde o domínio da situação, a água perde todo respeito e tenta, com

criminosa insistência, afogá-lo. Se conseguir, traga-o, para assegurar a presa e, finalizando o drama, acaba por atirá-lo à praia em um gesto de soberano desprezo.

Quando um incauto cai nos braços de uma mulher má é recebido com uma alegria astuta, submissão dissimulada e falsas carícias, até fazê-lo perder as estribeiras. Perdido o domínio de si mesmo, o homem é presa fácil da mulher má, que explorará suas debilidades até deixá-lo aniquilado econômica e fisicamente. E, quando já não seja nada, o afastará, jogando-o na rua como uma coisa inútil. A mítica história de Sansão e Dalila é um exemplo disso.

O simbolismo astrológico põe em evidência o mesmo argumento. O signo cardinal de Câncer, feminino por sua condição de Água e domicílio da Lua, está em quadratura com o signo marciano e viril de Áries, o signo cardinal de Fogo. Se no choque dessas duas forças, Câncer chegar a dominar, o fogo será apagado pela inundação e então Câncer manifestará plenamente seu poder como regente da Casa IV, a Casa que indica o “fim dos dias” de uma vida.

As coisas não têm somente esses aspectos trágicos. Normalmente, a Lua e Câncer podem referir-se à mais alta expressão feminina, o aspecto maternal. Com efeito, as funções da fecundação sempre acontecem com uma forte intervenção de meios líquidos, onde a água tem papel preponderante. E a alimentação natural do recém-nascido acontece pela segregação das glândulas mamárias: o leite, líquido aquoso tipicamente Lunar.

Existe, também, um paralelo entre o mar e a mulher bela. É uma evidência inegável que o mar foi o berço de todos os seres vivos, em idades pré-históricas que depois, por mutações biológicas e processos de adaptação ao meio, vieram a diferenciar-se no que hoje forma as espécies animais e, provavelmente, as raças humanas.

A bela mulher sempre foi um fator evolutivo de primeira ordem no gênero humano, já que ela tem a capacidade natural de dar ao homem a ela unido por um sincero amor, os germens mentais, que o homem amadurecerá e fará seus, como impulsos para a ação construtiva. Agindo, assim, como musa inspiradora que virá limitar as tendências excessivamente dispersivas, próprias de uma natureza marciana. Enquanto ela recebe do marido os germens biológicos que lentamente transformará em filhos que serão, talvez, uma esperança para quando venham os tristes dias da velhice.

A sensibilidade modificadora da água diante da influência térmica é a expressão física das alterações da natureza feminina astral ao pôr-se em relação com a psique masculina do fogo. Todas as modificações astrais ou emotivas, que podem sofrer os dois sexos, através das mútuas relações, vem da complementariedade da qualidade do fogo ou água que expressa cada um dos dois.

Já sabemos que o contato equilibrado do fogo e da água, engendra vapor (elemento Ar) filho dos dois progenitores, dos quais herdará características bem determinadas. Da atividade do fogo e da emoção da água se derivará a mentalidade, que expressará o terceiro elemento como base de um processo evolutivo e que, em conjunto, podemos observar no desenvolvimento da história humana.

Por razões de analogias astrológicas podemos atribuir a Câncer o significado das águas do mar, o reino do deus Netuno e o berço da deusa Vênus. A beleza da Lua refletindo-se sobre um mar em calma é uma maravilha que, quando se observa com um estado emotivo adequado, não se esquece nunca mais. O espetáculo de uma catarata onde a água se lança impetuosamente, arrastando tudo o que encontra pela frente, levantando nuvens de água pulverizada e fazendo subir, como um trovão que ressoa em toda a paisagem, sua voz poderosa, nos lembra o impulso marciano do signo de Escorpião, enquanto pensamos “desgraçado o que for arrastado por essa corrente e precipitado por ela, sua morte é certa”. E quando vemos uma represa importante e consideramos a força imensa daqueles milhares de toneladas de água retidas naquele lago artificial dispostas a ser conduzidas às turbinas de uma central hidroelétrica próxima, é inevitável, para quem é consciente disso, sentir um

estremecimento ao pensar na potentíssima corrente elétrica que dali sairá, capaz de iluminar uma cidade ou de fulminar num instante o imprudente que se aproxime demais. Aqui vemos as características de Escorpião em latência, e no caso anterior, em evidência.

Um terceiro estado das águas zodiacais é o das águas mansas, quietas, estado que não é natural num elemento tão móvel como a água. Na quietude dos pântanos, a água, doadora de vida, é doadora de morte, de uma morte lenta, de uma morte por putrefação. Geralmente uma frondosa vegetação de árvores e arbustos povoa esses lugares e os detritos vegetais que caem na água são prontamente destruídos por decomposição, contribuindo para a infecção do ambiente. Só alguns répteis e plantas aquáticas podem subsistir, e o homem deve penetrar em barcas sem quilha ou de fundo plano, atrevendo-se a perder-se entre a vegetação e, se isso acontecer, fica preso no labirinto pantanoso onde não entra o sol e do qual dificilmente sairá. São os domínios do signo de Peixes, e já sabemos o que esse signo representa na astrologia.

O ELEMENTO AR

Existe em Paris, no Museu do Louvre, uma estatueta de Jean de Bologne (discípulo de Miguelangelo) que representa o deus Mercúrio (há fotos no Dicionário “*Petit Larousse*”, pág. 1212 e na “*Histoire Mondiale de l’Art*”, Ed. Marabout, pág. 164 do volume III). A estatueta em questão é uma obra de arte de um grande valor que, além disso, também expressa um simbolismo profundo do elemento “Ar”. Ignoramos se o artista era também um esoterista, ou se foi guiado ou aconselhado por um eminente ocultista da época, mas de qualquer maneira, o resultado é que dificilmente se poderia chegar a um resumo mais completo do elemento Ar do que o que essa obra expressa, sob a forma artística. Chamam-na freqüentemente a “materialização do movimento”, com muito acerto.

Com efeito, o deus Mercúrio é representado como um atleta do tipo “respiratório”, jovem e ágil, em postura de corrida, como se descesse das “Alturas”. Lembremo-nos que Mercúrio sempre representou o mensageiro dos deuses e, portanto, essa atitude é a mais apropriada.

Rápido como o vento, também nosso pensamento muda de objetivo sem esforço do pensador em geral. E por isso que a imagem de Mercúrio possui duas asas minúsculas nos pés e sobre o pequeno elmo. A figura não toca a terra, mas tendo necessidade de um ponto de apoio, o escultor a fez descansar sobre a ponta de um dos pés, e sobre o hálito materializado que sai de uma cabeça de Eolo que é, por sua vez, a base do conjunto. O braço direito da estátua está levantado, o indicador aponta para o céu. De fato, a finalidade do uso da mentalidade deve ser o de encontrar o caminho do céu, isto é, a reintegração final. Quão digno de pena é o conhecimento daquele que não sabe elevar-se acima das ficções do mundo material, servindo-se do poder de abstração para assim encontrar a via metafísica que levará o homem à sua verdadeira pátria. Esta é a mensagem que o deus Mercúrio nos traz.

A imagem do deus traz, na sua mão esquerda, um caduceu coroado por duas asas. Esse era o símbolo do poder do hierofante nas antigas iniciações, e é a materialização do processo biológico que o neófito deve realizar. A barra central e as serpentes entrelaçadas simbolizam as três correntes de energia que o tantrismo estuda sob as formas de “*suchuma*”, “*ida*” e “*pingala*”, e que provinda do centro inferior da coluna vertebral, levarão o fogo da kundalini até o cérebro do novo iniciado, uma vez que os centros intermediários se abram com a sua passagem.

A característica mental de Mercúrio faz com que ele se expresse pela “palavra”, da qual a condição racional humana não pode ser mais patente. Sem ela seria impossível toda vibração acústica, e é ela que diferencia a voz humana do grito animal, sendo um meio de transmissão das *idéias* no reino humano.

A imagem do deus está completamente nua, como deve ser a *verdade*, exceção feita a um pequeno capacete ou elmo que lhe protege a cabeça, sede da mentalidade e origem distante da palavra. Todos

sabem que a menor lesão cerebral pode alterar ou suprimir a expressão verbal do indivíduo. A palavra tem a condição de ser mutante, por isso tem uma tripla manifestação, como todas as coisas de origem espiritual: num sentido inferior é somente o *grito* espontâneo, ilógico, como expressão de surpresa, de dor, sobretudo, etc.. Num sentido médio é a palavra ordinária que enlaçada, segundo as regras da gramática e da lógica, permite a construção de frases complexas alcançando a perfeição de uma idéia. Num sentido superlativo, é a invocação das entidades espirituais numa oração ou numa operação mágica.

Esta condição mutável de nossa expressão fonética corresponde à natureza do ar, comum a todos os gases. Já sabemos que o ar não tem forma própria nem volume determinado, enchendo sempre todo recipiente que o contém. A atmosfera é retida na superfície da terra pela força de sua atração.

A atmosfera é a grande placenta terrestre, de onde todos os seres vivos tiram sua nutrição respirando, seja pelos pulmões, por brânquias e inclusive pelas folhas dos vegetais. Pode-se afirmar, pois, que sem ar não haveria vida. A atmosfera é a grande manta que envolve o planeta. Sem ela, estaríamos expostos aos frios do espaço quando o sol se pusesse, e teríamos uma temperatura de forno quando ele brilhasse no horizonte. Não é em vão que a ciência esotérica considera o Ar como o segundo elemento positivo e o grande amigo do primeiro, o Fogo. Os efeitos do frio e do calor nas altas regiões da atmosfera provocam dilatações e contrações que fazem variar a pressão atmosférica local dando, assim, nascimento aos ventos – brisas ou furacões – nova manifestação da permanente instabilidade do Ar.

O círculo zodiacal, uma das mais importantes chaves da ciência esotérica, comporta três signos de ar: Gêmeos, Libra e Aquário, que correspondem respectivamente aos três estados, inferior, médio e superior da mentalidade. Gêmeos é o despertar do intelecto e, nesse sentido, corresponde aos estudos primários. Libra corresponde à erudição científica e à expressão artística, seja gráfica ou literária. A nota-chave é o conhecimento do par de opostos, do pró e do contra das coisas que nosso mundo ilusório nos apresenta. No signo de Aquário, o desabrochar da intuição permite à mentalidade outros vãos, porque é a faculdade que permite o avanço de uma mentalidade criadora.

A conjunção Ar-Urano leva ao descobrimento de novas técnicas, filosofias ou formas artísticas. Quando estas novidades aparecem, produz-se uma mudança no desenvolvimento da civilização. Quem entre nós não se sente embargado de admiração quando considera a mudança radical de meios e costumes da geração precedente à nossa? Tanto mais porque já se prevêem as mudanças das gerações seguintes.

Estamos entrando na nova era de Aquário, e se poderia dizer que os ventos desencadeados por esse signo, soprando com a violência de um tufão, vão levar tudo o que a humanidade tem acumulado ao longo dos séculos de fanatismo e crueldade, de egoísmo e de ilusões próprias da ignorância. Entre todos os grandes monumentos que as gerações precedentes criaram, não ficam mais que os elementos hoje invisíveis, as pedras de mutação, a ciência espiritual tradicional, no que comporta de verdade, porque a verdade, pela sua própria condição, é invariável e, portanto, eterna.

O ELEMENTO TERRA

É completamente impossível querer expressar em termos concretos e bem definidos o que é o elemento Terra, já que este elemento é *tudo*. Podemos dizer que é aquela parte da manifestação que nos permite conhecer nossos sentidos. E também aquilo que contém, combinados ou separados, os três elementos anteriores, que limita e condiciona. Assim, consideremos nosso planeta: a Terra contém, em suas entranhas, considerável quantidade de Fogo na alta temperatura de metais e pedras fundidas que nos mostram, de quando em quando, os vulcões de superfície que todos conhecem.

Também as grandes massas de água que cobrem a superfície da Terra em suas $\frac{3}{4}$ partes atuando, neste caso, como verdadeiro recipiente que vem dar forma ao que não tem. No caso do Ar, a Terra

dá um fundo à capa atmosférica já que, atraídos pela força de gravitação do planeta, os gases que a compõe são impedidos de diluir-se pelo espaço, comprimidos pelo seu próprio peso, descansam sobre a superfície com a pressão da atmosfera, formando uma esfera vazia, limitada pela terra sólida, de uns 200 km de espessura.

Agora, vejamos, caso curioso, a Terra é um ser vivo, tal como sempre afirmaram os ocultistas de maior prestígio? Ainda se encontra num estado germinativo? Curiosíssimas analogias nos permitirão estabelecer hipóteses ao gosto de cada um. Em todas as espécies o ovo – animal ou humano – começa o processo de formação da mórula em seguida da blástula^{NT}, com o qual aparecem as três capas histológicas que devem dar origem a diferentes partes anatômicas do feto em gestação. Essas capas denominadas ectoderme, a exterior; endoderme, a interior; e mesoderme, a intermediária que, pela posição intra-uterina do feto, resultarão praticamente concêntricas, não nos recordam as três capas, sólida, líquida e gasosa que recobrem o planeta Terra? Que um núcleo cheio de possibilidades, das quais hoje não temos nem a mais ligeira idéia, por sua qualidade de Fogo, pode ser a expressão de uma condição masculina espiritual, ainda não manifestada, assim como o feto tardará em manifestar plenamente as qualidades humanas próprias de seu destino.

Mas o homem, filho da Terra, ou melhor, do lodo da Terra segundo a Bíblia, para chegar a ser o que deve ser, tem que passar de seu gérmen ternário a uma condição quaternária, ou seja, um ser composto de cabeça, tronco e ventre, mais as extremidades que hão de dar-lhe a possibilidade de relação com o ambiente exterior. Portanto, guarda um paralelo com sua mãe Terra, composta de um núcleo, denominado pela ciência de “Nife” (níquel-ferro); uma segunda capa denominada de “Sial” (silício-alumínio); uma terceira chamada de “Biosfera”, ou zona onde se desenvolve a vida orgânica e, finalmente uma quarta, a “Ionosfera”, ou alta atmosfera. Tal é o quaternário terrestre.

A Biosfera, nossa terra habitável, deve sua morfologia mutável através dos tempos, à ação combinada dos elementos: o Fogo, produzindo vulcões e os terremotos que, levantando montanhas ou causando depressões, estabelecem os sistemas orográficos^{NT} da crosta terrestre. A Água, que arrastando as terras altas pela ação de suas correntes superficiais tende a uma nivelção geral. O Ar, que levando as nuvens de um lugar para outro, localiza sobre determinados lugares geográficos, as chuvas que fertilizarão a terra. E, finalmente, a Terra que por sua densidade e solidez, resistirá longamente às ações modificadoras dos outros elementos e proporcionará cenários de relativa permanência onde o homem possa desenvolver suas sucessivas civilizações.

O homem comum, em suas tarefas diárias, como autêntico microcosmos que é, ainda que geralmente de maneira inconsciente, vai dominando pouco a pouco, por força de trabalho e experiência, as forças dos quatro elementos, no cumprimento de seu destino evolutivo, que deve levá-lo, num futuro ainda distante, a ser um verdadeiro criador no reino material.

Num conceito mais abstrato, devemos entender por elemento Terra, não somente a terra tangível, mas o que a Doutrina Secreta denomina a “*Anima Mundi*” que nós, filhos da terra, podemos perceber em toda sua grandeza indefinível, se nos colocarmos em condições psíquicas adequadas. Ou seja, quando com o ânimo sereno e tranqüilo contemplamos a Natureza, estabelecendo com ela aquela espécie de comunhão espiritual ou laço psíquico emotivo, que transcende todo aspecto mental. Quem nunca sentiu, em alguma ocasião, as profundas emoções de beleza grandiosa e imponente que a visão de um aspecto da Natureza pode proporcionar? A contemplação de uma paisagem de altas montanhas assentadas sobre vales férteis, ao fundo dos quais sempre há modestíssimos povoados, enlaçados por impetuosos riachos que vão serpenteando entre os obstáculos do terreno, deixa em nós impressões inesquecíveis. E aqueles prados, atapetados de

^{NT} Em biologia e especificamente em embriologia, a blástula é o segundo estado de desenvolvimento do embrião dos animais, com mais de 64 células e uma cavidade central chamada blastocélio. É nesta fase que ocorre a nidação. A blástula segue-se à mórula e precede a gástrula na seqüência do desenvolvimento.

^{NT} Em geografia, chama-se orografia o estudo das nuances do relevo de uma região.

verde, a cor de Vênus, compostos por milhares de singelas plantas, e forrados pelas flores que, como gotas de cor espargidas, fazem ressaltar a energia vital que a tudo anima.

Deixemos esses espetáculos bucólicos e penetremos num velho bosque fechado aonde as árvores vão crescendo no transcurso dos séculos. Tudo muda. Os largos horizontes ficam reduzidos a trechos limitados, o Sol permanece invisível porque seus raios não podem atravessar a trama das folhas. Os pés afundam no tapete de folhas secas que cobrem o solo enquanto que nas alturas cantam os pássaros, no afã de construir seus ninhos, no solo pululam insetos de todos os tipos. O espetáculo é de uma grande severidade. O ambiente saturnino domina, até que encontramos uma clareira onde uma fonte nos oferece um descanso que aceitamos escutando, embevecidos, o canto de um rouxinol que canta nos galhos. De repente, o rouxinol desce e chafurda-se numa poça de água lodosa e retoma o vôo levando no bico uma minhoca que se retorce antes de desaparecer em sua garganta. Ou seja, aquele magnífico canto provém da pestilenta digestão de uma miserável minhoca. Aqui não reina a paz!

A Alma do Mundo deve cumprir sua missão fatal, seja criando beleza, seja destruindo as formas que ela mesma criou. Recordemos as frases de um poeta-filósofo espanhol:

“Eu te direi num cantar
o que é a roda da vida
Pois, pecar, arrepender-se,
E, depois.... recomeçar!”

Observemos que a “*Anima Mundi*” está localizada na superfície do planeta e é expressa pela sua vida orgânica, contrariamente a dos seres vivos que a têm em seu interior: no estômago, os animais e no coração, os humanos. É assim que, em tudo o que o homem se propõe fazer, deve saber como passá-lo ao quaternário elemental. Para que seja efetiva, a permanência de sua obra deve ser o resultado do encontro uma forma de equilíbrio entre os quatro elementos, que imprescindivelmente devem aparecer em sua composição ou realização.

E, na mais alta missão que o homem pode se impor, a comunicação com os planos ou entidades espirituais, magos e sacerdotes usarão em suas operações o fogo, para queimar as resinas odoríferas indicadas para cada caso (incenso, mirra, sândalo, etc.); a água, magnetizada ou benta, para as aspersões e bênçãos; o ar, na recitação em voz alta (o hálito humano é imprescindível) das orações oportunas ou dos mantras assinalados para cada ocasião; a terra, materializada em pantáculos, hóstias, imagens ou relíquias.

Estas considerações não têm outro objetivo além de ressaltar a lei básica da analogia em toda a obra da Criação e são uma pequena amostra da imensa sabedoria Daquele que fez todas as coisas com um só plano, perfeito, como não poderia deixar de ser, dada sua altíssima procedência.

Que o estudioso intuitivo tire suas próprias conclusões e não duvide de que em suas meditações conseguirá visões maravilhosas.

ESTUDO DA SEMÂNTICA OCULTA

INTRODUÇÃO

Todas as obras de Ocultismo falam da “Ciência do Verbo”, mas nenhuma deu uma razão convincente para atribuir-lhe uma importância tão grande. Ela o é, com efeito, porque os antigos Iniciados, fundadores de tantas civilizações sabiam dar, como base e alma dessas civilizações, uma língua. Suas palavras não eram produto do azar, mas baseadas no conhecimento profundo da natureza íntima do que expressavam.

Reconstituir esta “Ciência do Verbo” – que não é outra coisa além da aplicação íntegra do conhecimento oculto – exigiria confeccionar um dicionário de todos os termos das diferentes línguas, antigas e modernas, e dar a cada uma de suas palavras os comentários demonstrativos. Esse trabalho estaria muito além das possibilidades materiais e intelectuais de um simples estudante dessa ciência sobre-humana, algo próprio para os iniciados do mais alto grau.

Sendo, no entanto, um assunto que interessa a todos os discípulos formais, ousamos empreender o estudo – a título de ensaio – de algumas palavras que pertencem a diversos idiomas. Nossa intenção é indicar um caminho que outros, mais competentes, poderão ampliar indefinidamente.

Servimo-nos, forçosamente, para realizar nossa tarefa das chaves habituais à Ciência Oculta, sem as quais os comentários são desprovidos de valor para o leitor e podem, inclusive, parecer-lhe um amontoado de palavras incoerentes.

Essas chaves são principalmente:

- Cabala Hebraica
- Tarô
- Astrologia
- Alquimia
- Mitologia das diferentes religiões
- Semântica profana.

Utilizadas com inteligência e oportunidade, a aplicação dessas chaves nos levará a revelações insuspeitadas sobre o autêntico significado dos nomes.

BREVE COMENTÁRIO SOBRE A ESCRITA HEBRAICA

Queremos, antes de tudo, ressaltar uma característica importante da língua hebraica: as vogais não têm a grafia de uma letra, mas são certos pontos, chamados pontos massoréticos, que as expressam. A adoção desses pontos é algo relativamente recente. Os antigos textos hebraicos foram escritos sem vogais, por isso, suas palavras são impronunciáveis, e só um conhecimento oral prévio as torna inteligíveis.

A explicação racional de uma anomalia tão notável é a seguinte: o fato de que a maioria da população de toda nação civilizada seja capaz de ler e escrever é fato recente, poderíamos até dizer atual. No povo hebreu dos tempos bíblicos, como em todos os povos primitivos, as pessoas letradas só eram encontradas nas altas classes sacerdotais e, evidentemente, elas não tinham nenhum interesse em que o povo tivesse acesso à leitura dos textos sagrados. Em primeiro lugar para conservar sua posição privilegiada, depois para evitar a formação de opiniões particulares susceptíveis de transformar-se em cismas. Esses grandes sacerdotes não tinham que ler em voz alta os textos escritos e, pela sua formação e qualidade, tinham a intuição desperta o que lhes permitia fazer uma leitura muito diferente da que temos o costume de fazer atualmente. Para eles, as letras eram símbolos ideográficos, hieróglifos, esquemas apresentando analogias e afinidades com as

idéias que correspondiam a diversas ordens de conhecimento que derivam de um estudo iniciático do mais alto grau. O uso das vogais era, pois, desnecessário, permanecendo a leitura no plano mental sem concretizar-se em idéias particulares. Esta é a verdadeira característica da Cabala.

A vinda do Cristianismo, cheio de novas idéias, provocou entre os Pais da Igreja um grande interesse em compilar todas as antigas escrituras hebraicas, e assim se formou o Antigo Testamento. Nesse momento começou a perda da antiga sabedoria iniciática de Israel. O conhecimento abstrato tornou-se concreto, e o que podia ter muitos significados expressos por um único símbolo permaneceu limitado a uma significação exigida por certa mentalidade, que era incapaz de funcionar no abstrato. A “letra morta” surgiu e “o espírito que vivifica” desapareceu. Isso originou todas as confusões absurdas e infantis próprias do espírito teológico, enquanto que nos círculos esotéricos buscava-se a “palavra perdida”, que por outro lado, não é uma “palavra”, mas uma maneira de ler, assim como acabamos de expor.

Essa queda de qualidade dos leitores levou à passagem da expressão hieroglífica à língua fonética e obrigou a criação dos pontos vocais, o que foi feito sobre a língua vulgar oral, mais ou menos corretamente. A língua, então, desceu do mental ao astral, criando a egrégora própria da raça judaica. Sabemos que a vibração fonética é a expressão astral da alma de um determinado povo. Como consequência, as necessidades vitais e sociais baixaram ainda mais a língua até o nível físico. O que era o esplêndido meio de expressão dos altos iniciados tornou-se uma língua que permite as relações comerciais, como qualquer outra língua moderna.

A incompreensão e confusão próprias dos tempos atuais chegaram ao ponto de levar os judeus, principalmente aqueles mais cultos, a pensar que os Cabalistas são uns loucos ou, no mínimo, pessoas que passam o tempo jogando com as palavras, tal como os que fazem as palavras cruzadas dos jornais. É sabido que quando os ignorantes faladores querem passar-se por sábios, não dizem nada mais do que bobagens.

Podemos deduzir de tudo isso que a leitura da Bíblia apresenta pouco interesse para um estudante formal – e especialmente a leitura do Antigo Testamento – ainda que seja em hebraico. Vejamos um exemplo: O Gênesis diz que a Criação foi feita em seis dias. Dia – YOM em hebraico – escreve-se Iod, Vau, Mem. Iod é o símbolo da vida Universal, Vau é o sinal da relação, Mem a letra mãe da Água, sinal da fecundidade e, portanto, da multiplicidade. A idéia como “revolução da Terra” passa a ser uma direção especial dada à Vida Universal que vem a concretizar-se nas múltiplas formas da vida vegetal, animal, etc., submetidas a processos de vida-morte (Arcano XIII do Tarô). A diferença é, pois, notória.

A atenção de um grande número de estudantes foi atraída pelo fato de que o hebraico moderno suprimiu da escrita os antigos caracteres escritos por traços mais ou menos grossos. Foram trocados por letras simplificadas escritas numa só espessura. Apareceu também a letra cursiva. Isso é devido ao fato de que, em nossos dias, já não se usa a pena de ganso. Isso fez desaparecer os antigos caracteres, como o que aconteceu com os góticos inglês e alemão, e a letra arredondada francesa, etc. A letra cursiva é uma consequência da necessidade de uma maior rapidez na escrita.

Não seria prático redigir uma carta comercial com o trabalho de um calígrafo.

ESTUDOS DE SEMÂNTICA OCULTA

SÂNSCRITO

A T M A - Vontade – A Força volitiva; ATMAN, em sua forma neutra – A Vontade incondicionada – Num sentido superlativo, a Vontade Criadora Divina, aquela que mantém as Leis fundamentais do Universo.

Composição:

A – Primeira letra do alfabeto: Elemento ar (inteligência) gérmen originário de todas as coisas; símbolo do primeiro hálito vital; indefinidamente mutável por sua condição elementar; primeiro Arcano do Tarô, o prestidigitador; número 1.

T – última letra do alfabeto; símbolo do fim de todo processo pelo fato de ter chegado à sua perfeição; símbolo da Cruz como fim de uma etapa da evolução humana.

MA – Sufixo ou prefixo da raiz etimológica serve para dar a esta um sentido superlativo de maior quantidade ou qualidade.

Síntese:

A reunião da primeira e da última letra do alfabeto hebraico indica o Primeiro Princípio posto em ação, orientado para um aprofundamento máximo na matéria, atravessando e despertando em sua descida, os campos de ação próprios às outras vinte forças compreendidas entre A e T.

A adição da partícula MA como qualidade, relaciona à mais alta espiritualidade e à mais poderosa força no que concerne ao ser humano. No seu sentido cósmico, expressa claramente a qualidade e poder divino como força diretora e realizadora da Manifestação.

A T M A N – A adição do N final nos indica o gênero neutro, portanto a força de vontade incondicionada. Atma e Atman têm, entre eles, a mesma realização que Brahma e Brahman: Brahma é o Deus criador do nosso Universo, Brahman é uma força criadora suscetível de criar nosso Universo, assim como outro. É permanente, ultrapassando qualquer limitação formal de tempo ou de espaço. *Manvantara* após *manvantara* continuará produzindo universos como a árvore, graças a sua vitalidade, produz seus frutos, estação após estação.

Assim, Atma é a faculdade volitiva humana particular a cada indivíduo ou ego, enquanto que Atman é o princípio da vontade do Logos, o que dá a seu Cosmos as leis inflexíveis que sustentam sua manifestação, e na qual se incluem todas as criaturas que evoluem num campo de ação.

Quando o homem puser em sintonia seu princípio átomico com o Atman do Sistema, passará a ser parte integrante dele, porque somente as quantidades homogêneas podem somar-se. Então, não será mais um Anjo rebelde⁴ e poderá chegar a ser um autêntico colaborador da Obra Divina, fato impossível enquanto dê provas de iniciativas particulares derivadas de atos egoístas, sentido pejorativo da liberdade, fonte de todo tipo de perturbações nos desígnios Divinos. É esta, pois, a origem de todos os males provenientes de um choque contra forças imensamente superiores (mau carma) e cujos resultados podem ser modificados, mais tarde, somente pela Misericórdia Divina, a fim de que sem que se produza o aniquilamento imediato do ser, cumpra-se ao menos a justiça fatal derivada da Lei Universal, que rege todas as coisas.

M A H A T M A – As considerações precedentes contribuem para a interpretação desta palavra. Deve-se prestar atenção somente à interpretação da letra H e na adição do prefixo MA.

⁴ Neste caso, rebelde equivale a ignorante.

H – Símbolo da vida no seu sentido natural de vitalidade física. É também a quinta letra, e seu número é o 5. O Cinco é a representação aritmética do pentagrama, símbolo da mentalidade.

MA – Seu sentido aqui é de grau de síntese: O adjetivo “Mahatma” significa, pois a encarnação física de um grande iniciado, cuja característica é a ação. Por meio dela, é capaz de engendrar um novo estado de coisas representando, tanto no sentido individual como no coletivo, um novo nascimento, porque a renovação indicada acima tem lugar em todos os planos: físico, psíquico e mental.

Sob sua influência, as pessoas mudam sua maneira de pensar e novos sentimentos são despertados como consequência, realizando ações espontâneas e heróicas que antes não seriam capazes de levar a cabo. Exemplo: Gandhi e sua obra.

CHINÊS

TAO – Palavra chinesa da qual se serviu Lao-Tse para designar a *via* que deve levar o homem à união com a Divindade. Designa também a própria Divindade.

O sentido cabalístico dessa palavra é tão evidente que quase se pode prescindir de qualquer comentário, porque temos a última letra do alfabeto, seguida da primeira, a mais espiritual, símbolo da Unidade suprema. A íntima relação que existe entre estas duas letras está expressa na letra VAU que as une, indicando, por sua vez, que se trata de um processo de conversão temporal ou processo evolutivo, indo da última e mais profunda manifestação material (TAU – 400) para a mais alta qualidade espiritual (Aleph = 1).

O livro de Lao-Tse que expõe como o homem pode chegar ao conhecimento do TAO se chama “TAO-TE-KING”, Tao o Rei, em inglês. Segundo suas considerações, já expostas, vê-se claramente que seu sentido é exatamente o mesmo que o de RAJA-YOGA. RAJA em Sânscrito quer dizer Rei.

O ideograma chinês da palavra TAO é formado por dois traços verticais unidos por quatro linhas horizontais equidistantes, conjunto que forma uma “escada” com quatro “degraus”. São os quatro mundos da Cabala, que se deve galgar pouco a pouco para chegar ao superior, o Céu, simbolizado por outro “degrau” horizontal, que ultrapassa os dois traços para representar, assim, sua imensidão. Uma linha curva côncava sustém a parte inferior desta “escada”, da mesma longitude da reta acima. O inferior análogo ao superior, a linha reta superior representa o Céu, enquanto que a curva simboliza o mundo material.

Será simples coincidência o fato de que os físicos teóricos atuais substituam por uma geodésica o antigo conceito de linha reta, suposta distância mínima entre dois pontos?

Quem estiver interessado em ver o ideograma do qual acabamos de falar, o encontrará impresso na capa do livro editado por Paul Derain de Lyon que recomendamos, sob todos os aspectos, e cujo título é “Le Tao Te King”.

HEBRAICO

“EL” – Letras hebraicas: Aleph (foneticamente HE) e Lamed, correspondendo astrologicamente aos signos de Áries e Libra, os dois signos opostos na roda do Zodíaco que determinam o eixo dos equinócios. Por analogia, o princípio das casas I e VII do horóscopo; o Ascendente e o Descendente, o horizonte de qualquer localidade em qualquer momento, a linha ideal que separa o dia da noite, o eixo horizontal da cruz dos pontos cardeais, a impulsividade marciana equilibrada pela doçura venusiana: tudo o que se pode resumir pelas palavras ELE e ELA.

A palavra “EL” que é em si um dos qualificativos da Divina manifestação (3ª Sefira, Binah) é utilizada em geral como sufixo das palavras às quais quer dar um sentido de alta qualidade espiritual (p.ex. Michael).

IAH – palavra composta das letras Iod, princípio ativo, fonte misteriosa de toda vida formal, e de He, princípio passivo. Correspondem respectivamente aos signos de Áries e Virgem, e aos números 10 e 5. É a palavra sagrada que se opõe a “EL” na Árvore Sefirótica, como 2ª e 3ª Sefiras. Na aura do sistema solar, tornam-se os planetas Netuno e Urano.

Se “El” representa a finalidade da vida humana, “I A H” simboliza a natureza do “ator”, porque é a conjunção de Υ, Agnus Dei, e de F a Virgem. Eis aqui, explicado em duas letras, o mistério da Encarnação.

É também, num plano metafísico mais elevado, o ato inicial da manifestação criadora, a primeira divisão da Unidade Suprema (Kether). É a Virgem fecundada, ainda que não seja Mãe, por aquilo que ainda está em estado potencial.

Na escala humana, o signo de Virgem nos indica o conhecimento científico, de onde deriva a possibilidade de atuar inteligentemente sobre a Natureza. Na escala espiritual é Chokmah, a Sabedoria admirável que reflete toda a Criação para obter a autoconsciência dos seres para os quais foi feita, ao longo da evolução na qual o tempo é um fator insignificante.

No Cosmos, IAH é luz e calor, a luz física e a temperatura, tal como nossos sentidos a percebem. Vibração luminosa que inunda o Espaço, mas que não é evidente até que se reflete em algum objeto. Calor numa intensidade que ultrapassa nossas possibilidades materiais, por exemplo: a temperatura dos cometas, a luz da inteligência, o calor vital. Segundo as mitologias, são todos os deuses do fogo e da luz, tais como Apolo, Agni, Lúcifer, etc. “*In primum die fecit lucem*”..., diz a Bíblia. Todas as idéias que acabamos de expressar são derivadas da influência ígnea e marciana, Áries, na pró-matéria, Virgem.

Numericamente, temos que $10 + 5 = 15$, Arcano do Diabo, o deus dos infernos, isto é, de tudo o que é inferior, domínio do FOGO eterno, de Vulcano. As armas de Marte são feitas em suas forjas.

S A T A N – Letras Schin, Tau, Noun. $3 + 4 + 5 = 12$. Schin, letra mãe de FOGO. Símbolo do Fogo purificador. A energia criadora na última manifestação (Schin = 300). Inteligência analítica, atividade dispersiva. Símbolo das forças cósmicas de um Universo em expansão, precipitando-se nas profundezas indefiníveis do Espaço.

Tau, última letra do alfabeto, expressão máxima da materialidade. O mundo exterior tal qual se oferece à cognição dos sentidos. Símbolo geométrico da cruz, combinação do ativo de o passivo. A ilusória perfeição do quaternário. A Cruz como símbolo de Redenção. Como letra que vai após o Schin, redenção depois da purificação pelo FOGO, isto é, de um processo evolutivo. A transmutação dos metais impuros em OURO, depois de cocções sucessivas.

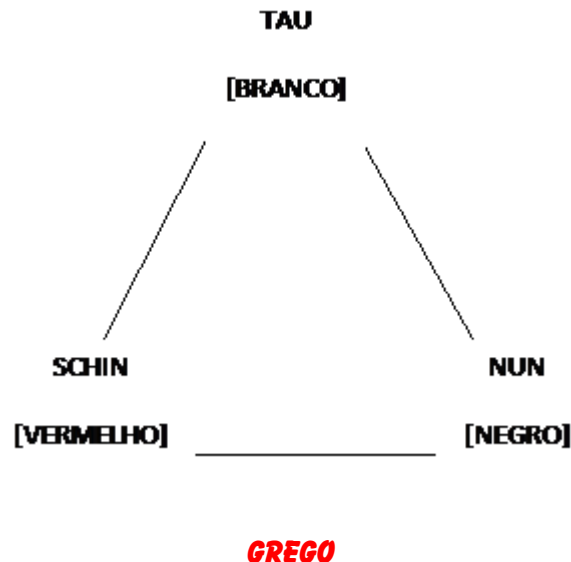
Schin + Tau = $3 + 4 = 7$ forças convertíveis de letras duplas. Essa conversão de baixas qualidades em qualidades ótimas, é o trabalho a ser realizado pelo Homem na oficina da Natureza.

Noun = 50. O Pentagrama, símbolo da Sabedoria, única qualidade outorgada ao diabo. É também o arcano XV do Tarô. É o Diabo, que tem prisioneiro o casal humano pelos seus próprios vícios. Etimologicamente, é tudo o que está atravessado, que impede o caminho, neste caso, negação ou obstáculo à evolução espiritual, portanto o Adversário aos propósitos divinos. Negação total em relação à Afirmação integral: “*Ego sum qui sum*”, lave. “Quando mentimos ou enganamos, não fazemos mais do que dar aquilo que somos” (Mefistófeles, Goethe). Encontra-se também a letra

Noun como raiz fonética da negação num grande número de línguas: No (espanhol), Niente (italiano), Non (francês), Nicht (alemão), Niet (russo), Nem (húngaro), etc.

Resumiremos tudo que foi dito acima, lembrando que estamos analisando uma palavra que é a barreira que obstaculiza o acesso a toda a verdade transcendente porque, com efeito, $3 + 4 + 5 = 12$, as doze fronteiras do Universo, que nenhuma entidade espiritual pode franquear sem ter superado o grau humano.

Assim, a elevação do Tau, a Cruz, por cima do Schin e do Noun, como equilibrante entre os dois é, para o homem, a única esperança de um futuro glorioso.



C H R I S T – Esta palavra, de origem greco-alexandrina, foi empregada pelos gnósticos primitivos como adjetivo para designar o Messias. É assim que, contra o habitual, deveríamos dizer JESUS o CHRISTO, como de diz GAUTAMA o BUDHA. É corrente, nas línguas semíticas e orientais, designar pessoas por qualificativos que tenham a ver com uma de suas qualidades ou condições pessoais. Esse costume foi introduzido no Ocidente durante a Idade Média e subsistiu até o início da época moderna. Todos lembram de nomes de reis e personagens notáveis da História, seguidos de um adjetivo, tais como Solimão o Magnífico, Felipe o Belo, Alfonso o Sábio, etc. Algumas vezes, o adjetivo ultrapassou o nome, e este fica esquecido, como ocorreu com Barba Roxa.

O caso de JESUS é exatamente igual. Em nossos dias a Igreja e seus fiéis se servem, de preferência, do qualificativo para designar o Messias Redentor e dão prova, infelizmente, de uma lamentável atitude superficial, porque a palavra CHRISTO significa simplesmente “o Ungido”, “o justo” em linguagem vulgar. Já o sentido esotérico dessa palavra tem uma extraordinária importância, como veremos em seguida.

Traduzamos, foneticamente, CHRISTO em letras hebraicas e temos Quoph, Resch, Schin, Tau (sem levar em conta as vogais). Respectivamente 100, 200, 300 e 400 numericamente, e Peixes, Saturno, Fogo e Sol astrológica e alquimicamente falando. Assim, temos que 1 é a unidade dos dígitos, 10 a das dezenas e 100 das centenas e que cada um destes grupos representa mais um passo para a penetração na matéria objetiva. É, pois, evidente que correspondem a OLAM YETZIRAH, dispostos a passar ao quaternário da realização, mundo físico ou OLAM ASSIAH. Por outro lado, somemos $100 + 200 + 300 + 400 = 1000$. Eis aqui a unidade dos milhares. A passagem do quaternário fatalmente se realiza e toma a forma mais superior que possa ter: Aleph, valor mil. Esta letra é a primeira do alfabeto, e expressa a qualidade espiritual superlativa. As duas condições, simultaneamente realizadas, fazem ressaltar que o adjetivo que estamos estudando deve relacionar-se somente a um ser que reúna em si mesmo virtudes de HOMEM e de DEUS ao mesmo tempo, virtudes que ninguém deixa de reconhecer ao CHRISTO.

O elemento Fogo, entre Sol e Saturno, expressa as qualidades do LEÃO DE JUDÁ. Por sua vez, o signo inicial de Peixes expressa a condição místico-amorosa (Vênus exaltado em Peixes), assim como a perfeição última à qual leva sua doutrina. É extremamente difícil dizer mais do que o CRISTO disse. Saturno é sua paixão e sua morte; o Sol final sua morte na Cruz e sua radiante ressurreição e ascensão aos céus recordam, assim, o mito solar realizado no Pai Sol.

LÍNGUAS MODERNAS

MARTINEZ DE PASQUALY, nascido em Alicante.

ALACAN: Pronúncia alicantina da palavra castelhana “Alicante”, capital da província do mesmo nome. Palavra de origem islâmica composta da contração de ALAH e KHAN, significando respectivamente Deus e Chefe, Governador ou “Condutor Militar”, por exemplo, Gengis KHAN. É também a raiz etimológica do alemão “Kaiser”, Rei e Senhor. Expressa, de certa maneira, a mesma idéia que as palavras “CRISTO – Rei” tão em voga entre os católicos.

MARTINEZ. A terminação EZ é freqüente nos nomes castelhanos, onde, apesar de sua origem basca, designa a ascendência paterna. Equivale ao árabe Ben (filho de) ainda que Ben defina a ascendência imediata, enquanto que EZ pode indicar a ascendência distante através de gerações sucessivas, isto é, a origem familiar.

Assim, MARTINEZ significa descendente de MARTI, ou dito de outra forma, procedente de MARTE, da casa de MARTE.

O simbolismo astrológico desse planeta é suficientemente conhecido do leitor, e tornam-se supérfluos os detalhes sobre essa questão. Recordemos somente que MARTE é o FOGO que consome a ave Fênix, facilitando assim seu maravilhoso renascimento.

PASQUALY: É evidente que a terminação “y” é imprópria e arriscada, porque muito antes que a Grécia se pusesse a escrever, Israel celebrava a festa religiosa da PÁSCOA (PASCUA, em espanhol), no rito exotérico do sacrifício do cordeiro. PASQUAL é, pois, tudo o que tem a ver com PÁSCOA (PASCUA), ou aquele espiritualmente identificado com a vibração sutil específica dessa festa.

Suprimindo as vogais, PASQUAL se escreverá em hebraico com as letras PHE = S; SCHIN = \$ (elemento fogo); QUOP = L; e LAMED = G. A simples interpretação astrológica já indica o cumprimento de uma mensagem (S) levada a termo com uma energia viril, e com um espírito de reforma para o renascimento das tradições postas de lado pelo espírito de seita eterno (\$). Isso se aplica a um misticismo (L) secreto e inteligente que deve elevar o homem até a aliança com as hierarquias espirituais (G) superiores, visando o cumprimento de certas finalidades de comunhão ou de reintegração superior (L e G exaltação e trono de T, respectivamente).

Numericamente, temos: $8 + 3 + 1 + 3 = 15$ = letra SAMECH, Arcano do BAPHOMET, signo da Magia que, tomada num sentido superlativo, o Centauro, I, é a Teurgia mais elevada.

A vida e a obra de DON MARTINEZ DE PASQUALY, filho de ALACAN, é a personificação exata do que acabamos de expor.

INFLUÊNCIA DA CABALA NAS LÍNGUAS ATUAIS

Não nos é possível fazer um estudo profundo e completo dessa questão. Limitamo-nos a estudar, a título de exemplo, um caso simples, mas concludente pela sua evidência.

Disponhamos as vinte e duas letras do alfabeto em coluna, conservando sua ordem numérica. Para nosso caso comecemos com SCHIN e terminemos com o TAU símbolos, respectivamente, do Elemento FOGO e do astro SOL.

Estas duas letras colocadas juntas já nos indicam um processo (passagem de uma letra a outra) de involução levado a seu último grau de realização e, portanto, até uma forma definitiva e invariável a menos que intervenham causas externas muito poderosas.

Num sentido cósmico, teríamos o FOGO criador expressado sob a condição da letra mãe e capaz, portanto, de engendrar qualquer concretização energética, ainda indeterminada (Arcano XXI). A realização neste caso é o Sol, letra Tau, origem e base de nosso sistema solar. A luz e o calor que irradia no espaço nos levam a considerá-lo como símbolo da Divindade e o Pai da vida neste mundo fictício, que é o teatro da existência física. A criação do SOL representou o princípio de um determinado período de realização extremamente longo que, ainda que admita transformações muito lentas, permanece, em geral, imutável como obra perfeita que é.

Esta idéia grandiosa, expressa simplesmente pela união de Schin e de Tau, a Cabala conservou, aplicando-a por analogia, às pequenas coisas da vida humana e à sua língua corrente. Assim, a raiz Schin-Tau acompanhada de prefixos ou se sufixos introduziu-se nos vocabulários das línguas modernas, mediante a passagem pelas etimologias imediatas latinas e gregas, em muitos casos. É sempre para dar à palavra um sentido de coisa chegada a uma realização definitiva, de repouso, de imutabilidade, de resistência à ganância, de base, etc.

Eis aqui, tomados ao acaso, alguns exemplos aos quais se poderiam ajuntar outros, com o uso de um dicionário apropriado.

Francês:

Solstício = Momento em que o Sol permanece fixo em seu movimento para o Norte ou o Sul.

Station = Lugar de parada.

Statique = Parte da Mecânica que estuda o equilíbrio das forças.

Stator = Parte fixa de um motor elétrico.

Constitution = Lei fundamental de um Estado.

Constance = Força de firmeza moral sustentada.

Construction = Imóvel.

Inglês:

Steel = Aço.

Star = Estrela.

Stone = Pedra (Stonehenge).

Mist = Névoa (água condensada)

Rest = Repouso.

Italiano:

Strada = Rua.

Espanhol:

Estado = Nação considerada como entidade política. Condição civil de solteiro, casado ou viúvo.

Establo = Lugar onde os animais domésticos comem e descansam.

Alemão:

Strasse = Rua.

Stern = Estrela
 Austritt = Retirada.
 Kunsteler = Artista.

HISTÓRIA ASTROLÓGICA DO PLANETA TERRA DAS FORÇAS CÓSMICAS À APARIÇÃO DO HOMEM

Faremos agora um estudo sobre a roda zodiacal. A roda zodiacal, como todos os círculos, pode ser lida em dois sentidos. Pode ser percorrida no sentido dos ponteiros do relógio, ou no sentido inverso, só é preciso fixar um ponto de origem na circunferência. Esse ponto é sempre o signo de Áries, portanto, seguindo essa ordem, podemos percorrê-la no sentido: Áries, Touro, Gêmeos, etc. e então temos representado o processo evolutivo que, como veremos, chegará à transformação das energias vitais solares que, através do homem, produzem uma qualidade espiritual. Ou pode ser lida no sentido Áries, Peixes, Aquário, Capricórnio, etc. lembrando que a elementaridade dos signos é: Fogo, Água, Ar e Terra. Fogo é o elemento de princípio, masculino; Água é o elemento feminino; e então temos que a ação do Fogo sobre a Água engendra o vapor, elemento também positivo, que exige certa temperatura já que, assim que perde um pouco a qualidade Fogo, se torna Água líquida; ou seja, que tem as condições dos dois, do pai e da mãe. Portanto, o elemento Ar, podemos dizer que é o filho das energias ígneas e aquosas que, finalmente, se concretiza na Terra, ou seja, em forma sólida, quando o frio é excessivo: é o gelo. De maneira que assim temos o elemento vital por excelência, a Água, que sempre produz as formas. A ordem de formação dos elementos é precisamente essa. Para seu estudo, dividiremos o círculo zodiacal em três quaternários.

Em seguida, vamos imaginar, usando um pouco de fantasia ou forçando um pouco a nossa mente, como se formou nosso planeta e seu conteúdo. Mas não vamos aprofundar-nos na constituição do Universo, porque nos perderíamos em detalhes.

Vemos que a terra começou como um globo de fogo, ou melhor, de energias ígneas, uma espécie de pequena nebulosa que correspondia às condições plutonianas do signo de Áries, com uma temperatura extraordinariamente elevada, e com um dinamismo formidável. Podia ser não o fogo nosso conhecido, mas aquele próprio de energias atômicas, no qual os elementos físicos iam se formando, ou seja, iam sintetizando-se em sentido inverso ao que fazemos hoje em dia, com a desintegração atômica, na qual desmaterializamos a matéria. Ao mesmo tempo, também a condensação de matéria, ainda que fosse numa massa gasosa muito mais dilatada que as dimensões atuais do nosso planeta, apareceu como centro de toda essa massa, o chamado centro de gravidade e, portanto, começou a aparecer a gravitação, o peso, ou seja, a força atrativa dessa massa até seu centro. Enquanto estava num estado, digamos, etérico não sabemos se esse centro de gravidade existia ou não, mas quando aparecem gases, que é a primeira forma de aparição de matéria, aparece a força de gravidade, com todas suas conseqüências.

Naturalmente, dessa etapa primordial pouca coisa podemos dizer, além de sua qualidade de calor e energia. Mas, à medida que a massa gasosa ígnea se ia condensando, ia também tomando limites mais determinados.

Por outro lado, sabemos que a seu redor estava o frio do espaço, frio que se calcula em uns 273 graus abaixo de zero. Claro, as capas exteriores desses gases iam se condensando com um frio muito intenso, até adquirir o estado líquido.

Entramos, assim, no signo de Peixes, que é regido por Júpiter e é também domicílio de Netuno, deus das águas e das formas líquidas que provocava, com sua presença, a condensação desses vapores. Mas, enquanto caíam, atraídos pela gravidade do conjunto de gases, imediatamente se volatilizavam e voltavam a subir em forma de gases ígneos. Isto é, havia um movimento extraordinariamente rápido de massas gasosas, sem que fosse possível reter nenhuma forma

concreta, porque a capa superficial, quando esfriava um pouco, caía em forma de chuva. As chuvas que podia haver se podemos dizer, por exemplo, chuvas de ferro em estado líquido, ou de cálcio, de alumínio ou do que fosse. Ao mesmo tempo, também no interior da massa, iam se formando, pela influência jupiteriana que tende sempre a incrementar o volume das coisas, os grandes átomos partindo das partículas que acabavam de aparecer pela condensação da energia. Estas partículas iam se combinando e formando sistemas e apareciam os elementos químicos que, depois, haviam de formar a Terra. Quer dizer, aquelas massas infinitamente pequenas dos elétrons, se condensavam em pequenos “sistemas solares” que depois viriam a ser os átomos. Átomos que, com relação aos elétrons primitivos, tinham um tamanho enorme. É o sentido de fazer crescer as coisas, próprio de Júpiter, através do meio líquido de Netuno.

Retrocedendo um passo mais, entramos no signo de Ar, Aquário. Domicílio de Saturno, queda do Sol e domicílio de Urano. Esse contínuo intercâmbio das capas superiores com as inferiores dessa nebulosa produzia um desenvolvimento de energia extraordinário. Imaginemos nosso globo como um forno de milhares de graus de temperatura, no qual houvesse verdadeiras chuvas de metais líquidos que voltavam a volatilizar-se imediatamente, e junto com isso as forças elétricas que se formavam devido às reações que iam acontecendo. Ainda havia um completo intercâmbio de átomos físicos com elétrons que estavam soltos, de maneira que as explosões atômicas, muito maiores que as que hoje nós experimentamos, para infelicidade da Humanidade, aconteciam o dia todo, a todo instante. A natureza de Urano fica perfeitamente evidenciada. Os fenômenos elétricos também eram contínuos. Se, na atualidade as nuvens de água produzem as tempestades que nós vemos, podemos imaginar o que deviam ser as tempestades de nuvens de metais em estado gasoso e líquido. De maneira que, como a natureza uraniana indicava, não somente havia essa contínua agitação elétrica, mas todo o globo devia estar num estado de tempestade contínua, imensamente superior às presentes.

Ao mesmo tempo acontecia a evaporação, porque a parte interior dessa massa gasosa continuava a uma temperatura elevadíssima de milhares de graus. Isso provocava a aparição de novos gases que tornavam a esfriar, precipitando-se às profundezas de onde haviam saído. Atualmente, vemos como se formam as tempestades, simplesmente pela evaporação do elemento água superficial da Terra, mas então essas tempestades chegavam até o centro do globo, quer dizer, que tinham uma violência e uma magnitude das quais dificilmente podemos fazer idéia, ainda que forcemos nossa imaginação. Aquário é domicílio de Saturno, planeta que rege o frio, ou seja, o conjunto da massa ia esfriando lentamente e esse processo podia durar milhares ou milhões de séculos. É também signo de queda do Sol, e é evidente que o Sol não podia penetrar essas capas imensas de vapores metálicos, de maneira que se tivesse sido possível que na Terra houvesse um ser inteligente, capaz de observar o firmamento, não teria podido ver nada, nem mesmo o Sol, porque as massas metálicas incandescentes o teriam deslumbrado por completo.

Segue o processo de esfriamento, entrando no segundo signo de Saturno, Capricórnio, signo de Terra. Aqui vemos aparecer as primeiras formações sólidas, ou seja, o conjunto de gases ígneos que havia formado este globo de maneira gasosa, tinha resfriado, de forma que aparecem as primeiras formações sólidas.

Na forma de um mar em degelo aquelas crostas que se formavam na superfície eram como escórias flutuantes sobre mares de materiais em fusão. Assim, os metais e pedras menos fundíveis começavam a tomar forma, de maneira que o signo de Capricórnio representa as primeiras formações do elemento Terra. Não de terra cultivável como conhecemos atualmente, mas ainda em estado de semi-fusão pastosa, mas que em certos pontos já começavam a solidificar-se. Capricórnio é signo de queda da Lua e do seu desterro, portanto, às novas formações era difícil manter seu estado definitivo, ou seja, todas as formações de matéria sólida tinham um caráter absolutamente instável, pois eram destruídas imediatamente pelas forças do calor que havia no planeta.

E assim termina o primeiro quaternário, onde passamos daquele conjunto de gases incandescentes que apareciam por compensação das energias atômicas, até chegar à formação dos primeiros sólidos.

Entramos no quaternário seguinte, pelo signo de Sagitário, domicílio de Júpiter, queda de Mercúrio. Encontramo-nos com as grandes transformações porque Sagitário, signo mutável, implica as grandes mutações que se produzem nessas condensações sólidas, de tal modo que se formaram como que grandes ilhas de pouca espessura, nadando sobre um mar de fogo e que se transformavam continuamente. Essa instabilidade imediata que tinham as formas quando estavam em Capricórnio, aqui já adquiriam maior importância pelo tamanho dessas ilhas de condensação, que eram grandes massas flutuantes que mudavam não somente de forma, mas também de lugar. Como algo parecido com o que acontece agora com os icebergs que se desprendem dos gelos polares e vão flutuando sobre as águas do mar, transformando-se, fundindo-se lentamente e, seguindo as correntes, vão deslizando de um lado para outro.

Vamos à etapa seguinte, que é a de Escorpião, queda de Vênus, domicílio de Marte, exaltação de Urano e queda da Lua. Observamos que esta etapa está marcada pelo grande contraste que ofereciam as formas ou as formas aglomeradas de Vênus. Já dissemos que Vênus era a criadora das formas, num sentido passivo, com as energias dinâmicas de Marte que então destruía as formas, e com o fogo que fundia aquelas ilhas que se estavam formando, produzindo desse modo os primeiros terremotos. Recordemos que Escorpião é signo de exaltação de Urano, planeta de rege os terremotos. Já não eram aquelas pequenas frações de matéria sólida que se haviam formado em Capricórnio e que se haviam estendido até Sagitário, mas já eram de uma dimensão quase de continentes, e cada vez que se abriam ou se juntavam era produzidos terremotos espantosos dos quais agora não podemos ter idéia, porque devemos considerar que os fenômenos que vemos no presente são superficiais, e naquele tempo eles eram profundos, chegavam até o que podemos chamar de centro da Terra.

As forças dissolutivas de Marte produziam, então, a colisão desses continentes pelo impulso do fogo interior, já que tudo isso estava flutuando sobre as massas de fusão. E, ao mesmo tempo, também os gases externos iam desaparecendo e já não eram apenas gases incandescentes, mas se tinham incorporado à massa líquida sobre a qual se formavam essas superfícies, que poderíamos chamar de continentais. Essas superfícies que continuamente se uniam, ressurgiam e produziam os grandes cataclismos geológicos, acompanhados sempre daquelas tempestades elétricas formidáveis, que a exaltação de Urano intensificava ainda mais, ao produzir-se em estados moleculares, pelo efeito de condensação de elementos.

No signo de Escorpião aparecem os primeiros elementos de água. As moléculas de água são compostas de Oxigênio e Hidrogênio que, ao chegar a uma temperatura elevada se dissociam, isto é, acima de X graus, H e O já não se combinam para formar H_2O e resultam dois gases independentes. Mas aqui começaram a acontecer as primeiras sínteses aquáticas que se produziam somente na capa superior da atmosfera ao estar em contato com o frio interplanetário, de modo que, mais que água, ainda eram vapores de água a alta temperatura. Isso trouxe, então, as grandes nebulosidades e grandes tempestades elétricas, que tinham ficado em suspenso durante os períodos de Capricórnio e Sagitário.

Agora, consideremos a época de Libra. Libra é a queda de Marte e domicílio de Vênus, portanto, em Libra apareceu a atmosfera de uma composição muito parecida com a que temos no presente. Por ser signo de Ar, de equilíbrio facilmente desequilibrado, equilíbrio instável (os pratos de uma balança (Libra) por pouco que se toquem se desequilibram, ainda que depois voltem a buscar o equilíbrio), criaram as grandes correntes atmosféricas de ventos de furacão, tanto frios como tórridos, que produziam efeitos de erosão sobre as terras e contribuía em grande parte para a formação de tempestades de todo tipo.

A queda de Marte representava o domínio das forças do Fogo. Pelo sucessivo esfriamento que se tinha produzido, tinha chegado a um ponto em que o fogo ficava bastante centrado. A água que se tinha produzido primitivamente caía em forma de grandes chuvas e grandes dilúvios sobre a Terra. Poderíamos dizer que é a época da luta na busca do equilíbrio entre a Água e o Fogo.

Depois das grandes tempestades que se tinham produzido sob o signo de Escorpião, vieram as grandes chuvas próprias do signo de Libra, chuvas de água quente, fervente mesmo, e que evaporavam em seguida, de maneira que a atmosfera estava tão saturada de umidade que se estava permanentemente dentro de uma nuvem a uma temperatura superior a cem graus, já que a própria pressão fazia com que a temperatura de ebulição estivesse acima dos cem graus. Mas é no signo de Libra, quando toda essa massa de condensação que era então o planeta, pode receber o nome de Terra. Isto é, o planeta já era algo consistente, já não era uma massa de vapores nem uma massa de elementos em fusão e, sobretudo, porque planava por cima dessa massa semi-sólida e líquida, a atmosfera. Poderíamos dizer que é no signo de Libra que a atmosfera toma suas qualidades.

Continuando, chegamos ao signo de Virgem, signo de Mercúrio, signo da queda de Júpiter, de terra. Aqui sim vemos que depois dessa época de busca de equilíbrio na batalha entre dois elementos, aparece a primeira qualidade de superfície terrestre propriamente dita, que primeiro surgiu em forma de pequenas ilhas e depois em forma de ilhas maiores, formando continentes. Temos aqui a possibilidade da primeira vida vegetal, a possibilidade de respiração. Mercúrio, que rege o Ar, atuando em cheio sobre seu signo, permite a transformação da energia solar em energia vital da qual falamos no caso anterior e, ao mesmo tempo, por ser signo de Terra, já é a condensação.

Entramos no último signo de Fogo, Leão, domicílio do Sol e queda de Saturno. Nesse período se produzem dois fenômenos de extraordinária transcendência. Primeiro, sobre a superfície do planeta, já quase habitável, aparece o primeiro raio de sol. Enquanto a terra firme foi se estabilizando, a atmosfera clareou, perdendo aquele estado de nebulosidade, de névoa quente. E, um dia, se abriu um claro entre as nuvens que permitiu que o astro rei aparecesse no firmamento, aureolado de resplendores dourados sobre um fundo de azuis delicadíssimos. A terra virgem de Virgem recebia, pela primeira vez, o beijo vitalizador de seu esposo celestial, o Sol. Um canto à vida fecunda se levantou das entranhas do planeta e se estendeu por toda sua superfície.

Segundo: as forças tenebrosas e pesadas de Saturno, por sua queda, tiveram que retirar-se para sempre, para as profundezas da Terra, arrastando com elas as violências térmicas de seu aliado Marte, já meio vencido no período de Libra⁵. Mas, na sua derrota, deixaram um rastro maldito que havia de amargar a existência dos filhos que a Terra pudesse ter: a enfermidade e a morte. Por outro lado, a qualidade de contração de Saturno, atuando do centro da Terra fez que a superfície desta, ainda não muito firme, experimentasse uma redução de diâmetro e se enrugasse ou fragmentasse em diversos pontos, seguindo as linhas das grandes depressões marinhas. É provável que a separação dos continentes do velho e novo mundo venha daí.

O Fogo interno do planeta, em virtude de sua qualidade expansiva, buscou ainda a possibilidade de sair para o exterior através da frágil crosta terrestre, originando grandes vulcões com os conseqüentes terremotos e expulsão de lava. Pelas quedas de Urano e Saturno, os terremotos que se produziam já não tinham a importância de épocas anteriores, enquanto que a lava esparramada nas erupções, rapidamente esfriava e se petrificava, contribuindo assim para uma maior extensão da superfície, apta para a posterior manifestação da vida animal. No período seguinte, regido pelo

⁵ A concentração marciana até o centro da terra levou à formação do núcleo do planeta, composto por uma massa metálica de uma aleação de ferro-níquel, denominada pela ciência atual de “Nife”. A providencial sabedoria fez com que o que vulgarmente chamamos aço inoxidável impedisse que o ferro que o compõe se oxide, o que inevitavelmente aconteceria produzindo, em conseqüência, a absorção por tantos milhões de toneladas de ferro do oxigênio da atmosfera, até torná-la totalmente irrespirável, o que representaria a supressão total da vida orgânica.

signo de Câncer, a Lua toma sua máxima influência, o que lhe permite acabar de dominar as forças fixativas de Saturno, já muito debilitadas no período anterior, dominado pelo Sol.

A ação em comum do Pai e da Mãe da vida permitiu dotar o planeta de vida animal e, efetivamente, ela apareceu na grande matriz da Terra que é o mar, seguindo os processos que veremos a seguir.

O esfriamento progressivo da atmosfera produziu intensas condensações de vapores aquosos que ela suportava e que se precipitavam em forma de intensas chuvas diluvianas. A quantidade de água caída, pelos fenômenos de erosão e desmoronamento de pedras, foi arredondando as antigas montanhas, ao mesmo tempo em que ia enchendo as fendas dos vales primitivos de lodos que, mais tarde, seriam terras cultiváveis. Por outro lado, as águas de rios e torrentes dissolviam os sais solúveis que encontraram em sua passagem. Disso resultou que os mares iam enriquecendo de conteúdo salino até tornarem-se aptos para o fenômeno vital. Finalmente, a condição aquática da Lua se impôs de tal maneira que as águas marinhas se estenderam sobre as três quartas partes da superfície terrestre.

Naqueles mares mornos, de temperatura e concentrações salinas aptas para as funções biológicas, ocorreu, um dia, o feito maravilhoso e transcendental da sintetização das primeiras moléculas de albumina que, quiçá sob as diretrizes e propósitos de determinadas forças espirituais, concretizaram-se em células. Já sabemos da alta qualidade psíquica e mediúnica que tem o signo de Câncer e sua regente, a Lua, de maneira que não há nada de fantástico que a albumina, substância evidentemente lunar, agisse como receptora de forças espirituais, psíquicas, ou o nome que se queira dar-lhes, pois neste caso, não é o nome o que importa.

A influência maternal da Lua tomou, nessa ocasião, sua máxima importância e da mesma maneira que no desenvolvimento de uma gravidez normal, quando da multiplicação celular, as células vão tomando direções e qualidades determinadas para dar origem às diferentes vísceras órgãos e aparatos, assim também nas células primitivas ficavam marcadas as condições e diretrizes precisas para que, através dos complicadíssimos processos da evolução da forma, chegassem a transformar-se nas diferentes espécies animais que os altos desígnios espirituais haviam previsto. E é muito possível que, entre os lodos submarinos se houvesse formado a primeira célula daquilo que, no transcurso de longuíssimas idades, deveria ser o reino humano. Com mais facilidade que as outras, por encontrar-se no meio que lhes era próprio, se desenvolveram até alcançar formas perfeitas, todas as células originais das espécies marinhas. Com rapidez os mares foram povoados intensamente, primeiro pelas formas vitais mais simples seguindo gradualmente até a aparição dos peixes em suas inumeráveis variedades.

A queda de Marte nesse período, acompanhada da definitiva humilhação de Saturno, fez com que a vida se desenvolvesse, daquele momento em diante, plácida e tranqüila num estado que poderíamos chamar paradisíaco, já que os seres, ainda que submetidos à morte, ignoravam que tinham que morrer, pois a falta da mente lhes impedia a previsão.

No período de Gêmeos, que corresponde ao signo de Ar que é domicílio de Mercúrio e desterro de Júpiter, as principais transformações da atmosfera do planeta aconteceram. As grandes condensações aquáticas do período anterior produziram o clareamento do ar até alcançar transparência suficiente para que o Sol pudesse brilhar com muito mais continuidade do que antes, apesar de existirem, ainda, grandes massas de nuvens arrastadas de um lado a outro pelos ventos de furacão, que caracterizavam esse período de desequilíbrios atmosféricos.

Todo o movimento aparente e superficial da terra se tinha acalmado, mas na atmosfera aconteciam grandes perturbações, pois agora o frio do espaço agia sobre suas camadas superiores, com o conseqüente aumento de densidade, enquanto as camadas inferiores, em contato com a terra e seus mares ainda mornos, adquiriam condições ascensionais. Tudo isso se resumia num desequilíbrio constante e, portanto, na formação de ventos violentos.

Como consequência, na superfície dos mares havia contínuos temporais de uma violência que não tem comparação no presente. Ondas imensas se abatiam sobre as costas, penetrando extensamente sobre as praias, arrastando com elas algumas daquelas células vitais de que falamos no período anterior. Muitíssimas morriam, mas algumas, adaptando-se ao meio, e ajudadas por circunstâncias favoráveis, permaneciam expostas ao calor dos raios do Sol, sofrendo uma espécie de incubação. Agindo à maneira dos ovos, é possível que tenham dado nascimento aos anfíbios, répteis e, especialmente, às aves.

Sob a influência dual desse signo, as formas vitais, polarizando a energia nervosa tomaram as condições de macho e fêmea pondo, assim, em marcha a reprodução sexuada que tinha que assegurar a continuidade da vida. Ao mesmo tempo, aparece a mentalidade em sua manifestação mais inferior, que é o instinto. Os pássaros começam a tomar conta do elemento ar e atravessam-no em todas as direções. Algumas espécies, procurando condições climatológicas convenientes e guiadas por seu instinto, empreendem grandes migrações, viajando sobre terras e mares. Consequência também da respiração pulmonar é o canto dos pássaros e o grito dos animais. A Terra, maravilhada, escutou pela primeira vez sons que não pertenciam aos terríveis entrechoques dos elementos e que continham harmonias cuja possibilidade de existência era insuspeitada. O gérmen da palavra estava estabelecido sobre o planeta.

O desterro das forças massivas de Júpiter permitiu que os animais das novas espécies adquirissem formas ágeis, graciosas, aptas para movimentar-se rapidamente em complemento de seu selo mercuriano, ao mesmo tempo em que desapareciam as volumosas formas dos animais antediluvianos. Na época situada sob as influências de Touro, e lembrando a fixidez desse signo, encontramos a estabilização definitiva do planeta numa forma muito parecida com a atual. Por outro lado, temos a povoação da Terra pelos animais e seres que mais tarde seriam a humanidade.

A última catástrofe produzida pelos elementos foi provocada pela exaltação da Lua em Touro. O esfriamento definitivo da atmosfera provocou a última precipitação aquosa, que se fez com tanta intensidade e rapidez, que provocou o que as lendas pré-históricas denominam “Dilúvio Universal”. E, será por acaso que Noé soube que podia sair da Arca com a volta da pomba (animal de Vênus) que levava no bico um raminho de oliveira (árvore também de Vênus)?

Depois do Dilúvio, recomeçou a vida na terra sob as melhores influências venusianas, e foi um verdadeiro paraíso. O que já era concretamente o gênero humano pode viver a legendária Idade do Ouro, sem maiores preocupações do que a de crescer e reproduzir-se na felicidade de uma ignorância quase animal. A aparição do simbólico Arco-Íris da paz marcou a entrada dessa época única. O contato contínuo do homem com a esplêndida Natureza foi afinando seus sentidos e despertando suas emoções. Sob as influências Venusianas e Lunares, não havia outra coisa a fazer, tanto para os animais como para os homens, do que a união dos pares e poder encher o estômago.

Os animais seguiram indefinidamente sob o impulso dessas agradáveis tarefas, mas no homem, que tinha outros destinos, a coisa não podia ficar assim. De repente, começou a nascer entre alguns casais privilegiados, um vago sentimento do que hoje definiríamos como amor. Ao mesmo tempo, em outras ocasiões, surgiu a necessidade de imitar os sons da natureza e o canto das aves, ainda que fosse com uma flauta de cana. Em outras, de expressar-se em formas cadenciadas e rítmicas. Ou, ao compreender que os movimentos espontâneos tomavam expressões especiais de beleza, quando submetidos a determinados ritmos e condições. Em resumo, foi o primeiro despertar, não das artes, mas do sentimento artístico que mais tarde deveria criá-las.

A alimentação, por outro lado, não era problema, porque os homens eram poucos e os frutos da terra eram muitos. Naquela Idade do Ouro, todo o mundo era rico, porque ninguém tinha necessidade de possuir coisa alguma. Marte, que estava em exílio nesse signo, experimentado sua terceira derrota nessa roda zodiacal, permanecia impotente para alterar a tranqüila sucessão dos

signos, mas como um bom guerreiro nunca se dá por vencido, à espera de uma época melhor que havia chegar, não podendo agir sobre os elementos naturais do planeta, começou a agir dentro do coração dos homens, criando todo tipo de más paixões e tentações naqueles de caráter mais forte, e minando as energias dos mais fracos, incapazes de responder aos estímulos da ambição. Assim, uns passaram da placidez à decadência, e outros da felicidade à inquietude de realização. A diferença de qualidade entre os homens foi aumentando até explodir no signo seguinte, o de Áries, em todo tipo de violências.

As grandes convulsões materiais do planeta tinham terminado depois da aparição do Arco-Íris no firmamento, levando ao término da preparação do cenário sobre o qual a raça humana tinha que viver o drama que haveria de levá-la da pura e simples animalidade à formação de uma hierarquia espiritual. De sua parte, o homem, já envenenado pelo maligno Marte, respondeu à influência solar, assimilando a pior expressão da mesma: o orgulho. E, um dia, erguendo seus deslumbrados olhos para o Rei do firmamento, exclamou: “Eu serei como tu!”.

Pobre marionete das forças espirituais que o guiavam, aceitou como decisão própria, o que não era mais do que o cumprimento do que já estava decidido. A resposta foi um benevolente sorriso nas Alturas, enquanto que um suave rumor rondava o planeta e parecia dizer: “Se estás disposto, quando queiras”. E assim começou a evolução espiritual do gênero humano.

O terrível Marte foi indultado de suas derrotas e voltou a imperar sobre o mundo, enquanto que a doce Vênus era desterrada, levando em sua bagagem todo sentimento de compaixão. Marte, vencedor, cheio de energia e coragem levava, desafortunadamente, o rastro das piores condições saturninas que se infiltraram na alma dos homens, ajudadas pela necessidade, o sentimento de egoísmo e de separatividade. Sob essa pesada carga, a humanidade empreendeu o caminho de sua regeneração, percorrendo em sentido inverso o caminho que sua mãe, a Terra, havia percorrido para poder pari-la.

Lentamente, o “*Pitecantropus Erectus*”, que era o homem dos tempos felizes, chegou ao “*Homo Sapiens*” que foi tirando, pouco a pouco, da destilação das infinitas lágrimas que os próprios erros lhe custaram, a sabedoria. Para seguir adiante precisou de todas as energias da vontade que o fogo inesgotável de Marte havia depositado em sua alma. Áries, signo de iniciativa, de mando, de mentalidade, de capacidade de sacrifício e de trabalho, colocou rapidamente o homem à frente da vida planetária, concedendo-lhe a faculdade de poder realizar pequenas criações próprias no mundo material, ao mesmo tempo em que, inconscientemente, avançava passo a passo pela via de seu progresso espiritual.

O Grande Pai da Vida, o Sol, exaltado em Áries, girou a ordem de sucessão das forças cósmicas ao contrário da era até então, e elas empreenderam o sentido de Áries, Touro, Gêmeos, etc. Longe, muito longe, de inconcebível distância, a sombra de uma montanha aureolada de resplendores punha um hiato no novo caminho. Seu nome era *Calvário*.

DA ENERGIA FÍSICA À REALIZAÇÃO ESPIRITUAL

Começamos estudando as manifestações da vida física sob a influência solar. Antes de tudo, temos que considerar como se manifesta o fenômeno da vida, que depende essencialmente da nutrição porque, é claro, a primeira condição de todo ser vivo é poder nutrir-se. Consideremos como se realiza esse fenômeno. Naturalmente, nutrir-se implica comer, e de onde saem os alimentos da terra? Toda a vida depende dos vegetais, porque o vegetal tem a qualidade de possuir as primeiras substâncias da alimentação. É pela clorofila, substância que dá verdor às plantas, que tem a propriedade de fixar a energia solar, que se realiza a síntese necessária da constituição molecular complicada (hidratos de carbono, gorduras, etc.) que transformam os elementos minerais da terra em substâncias orgânicas. Isto é, toda a biologia vegetal depende do procedimento chamado clorofílico e esta é, verdadeiramente, a origem da nutrição de todos os seres, já que as calorias que

estes precisam para agir são tiradas da decomposição dos materiais que os vegetais sintetizaram. Dizemos que todos os animais do mundo vivem dos vegetais, porque inclusive os animais carnívoros comem outros animais que, em última instância, alimentam-se de vegetais. Portanto, a vida solar, para ser transmitida aos seres vivos da Terra, o faz através desse mundo vegetal que fixa, sobre as formas, a vida do Sol.

Agora, entramos no Zodíaco pelo signo de Áries, que é o signo de exaltação do Sol, de maneira que se inicia o círculo vital com a exaltação do Sol, doador de toda vida. Essa energia que o Sol irradia exaltado em Áries, que também é signo de fogo e domicílio de Marte, fixou-se na Terra através do segundo signo, Touro, que é signo de Terra e, também, signo venusiano e signo de exaltação da Lua.

Essa função biológica da clorofila acusa sua natureza venusiana, primeiramente pela sua cor verde. Ademais, sendo o signo de Touro exaltação da Lua, temos que se torna apto para a criação de formas, através da multiplicação celular. Temos, portanto, que os vegetais de uma maneira geral regidos por Vênus, criam a forma graças à circulação da seiva, elemento lunar. E, assim, começa a estender-se sobre a terra o fenômeno vital, como consequência da união dos dois luminares exaltados: Sol e Lua.

É certo que no mundo há animais carnívoros, mas eles vivem, como já dissemos, de devorar animais herbívoros. É o fenômeno sempre repetido da atração de Vênus e Marte. Há animais, além do homem, capazes de viver com alimentos mistos, mas nenhum animal herbívoro comerá carne ainda que morra de fome e, portanto, é uma função regressiva. Os animais da terra que se alimentam de carne são, geralmente, animais de sangue quente o que denota também sua natureza marciana, além do que o sangue manifesta essa qualidade, por sua cor vermelha.

As radiações solares das quais falamos no princípio deste capítulo, têm que transformar-se para agir sobre a terra, em energias marcianas, cujas calorias provêm do oxigênio necessário para as combustões orgânicas. E o trânsito de uma a outra forma de energia se faz através do fenômeno da respiração, a fim de que todos os filhos da Terra possam alimentar-se através da placenta terrestre, que é a atmosfera. Vegetais e animais, todos respiram dessa atmosfera, ainda que em funções inversas. A respiração vegetal absorvendo anidrido carbônico, e a respiração animal expulsando-o, como resíduo de suas combustões internas. O chamado fenômeno da respiração se relaciona com o terceiro signo, Gêmeos, que se manifesta através da dupla função de que acabamos de falar, de acordo com a natureza dual do signo. É assim que o fogo de Marte deve ser estimulado pela missão do elemento ar, estabelecendo o primeiro equilíbrio da polaridade fogo-ar sobre o elemento terra, de Touro. Touro facilita o suporte material necessário para a vida da forma. Sobre esta, de natureza negativa ou feminina, influem então as duas polaridades masculinas de fogo e ar. Isso seria suficiente para a existência de um indivíduo, mas vivendo sujeitos ao trânsito da morte e, portanto, à desapareição, a continuidade da vida exige a condição de reprodução. Esta se faz sobre o signo de Câncer, domicílio da Lua, que neste signo desenvolve suas máximas atividades. É o signo maternal por excelência.

Todas as gestações são regidas pelas influências Lunares, assim como as multiplicações celulares e suas formações, até transformar-se em massa orgânica apta para a vida sublunar. A primeira condição para que a vida da forma seja fecunda, é a presença do elemento água. Assim se pode dizer que a vida exige a presença dos quatro elementos que, resumindo, podemos dizer que são: o fogo de Áries, a forma terrestre de Touro, o alimento do fogo pelo ar de Gêmeos, e o dissolvente geral da matéria pela água de Câncer.

Como já dissemos, a influência venusiana e lunar de Touro, fixa a forma vital e, efetivamente, jogando com as reações próprias do gênero humano, faz com que o primeiro incentivo da reprodução venha da atração da beleza feminina, de influência venusiana, e faz com que o homem, que leva em si o fogo de Marte, ao unir-se com Vênus, eleva-a à categoria de mãe, qualidade de

grande predomínio lunar, ficando as atrações venusianas relegadas a segundo plano. O homem, portador do gérmen de vida solar transforma-o em impulso marciano, enquanto que a mulher, levando a beleza venusiana de Touro em sua forma, é transformada em mãe respondendo então, naturalmente, às influências lunares. Tal é a explicação profunda do grande mistério da vida através do primeiro quaternário zodiacal.

No segundo quaternário encontraremos a mesma recopilação de idéias levada a outro plano. Este quaternário começa no signo de Leão que, assim como Áries, é signo de exaltação do Sol. Leão é o domicílio solar que aqui manifesta toda sua força.

Na quinta casa, que é a representação dos filhos criados ao acaso, por simples prazer, é onde se verifica a continuidade da vida, ultrapassando os limites da existência pessoal. O signo seguinte, Virgem, é a queda de Vênus. Vênus se exalta em Peixes, portanto é este o da sua queda e, efetivamente, a mulher perde seus encantos venusianos ao tornar-se mãe, até o ponto que a visão da mãe dando o peito a seu filho é uma imagem que perdeu completamente todo estímulo sexual para o homem. Por outro lado, a maternidade implica uma série de serventias que somente o sentimento maternal pode explicar. É também, ao mesmo tempo, a criação da forma terrestre do filho e é gozo e alegria de seus pais quando estes vêem que o corpo físico do filho vai crescendo dia a dia em volume, forma e peso. Ao mesmo tempo, o filho vai adquirindo o movimento, a agilidade, assim como o conhecimento que expressa este signo mercuriano.

No signo seguinte, Libra, signo do ar, domicílio de Vênus e exaltação de Saturno, vemos a transformação do amor carnal ou físico de Touro, no amor ideal que permeia todo casamento perfeito, prescindindo da simples sedução da forma que a idade e as funções maternais foram apagando. O amor passou de uma coisa da terra a algo de ideal, mental, aéreo e, sobretudo, construído sobre o equilíbrio dos sacrifícios que marido e mulher fazem mutuamente. As oscilações de Libra descansam sobre o equilíbrio, imagem gráfica do que acabamos de dizer.

E, finalmente, no signo de Escorpião, regente da oitava casa e, portanto, da morte, encontramos o esgotamento das energias sexuais marcianas, quando o casal humano chega aos fins naturais da vida. Este signo, oposto ao signo de Touro, indica a dissolução da forma que Touro tinha fixado e que Escorpião, efetivamente, dissolve. A morte devolve à terra os elementos que as energias venusianas estimuladas por Marte, lhe tinham roubado para construir as formas. Escorpião é o exílio de Vênus e queda da Lua. A forma morre, a beleza desaparece, e ficam somente as forças dissolutivas de Marte. Com este quaternário acaba a vida física individual e ficam para o terceiro quaternário apenas os feitos transcendentais que o indivíduo tenha deixado.

No signo de Sagitário, regente da nona casa e, portanto, de todas as coisas que essa casa significa, encontramos a herança que o indivíduo deixou como conceitos, ideais filosóficos, religiosos, políticos etc. Seu símbolo é o homem emergindo da besta, o centauro, apontando sua flecha para o céu. É quando a besta-forma fica na terra, e o ser humano verdadeiro, surgido dela, eleva sua fronte para as alturas. Mas, esta herança que o homem deixou, não teria valor nem transcendência se não a fixássemos sobre a terra, coisa que Capricórnio e a décima casa fazem adquirindo, então, uma influência no mundo que leva o indivíduo que o tenha merecido, a ver perpetuada sua imagem nas pedras e bronzes dos monumentos que as gerações posteriores possam dedicar-lhe. A influência saturnina aparece por esse domínio do tempo, Cronos, que nos dão os monumentos históricos ou funerários que tentam perpetuar a recordação do desaparecido.

Aquário expressa, então, a realização póstuma das esperanças e desejos que o finado possa ter tido, quando suas idéias são aproveitáveis e tenham caído em mãos de sucessores que sejam dignos delas, realizando assim uma obra altruísta de contribuição ao progresso da humanidade. É a superação das coisas concretas de Saturno, que as gerações futuras levam ao plano mental de seus próprios idealismos.

Finalmente, no signo de Peixes, encontramos as condições próprias de todos aqueles que, tendo chegado a um estado de santidade, influirão sobre as gerações futuras através de suas idéias religiosas que, como vemos na etimologia desse nome, religarão as multidões através de um estado devocional ou místico dentro da reclusão dos templos, ou nos próprios santuários de cada um dos corações humanos. Se o desaparecido teve meios suficientes, poderá ser o criador de uma ordem religiosa, ou ainda mais, de uma religião determinada que perpetue através dos séculos, as altas inspirações que o fundador recebeu dos planos espirituais. Este é o panorama que se apresenta como superação dos homens, sempre que estes saibam responder a seus altíssimos destinos, transformando, através de sua existência ou existências humanas, as primitivas energias físicas, solares em autênticos valores anímicos prometedores de um futuro estado super-humano de colaboração ativa e consciente na obra suprema de reintegração espiritual.

A ESTRELA DOS MAGOS

A estrela heptágona é, entre os numerosos símbolos dos quais se servem os magos e ocultistas, um dos mais importantes. É chamada também de Estrela dos Magos, e ela nos dará grande número de interpretações e aplicações se situarmos corretamente em suas pontas os símbolos astrológicos dos planetas. Deverão, evidentemente, ser reduzidos aos sete planetas clássicos, manifestações das sete forças básicas do sistema solar, segundo as quais é constituída sua natureza física. Ainda que Urano, Netuno e Plutão sejam também astros físicos sua ação é, sobretudo, evidente sobre a aura do sistema. A pele ou limite físico de nosso sistema solar é determinada pela órbita de Saturno, e os planetas transaturninos atuam, sobretudo nos planos psíquicos, tal como se pode verificar nos horóscopos humanos.

A Cabala estabelece uma correspondência entre as Sefiras e os planetas clássicos, dando-lhes o nome de “Sefiras de Construção”. Aplicando-as ao mundo sublunar e com este, ao terrestre, determinam os sete planetas em questão. Uma analogia esotérica se dá no Alfabeto hebraico entre as sete letras duplas e os sete planetas. É bem conhecida pelos que estudam esses temas. Dele se derivam uma série de relações muito interessantes, sobretudo se estudarmos suas aplicações à formação da religião Cristã.

Diz-se freqüentemente que a Astrologia é uma Ciência Sagrada. Isso pode parecer uma pretenciosa afirmação gratuita, que está longe de ser exata, porque a Astrologia é A CIÊNCIA SAGRADA de onde saem os mitos religiosos de todas as épocas que, interpretados conforme a soberana ignorância humana, ao pé da letra (que mata), levou a todo tipo de divergências. Finalmente, chegaram às guerras religiosas, verdadeira vergonha do reino humano.

Analiseemos o símbolo, e veremos em seguida suas aplicações: Fig.1

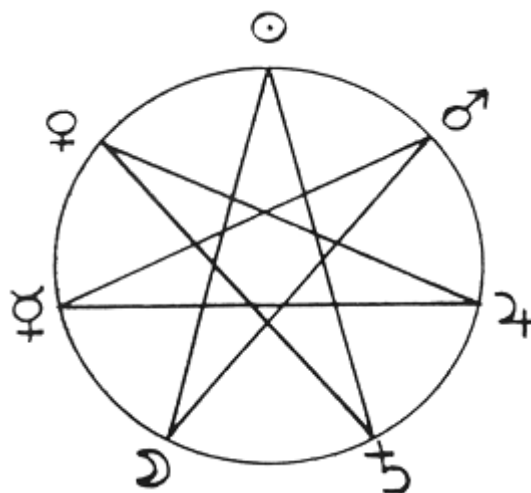


FIGURA 1

Observemos que se podem ler os elementos que compõem este símbolo em quatro sucessões diferentes, tendo cada uma delas seu sentido próprio. Para simplificar, partiremos sempre do Sol, mas se pode percorrer a estrela a partir de qualquer ponto.

- MUNDO FÍSICO: Considerando a figura dividida em duas partes pela linha que vai do Sol à Lua, teremos à esquerda os dois planetas interiores à órbita do sistema Terra-Lua, e à direita os exteriores. Ademais, os planetas virão em ordem de proximidade do Sol, partindo de Mercúrio até Saturno. Unindo, por meio de linhas retas os signos astrológicos alternados, obtemos outro heptágono estrelado de um extraordinário alcance. O ponto de entrada será Marte, e na direção Marte-Vênus teremos a ordem dos pesos atômicos dos metais que correspondem aos planetas que encontraremos, assim:

Marte	Ferro	peso atômico	56
Vênus	Cobre	peso atômico	63
Lua	Prata	peso atômico	107
Júpiter	Estanho	peso atômico	119
Sol	Ouro	peso atômico	197
Mercúrio	Mercúrio	peso atômico	200
Saturno	Chumbo	peso atômico	207

A figura 2 nos surpreende ao permitir-nos encontrar, num símbolo tão antigo, relações que hoje nos parecem próprias de nossa ciência moderna.

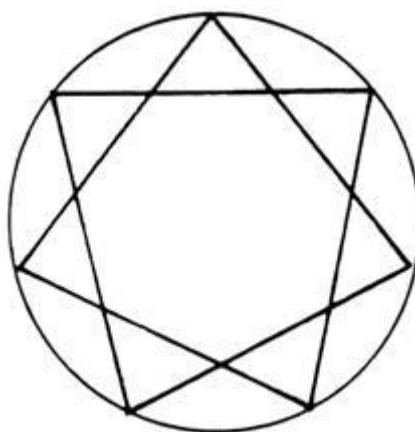


FIGURA 2

- CRONOLOGIA OCULTA: Um tema tão importante como é a maneira de contar o tempo não podia faltar na ciência dos magos, ainda mais porque isso determinava o momento em que atuavam certas influências espirituais. Isso permitia fixar o “momento propício” para cada operação, seja para uma criação espontânea da natureza, seja sob a obediência à vontade e propósitos do mago.

Numerosos livros e tratados de ciência oculta mencionam esse assunto, mas nenhum o expõe completa e razoavelmente. O cálculo do tempo sempre se fez sobre a base de um fenômeno astronômico. O maior período que conhecemos é o do *Ano Zodiacal*: esse é o tempo que emprega o ponto vernal^{NT}, em seu movimento retrógrado, para percorrer todo o círculo do Zodíaco, ou seja, 25.920 anos terrestres, o que representa um grau a cada 72 anos. Esse período marca as etapas raciais da humanidade.

A *Era histórica*: Período de 2.160 anos, duodécima parte do ano zodiacal, tempo que emprega o ponto vernal para percorrer um signo do Zodíaco. Marca o desenvolvimento das sucessivas

^{NT} Vernal - Pertencente ou relativo à primavera. Equinócio vernal.

civilizações que manifesta uma raça. Estamos atualmente no signo de Peixes, que começou no ano de 216 depois de Cristo.

O Ciclo planetário: Cada era histórica se compõe de 60 ciclos planetários de 36 anos cada um. Cada ciclo é governado por um planeta que lhe dá suas características especiais determinando, assim, os gostos, vida social, atividades, modas, etc. próprios de cada geração. A ordem de sua sucessão é determinada pela estrela de sete pontas lida no sentido Sol-Saturno. Considera-se sob a influência de Saturno o primeiro ano da Era Cristã.

O ano Solar: Começa quando o Sol entra no signo de Áries, e é governado por um dos sete planetas. O primeiro e o último ano de cada ciclo são governados pelo mesmo planeta que o ciclo. A chave de suas leituras é também a estrela de sete pontas lida no sentido Sol - Vênus. Ela fixa o tom das influências gerais do ano.

As Quatro Estações: A primavera de cada ano é governada pelo planeta do ano. As estações seguintes, segundo a ordem da estrela setenária lida no sentido Sol-Marte.

Os Doze Meses: Considera-se o ano dividido em doze meses zodiacais. O primeiro é o de Áries. Vêm determinados no tempo pelo momento em que o Sol entra em cada signo, na modalidade temporal da expressão vital sob a influência planetária. O primeiro mês é governado pelo mesmo planeta correspondente ao ano. O resto, pelos planetas que se seguem na Estrela no sentido Sol-Lua.

O Dia Natural: Consideramos que o dia começa no momento do nascer do Sol. Cada dia está sob a influência de um planeta que é determinado pela leitura da estrela no sentido Sol-Lua. Daqui deriva a denominação dos dias da semana, tanto nas línguas neo-latinas como nas anglo-saxônicas e germânicas, através das analogias dos deuses e semi-deuses de suas respectivas mitologias.

Os Quadrantes Mágicos: Por analogia com a quatro estações, o dia natural também se considera dividido em quatro setores, ou seja: 1º - da saída do Sol ao meio-dia; 2º - do meio-dia ao pôr-do-sol; 3º - do pôr-do-sol à meia-noite; 4º - da meia-noite ao nascer do Sol. O primeiro quadrante é governado pelo mesmo planeta do dia, e os outros segundo o resultado da leitura da estrela no sentido Sol-Marte. Esses quadrantes são as modalidades de expressão do gênio do dia. O primeiro e o quatro de forma positiva, o segundo e o terceiro de forma negativa.

As Horas Mágicas: Cada quadrante se divide em seis partes iguais, denominadas horas mágicas que, evidentemente, não têm nada a ver com as horas do relógio. A primeira de cada dia (nascer do Sol) está sob a influência do mesmo planeta do dia e que o primeiro quadrante. As horas seguintes seguem a ordem da estrela, no sentido Sol - Vênus. Por conseguinte, a primeira hora de cada quadrante é governada pelo mesmo planeta que o quadrante. As horas mágicas são a manifestação dos sete gênios planetários, no quadro da influência do gênio do dia.

As Subdivisões: Para maior precisão, cada hora mágica está dividida em sete partes iguais, e a primeira é governada pelo mesmo planeta que a hora, e as que resultam, no sentido Sol-Saturno ⁶.

- ESOTERISMO RELIGIOSO: A oração mais conhecida, o Pai Nosso foi, também, feita sob o esquema da estrela setenária, porque contém frases cuja relação com os planetas é evidente. Assim, temos:

“Pai Nosso que estás nos Céus (Sol)
santificado seja o Vosso Nome
venha a nós o Vosso reino (o reino, segundo a árvore Sefirótica, corresponde à Lua)
faça-se a Tua Vontade, assim na Terra como nos Céus (Marte)

⁶ Ver: “Traites d’Atrologie esoterique”, de Ambelain; “Kabalistic Astrology”, de Sepharial; “The Kabbalah of numbers”, id.; “La Trilogie de la Rota”, de Enel; “L’homme rouge des Tuileries”, de Christian.

O pão nosso de cada dia, nos dai hoje (o trigo é uma planta tipicamente Mercuriana)
 perdoai nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
 (a magnanimidade é uma virtude Jupteriana)
 não nos deixei cair em tentação (que é geralmente Venusiana, dinheiro ou sexualidade)
 mas livrai-nos de todo o mal (Saturno)

Sacramentos: Os sacramentos são em número de sete e são administrados aos fiéis segundo a ordem do heptagrama estrelado, lido no sentido Lua-Marte. Assim:

1 – Batismo	Lua
2 – Confirmação	Marte
3 – Confissão	Mercúrio
4 – Eucaristia	Júpiter
5 – Matrimônio	Vênus
6 – Ordenação	Saturno
7 – Extrema Unção	Sol

Pecados Capitais: O ensino moral da igreja, seu objeto principal, nos leva à luta contra os sete pecados capitais (capital provém de *caput*, cabeça ou princípio), por oposição às sete virtudes que o fiel deve cultivar até a perfeição.

<i>Pecados</i>	<i>Planetas</i>	<i>Virtudes</i>	<i>Planetas</i>
Soberba	Sol	Humildade	Lua
Avareza	Saturno	Magnanimidade	Sol
Luxúria	Vênus	Castidade	Saturno
Gula	Júpiter	Temperança	Vênus
Inveja	Mercúrio	Caridade	Júpiter
Ira	Marte	Paciência	Mercúrio
Preguiça	Lua	Diligência	Marte

Observaremos que as duas colunas são dadas na ordem Sol-Saturno. Os pecados têm sido ordenados segundo a ordem dada nos tratados da religião cristã. A estes correspondem virtudes, nos pontos opostos do mesmo lado da estrela.

Cabala: o símbolo que estudamos tem também aplicações em Cabala, se aquele que se serve disso sabe aplicá-lo corretamente. É bem sabido que a manifestação acontece simultaneamente em três planos ou níveis, que nós chamaremos superior, médio ou inferior, que correspondem, no caso do homem, ao mental, astral e físico. Cada plano ou força pode, por outro lado, tomar as qualidades de positivo (+), negativo (-) ou equilibrante (∞) em relação aos outros dois. A filosofia oriental os estuda sob a denominação de *Rajas*, *Tamas* e *Satva*.

Tomemos, a título de ilustração, um exemplo particular: dividamos a estrela setenária em grupos de três planetas consecutivos, seguindo a ordem Sol-Vênus. Obteremos sete grupos de três planetas. Tomemos Vênus, Mercúrio e Lua e construamos com eles a seguinte tabela de permutação:

+	-	∞	
♀	♂	☾	SUPERIOR
♂	☾	♀	MEDIO
☾	♀	♂	INFERIOR

Assim, vemos que a Lua, por exemplo, pode tomar um aspecto equilibrante, negativo ou positivo, mas somente num plano de expressão. Mas a Lua não pode ter as três qualidades em cada plano. A resposta nos é dada pelas tabelas de permutação dos grupos seguintes:

+	-	∞
♀	☾	♂
☾	♂	♀
♂	♀	☾

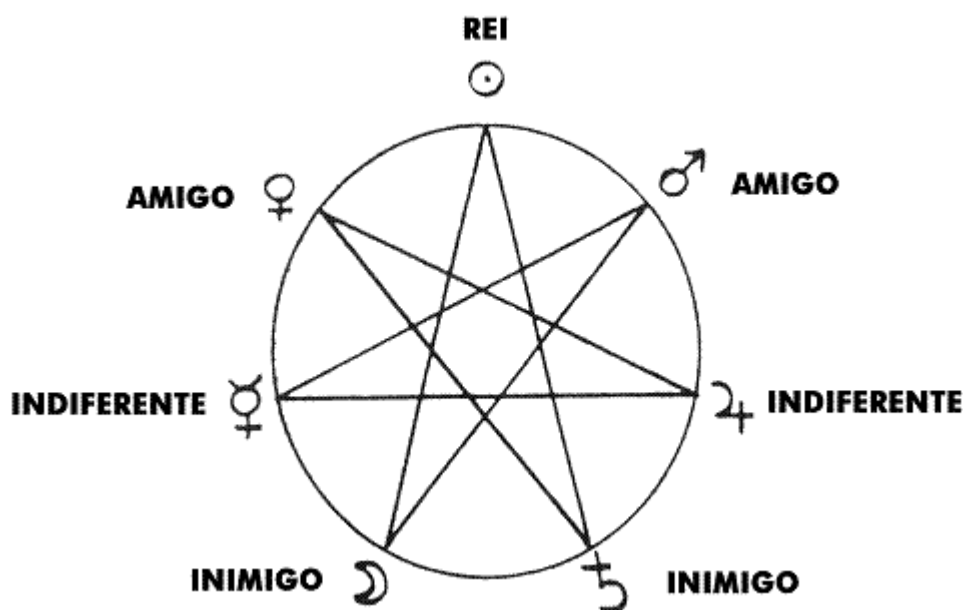
+	-	∞
☾	♂	2+
♂	2+	☾
2+	☾	♂

É evidente, pois, que a Lua assim como qualquer outro planeta, se expressa de três maneiras, segundo o plano e signo, ainda que isto aconteça em três grupos diferentes. Deixamos à sagacidade do leitor devidamente preparado tirar desses esquemas as aplicações que deles se derivam.

- O EQUILÍBRIO SOCIAL: A estrela dos magos nos dá a fórmula abstrata do equilíbrio que toda sociedade civilizada deve manter entre os sete braços que a compõe, tomando-os como expressão dos Elementos necessários a seu desenvolvimento normal. Em toda sociedade, as analogias astrológicas nos dão, comparando planetas e funções no seu seio, a seguinte classificação:

Sol	o rei, o poder
Vênus	a riqueza, a plutocracia
Mercúrio	os intelectuais
Lua	a pequena burguesia
Saturno	os trabalhadores
Júpiter	a Igreja
Marte	o Exército

Cada uma dessas “funções sociais” se relaciona com as outras, segundo sua posição respectiva na estrela de sete pontas. Assim, cada planeta terá dois planetas amigos – adjacentes; dois indiferentes – planetas médios - e dois inimigos – planetas opostos.



Em nenhuma outra ocasião o rei é mais brilhante do que quando está rodeado pelo seu exército, na ocasião de um desfile militar, num dia de Sol esplêndido, enquanto as músicas dos regimentos

fazem soar seus ares marciais. Ou nas festas do palácio, num ambiente de riqueza e de bom gosto, entre os brilhantes uniformes e as belas damas que adornam a corte. Os intelectuais sentem indiferença por ele, porque não se deixam deslumbrar por suas teatralidades. Assim como a Igreja, que devido a sua austeridade, repugna todo excesso de sensualismo. Enquanto que, como contrários, a pequena burguesia e os trabalhadores vêem com maus olhos o desperdício econômico que tudo isso representa, ao mesmo tempo em que se apodera deles certo sentimento de inveja. A plutocracia busca, servilmente, introduzir-se na corte com a esperança indefinível de conseguir um título de nobreza qualquer que seja, ainda que não signifique grande coisa, pois isso dá status entre os tolos. Os intelectuais a provêem de quadros superiores cujas idéias ou invenções podem dar-lhe uma situação comercial mais favorável. Indiferente, a pequena burguesia se limita a adquirir o que a grande indústria produz a fim de vendê-lo nas pequenas lojas que lhes são próprias. O exército também é indiferente porque, apesar de ter necessidade de armas, que somente a grande indústria pode prover-lhe, não deixa de manifestar certo desprezo pelas questões econômicas. Contrários, evidentemente, os operários e a Igreja – se esta for o que deveria ser, já que considera a riqueza como uma possibilidade muito grande de pecar, tendo em conta a debilidade da condição humana.

Um grande número de nossos intelectuais saiu da pequena burguesia, e tem conseguido “dar uma carreira ao filho” quando ele demonstra as qualidades necessárias para receber as indispensáveis inspirações, que devem levá-lo a realizar-se. Indiferentes, os operários e o rei. Uns por simples incompreensão, o outro porque jamais aprofundar-se em questões intelectuais tem sido uma característica real, um verniz de cultura tem sido suficiente para fazer um bom monarca. Seus contrários, evidentemente, são a Igreja e os militares. A crença cega num dogma tem privado de toda análise mental à primeira, e a subordinação às ordenanças e o orgulho próprio de seu ofício priva de toda curiosidade de investigação aos últimos.

No que concerne à pequena burguesia, conta com os amigos evidentes: o comércio e seus vendedores, e o intelectual (o filho). Permanece indiferente diante das questões artísticas e religiosas. A arte, por ter necessidade de uma atmosfera de riqueza, e a religião pelo fato de que não apresenta benefício tangível. Seus contrários são o exército – que lhe tira seus filhos e o rei, que os esmaga com impostos para satisfazer seus próprios prazeres e necessidades. Esta visão limitada não deixa de ser verdadeira, porque o exército e a casa real são instituições caras.

Os pobres operários e a população em geral, sob o peso de um Carma, que não é questão de analisar aqui, não deixam de ter seus amigos na Igreja e na pequena burguesia. A Igreja, com seu sentimento maternal para com os deserdados, dispõe de uma multidão de instituições caritativas que, quando são sinceras, fazem muito bem não somente material, mas também espiritual, com suas promessas de um paraíso hipotético aberto àqueles que tenham sido bons, enquanto que a pequena burguesia oferece possibilidades de trabalho, evidentemente com os salários mais baixos possíveis, mas que asseguram o pão cotidiano. Indiferentes, o exército, onde o soldado é um ser totalmente anônimo e o trabalhador braçal, que se encontra na mesma posição com relação ao técnico. Seus contrários, a plutocracia e o rei, que só conhecem sua existência quando surge um feito revolucionário.

A Igreja, ainda que isto possa parecer estranho, tem como amigos os operários e o exército. Sabemos que os pobres são os bem-aventurados prediletos da Igreja. As relações entre a Igreja e o exército tem sido, por outro lado, sempre cordiais, desde a benção dos estandartes e navios de guerra até as cruzadas, inclusive nos dias atuais. Muitos países têm sacerdotes militares, que não se distinguem dos oficiais a não ser por uma pequena insígnia. Mas, ao contrário, a tentativa de formar sacerdotes operários tem sido um fracasso. São indiferentes desde seu ponto de vista, o rei e a pequena burguesia, pelas razões que já vimos. Entre seus contrários, as influências venusianas da riqueza e da sensualidade, assim como as interpretações da ciência materialista. A Igreja sempre viu na intelectualidade seu inimigo mais perigoso.

No que concerne ao exército, amigos, indiferentes e contrários já foram assinalados e não há necessidade de repetições supérfluas.

Reproduzi aqui a escala da ordem humana, o perfeito equilíbrio cósmico, o que prova que uma bela harmonia entre todos estes braços da sociedade é indispensável a fim de que um determinado país possa gozar de um período de prosperidade, enquanto se encaminha para seu destino. Quando esta harmonia se rompe, a decadência começa, o que levará provavelmente a um mau fim.

OS DEUSES DA MITOLOGIA CLÁSSICA

Poetas e artistas encontram, freqüentemente, motivo de inspiração em assuntos mitológicos. Isto fez com que todo aquele que possuísse ao menos uma base de cultura, tivesse pelo menos uma vaga noção dos mitos, já que são poucos os que têm o cuidado de aprofundar o assunto. É quase geral o conceito de que se trata de pura imaginação, própria de uma civilização muito atrasada em relação à nossa, tão esplêndida, popular, que nos permite olhar com desprezo as superstições próprias de outros tempos. Realmente, dá pena ver com que insuficiência e profunda ignorância, têm sido tratados esses assuntos por autores que se atrevem a falar deles com ares de petulância, carentes de todo fundamento. Livros e mais livros têm sido editados, que o público adquire sem dar-se conta do significado etimológico da palavra mitologia e, portanto, tomando ao pé da letra (que mata) todo conteúdo alegórico da forma fabulosa do paganismo (de pagos = ruralia (que se refere ao rural) em latim) ou seja, a classe social mais inculta em geral.

Os esoteristas, que têm cultivado com amor e admiração a ciência das religiões, perceberam que, sob as formas mitológicas, palpita uma sabedoria profunda da natureza, que adeptos ou iniciados têm expressado, guardando o anonimato personificando as forças psíquicas ou espirituais, para que o vulgo possa entendê-los. Limitando-nos à mitologia clássica (grego-latina) vamos expor a características de suas principais personagens, deixando de lado toda a gama de semi-deuses e heróis que a complementam, tentando concretizar o máximo possível, para não nos perdermos em detalhes que cada um pode completar a seu critério.

Cada um desses deuses tem uma tripla qualidade de manifestação. A força que personificam toma, assim, uma diversidade tão manifesta como possa tomar qualquer indivíduo humano nos diferentes momentos de sua vida. Com efeito, onde está o homem de altas qualidades intelectuais que, na função de um bom pai de família, não aceita atividades de um bom burguês como qualquer um, e que em outros momentos, quando está diante de seu negócio, não se manifesta egoísta, cruel e despótico, obrigado pelas condições materiais?

Identificados os deuses mitológicos com os denominados planetas astrológicos, temos os símbolos da primeira coluna do quadro abaixo, e nas três colunas consecutivas, as denominações que tomavam, segundo suas qualidades superiores, médias e inferiores.

SÍMBOLO	ALTO	MÉDIO	BAIXO
Ω	Urano	Kronos	Saturno
ς	Zeus	Júpiter	Bacús
Υ	Marte	Heracles	Hércules
Τ	Athena	Vênus	Afroditá
Σ	Hermes	Mercúrio	Caco
Ρ	Artemisa	Diana	Hécate
Θ	Apolo	Hélios	Febus

Um pequeno comentário como justificativa: Urano foi, em grego, o céu, a eternidade de onde nasceu Kronos, o deus do tempo, representado geralmente por um velho que carrega numa mão

uma ampulheta ou clepsidra^{NT} e uma foice na outra, significando que media o tempo da vida de cada um, que interrompia quando era hora, com um golpe de sua foice fatal. Saturno é o destino que se opõe a toda iniciativa humana. É também a velhice que fatalmente acaba com a existência de homens e coisas, se não for interrompida antes por um acidente qualquer.

Uma profecia anunciou a Saturno que um filho seu o destronaria. Ele, por precaução, resolveu comer os filhos que tinha com sua mulher Juno que, na ocasião do nascimento de seu filho Júpiter, o enganou dando-lhe uma pedra envolta nos panos da criança. Júpiter salvou-se, cresceu, e quando mais velho, destronou seu pai e, tomando o lugar do pai dos deuses, deu a seus descendentes a qualidade divina.

Na Grécia, Júpiter foi denominado Zeus e o mito que inclui os antecedentes de seu nascimento, diz que todos os deuses, filhos do tempo, são devorados pelo mesmo tempo que os criou. São testemunhas disso todas as religiões desaparecidas no transcurso da história.

Num aspecto médio Zeus-Júpiter, adquire condições quase humanas tais como seus acessos de cólera, que resolvia lançando um raio sobre os que o aborreciam, que acabavam fulminados. Sua maldição se expressava na forma imponente de um trovão que retumbava por todo lado. Para completar seus aspectos humanos, recordemos as aventuras amorosas que teve com Leda, Europa, Danae, etc, etc. Com Danae, que cobriu com uma chuva de ouro, demonstrou sua natureza essencialmente benéfica, de dispensador de riquezas. E, finalmente sua condição sensual inferior manifestou-se quando se entregou a excessos de gula e, em especial, de bebida, sob a aparência do deus Baco, acompanhado de um séquito de bêbados e bacantes.

Marte, deus da energia generosa deu-a, em múltiplas ocasiões, como ajuda aos que empreendiam tarefas próprias de heróis. Num sentido geral podemos dizer que ele, como deus, é o motor de tudo quanto representava energia, biológica ou espiritual no universo. Ele é o fogo, o calor, o entusiasmo e a tenacidade volitiva. Sem seu concurso nada poderia ser feito, nem pelos homens, nem pelos deuses. Como Hércules representa todas as energias tipicamente varonis e, portanto, guerreiras, sem esquecer as funções individuais de reprodução. O militar sempre foi motivo de admiração feminina, o que tem facilitado, em grau superlativo, sua entrega desinteressada. Os amores de Marte e Vênus foram um exemplo, e seu fruto, Eros, deus do amor sexual, é um exemplo definitivo. Daqui deriva a palavra erotismo, tão utilizada hoje em dia. Em suas aplicações materiais encontramos os célebres “Doze trabalhos de Hércules”, muitos deles culminando com a morte de seus inimigos e que, mesmo sendo empresas de espírito generoso, foram concluídas com características francamente brutais.

Na personificação das forças femininas encontramos, em primeiro lugar, o mito de Athena, deusa do pensamento, das artes e da ciência, que já nasceu pronta, diretamente do cérebro de seu pai Zeus. Ela deu seu nome a cidade de Atenas, elevando-a a tal grau de civilização que ser filho de Atenas já era suficiente, na sua época, para valer o status de aristocrata.

Em seu aspecto médio, tais forças tomaram a personificação de Vênus, como a deusa da beleza e do amor material. Nasceu da espuma do mar, que lhe comunicou seu caráter volúvel. Ainda que casada com Vulcano, são célebres suas infidelidades com Marte e com Apolo.

^{NT} A clepsidra ou relógio de água foi um dos primeiros sistemas criados pelo Homem para medir o tempo. A clepsidra mais antiga foi encontrada em Karnak, no Egito, datando do reinado de Amenhotep III. Outros exemplares foram identificados na Grécia antiga, (c. 500 a.C.). Na China, o astrônomo Y. Hang inventou uma clepsidra que indicava os movimentos dos planetas (721). Consiste em dois recipientes, colocados em níveis diferentes: um na parte superior contendo o líquido, e outro, na parte inferior, com uma escala de níveis interna, inicialmente vazio. Através de uma abertura parcialmente controlada no recipiente superior, o líquido passa para o inferior, observando-se o tempo decorrido pela escala. Este tipo de instrumento evoluiu tecnicamente de forma a permitir uma medição do tempo com maior exatidão.

Sob o nome de Afrodite foi a deusa do amor prático material mais depravado. Seu lema era: o prazer a qualquer preço, somente valorizado por sua intensidade momentânea. Dotada de todas as perversões sexuais, ela foi a deusa das prostitutas e a favorita de todas as cortesãs da época. Em nossos idiomas modernos, batizamos com o nome de afrodisíacos, todos os excitantes sexuais artificiais.

Hermes, o deus da mais alta mentalidade, determina aqueles estados de iluminação interior, que são capazes de regenerar um homem, até o ponto de fazer dele um homem novo. Sua melhor contribuição é o despertar da faculdade intuitiva, sem a qual os mistérios do universo permaneceriam hermeticamente fechados.

Isso equivale a dizer que, sem ela, tudo permanece em segredo, simplesmente por incompreensão congênita do homem vulgar. Mas Hermes está sempre disposto à transmissão de seus segredos, falta só encontrar quem seja digno de recebê-los e reúna as qualidades necessárias e, para sua completa realização, Hermes deu aos homens a possibilidade da palavra escrita.

Mercúrio, considerado como o deus do comércio, conserva em seu estado médio, a tendência transmissora de seu estado superior, mas podendo atuar somente no plano material, se limita ao intercâmbio que é a compra e venda, onde as coisas mudam de proprietário com mútuo consentimento. Mercúrio é, pois, o deus do comércio, do diálogo, do intercâmbio de notícias, e em seu sentido mais profundo, é considerado como mensageiro dos deuses. Sua natureza mental concreta, que muda continuamente de sentido, implica que seja ágil, rápido, esperto, vivo ao extremo. No seu sentido mais inferior é Caco, o deus dos ladrões, posto que todo roubo leva consigo uma mudança de proprietário, sem consentimento da vítima.

Prometeu, que roubou o fogo do céu para oferecê-lo aos humanos, apesar de ter cometido um ato delituoso, foi um autêntico benfeitor da humanidade e, em consequência, castigado por Zeus, mas libertado por Hércules.

Artemis foi uma deusa que poderíamos qualificar de protótipo feminino. Mulher de todas as virtudes conjugais e maternas, séria, sensata, soube levar sua vida de maneira exemplar. Colocada sob a alta influência Lunar, filha de Zeus e de Latona, era irmã de Apolo, com quem dividiu o domínio do firmamento.

Diana expressa as qualidades médias da influência Lunar. Ela obteve de seu pai a graça de não obrigá-la ao casamento, merecendo por isso o adjetivo de “a casta”. Foi-lhe concedido o reino dos bosques, onde ela se dedicou à caça seguida por uma legião de ninfas. Um dia descobriu o pastor Endimião, adormecido ao pé de uma árvore, por quem se apaixonou. Mas seus amores não passaram do plano romântico. Desde então, o romantismo e os amores castos se tornaram intimamente ligados à influência lunar. Apesar de suas altas qualidades, entregou-se à bruxaria, ajudada por sua castidade, sob o nome de Hécate. As noites de lua cheia sempre são indicadas para as bruxarias e para as cerimônias de magia negra.

O deus Apolo personifica as melhores influências solares e, em tal sentido, foi um deus esplêndido, aristocrata e belo. Tudo quanto tenha qualidade de riqueza, luxo e arte ficou sob seu domínio. Não em vão foi irmão das Musas, respeitado e servido como o único homem da família. Músicos e poetas receberam seus favores em suas criações imortais. Sua ocupação diurna era percorrer o firmamento num luxuoso carro de ouro, conduzido pelo seu cocheiro Faeton. De quando em quando, se distraía fazendo algumas visitas noturnas à deusa Vênus, que não podia permanecer indiferente a tanta riqueza.

Em seu aspecto médio foi Hélios, o doador de toda vida. É evidente que sem a influência solar, não existiria vida sobre o planeta e, caso curioso, a ciência moderna descobriu que a síntese da clorofila vegetal, origem da alimentação de todos os seres vivos, homens inclusive, é realizada pela ação

catalítica dos fótons que a luz solar possui. É evidente também que toda atividade, expressão de vida, precisa de luz e Hélios, a tocha celestial, vem satisfazer, generosamente essa necessidade. Num aspecto puramente físico, Hélios apresenta-se como Febus, o deus do calor radiante. É como tal que ele aquece a Terra ritmicamente, por dias e noites, ou pelas quatro estações anuais e, cuja intensidade varia segundo as latitudes locais. Esse ritmo, que se percebe em toda a natureza, determina as épocas de germinação, de maturação e de colheita no mundo vegetal, enquanto que no reino animal, marca as épocas do cio na maioria das espécies.

Esta vibração rítmica será encontrada nas funções vitais dos seres, com a alternativa de vigília e sono, ou de atividade e hibernação, de alimentação, digestão, de sístole e de diástole de órgão tão importante como o coração, etc. etc. Com tendências despóticas e egoístas, temos o exemplo do fenômeno físico que é o sistema solar, onde o astro central mantém, por séculos e séculos, prisioneiros em suas órbitas, os planetas circundantes atraídos pelas forças centrípetas que emanam do Sol.

Finalmente, Febus se identifica com o metal ouro e, não se pode negar, que o metal amarelo é o que, no mundo, despertou as maiores ambições. Ao mesmo tempo, ele tem sido o motor vital de todas as civilizações, primitivas ou modernas.

Todas estas considerações sobre os deuses da mitologia clássica são de preciosa indicação sobre as interpretações astrológicas, das influências planetárias, segundo os planetas estejam dignificados, neutros ou peregrinos, ou seja, bem situados por signos, casas, aspectos, ou em má posição pelas mesmas condições. O bom critério do astrólogo deve encontrar a palavra exata para cada caso, dentro das infinitas combinações a que se presta a roda zodiacal.

AS PERMUTAÇÕES DO TETRAGRAMA

NOTA PRELIMINAR

Este estudo foi inspirado pela leitura do livro de Enel “A trilogia da Rota”, bem conhecido por todos os estudantes formais da Ciência Tradicional. Todas as notas deste estudo se referem a essa obra.

Supomos que o leitor tenha conhecimentos suficientes da Cabala e, conseqüentemente, suprimimos todas as definições e explicações que podem ser encontradas em outros livros. Por isso, esse tema só pode ser interessante para aqueles que estejam devidamente preparados, e é a eles que nos dirigimos, com fraternal afeto.

Dirigimos ao eminente ocultista que emprega o pseudônimo de ENEL nosso humilde testemunho de veneração e agradecimento pelas inspirações dadas.

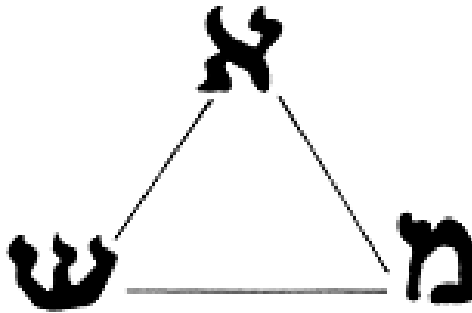
O EQUILÍBRIO

Neste estudo, como em todo tema de Cabala, há que estabelecer antes de tudo o equilíbrio, origem de todas as conseqüências que depois se deduzirão, já que “na sua falta, tudo fica obscurecido no caos”. (Enel – A Trilogia da Rota – III – pág. 106).

Como nosso objetivo é referir-nos ao desenvolvimento das forças criadoras do Universo Material, há que determinar o Ternário fundamental nesse sentido. Portanto, depois de deixar de lado a unidade, símbolo do inefável Ain-Soph, tomaremos o ternário formado pelas três letras mães. A razão para escolhê-las, e não - A,B,G,O,A,D,M, vem exatamente da finalidade que perseguimos. Como disse Enel “essas três letras são chamadas mães e não pais, porque elas representam o ternário material, aquele que derivou da Unidade para criar todas as manifestações físicas. Esse ternário foi criado passivo e se desenvolve progressivamente no ato do Criador” (II, pág. 27). Os

três ternários se referem, respectivamente, à manifestação nos domínios do espiritual, do psíquico e do material. Daí as acertadas palavras de Enel.

Temos, pois, como ponto de origem o ternário A,M,S.



e dele vamos deduzir todas as forças derivadas. O número dessas forças será determinado por dois procedimentos. O primeiro é dado pelas combinações de cada letra, com as outras duas e fixa as modalidades das forças em seu próprio nível. É a expressão de seu dinamismo, sem sair da unidade formada pelas três, consideradas conjuntamente. O segundo é determinado por essas combinações, opondo-se entre si, e representa as forças anteriores numa penetração maior na Manifestação. Poderíamos dizer também que a força superior que representa uma unidade, se bem que no fundo é ternária como acabamos de dizer, ao descer para manifestar-se se parte em duas metades, que são suas polarizações complementares. Exemplo: O Andrógino espiritual humano se divide em dois para manifestar-se no mundo das formas, dando origem ao Homem e à Mulher que, em sua vida, deverão regenerá-lo.

Para melhor compreensão deste estudo, daremos aos significados dos elementos fogo, água, ar e terra, as cores vermelho, azul, amarelo e verde, respectivamente.

Apliquemos os procedimentos mencionados:

1º - Sabemos que “A, representa o mundo mental ou Divino onde se desenvolve a obra criadora, no princípio, em potencial” (II, pág. 27). M, o mundo astral, formativo, maternal ou de gestação de tudo o que mais tarde haverá de manifestar-se e, finalmente, S, o físico ou de realização, mas não na sua parte densa ou tangível, e sim na sua parte sutil, etérica ou das forças físicas. É importante sublinhar esta distinção entre os corpos físicos, como formas, e as forças de afinidade, coesão, temperatura, etc., que são as que relacionam e religam as moléculas e átomos que os integram. Suprimidas estas forças o corpo deixa de ser corpo por dispersão de seus elementos materiais.

As forças derivadas do equilíbrio primordial serão determinadas pelas combinações das três letras. Para estabelecê-las, começaremos por colocar as três letras mães numa linha, colocando no centro a letra A, representação do Elemento equilibrante.

OLAM	AZILUTH	SAM	PRINCÍPIO	ESTÁTICO
------	---------	------------	-----------	----------

Passando para a esquerda a letra situada à direita e escrevendo uma sob a outra, das duas combinações que surgem, resulta a tabela TZIRUPH.

OLAM BRIAH

S	A	M
M	S	A
A	M	S

Tabela importantíssima já que ela dá a base da determinação qualitativa da formação do Cosmos em sua manifestação novenária. Nessa tabela cada linha representa um dos três mundos: mental, astral e físico, enquanto que as colunas, de acordo com a significação qualitativa da letra que as encabeça, se referem ao essencial, ao particular ou ao concreto.

	O CONCRETO	O ESSENCIAL	O PARTICULAR	
REGIÃO SUPERIOR	S	A	M	DAS ESSÊNCIAS
REGIÃO INTERMEDIÁRIA	M	S	A	DAS PARTICULARIZAÇÕES
REGIÃO INFERIOR	A	M	S	DAS CONCRETIZAÇÕES

Assim, por exemplo, das três “S”, a superior representa o concreto do essencial; a intermediária o essencial do particular; a inferior o particular do concreto. Uma atenta observação do gráfico de Enel (I, 67) esclarecerá extraordinariamente estes conceitos.

1º - Temos que lembrar que, assim como o ternário primordial é a representação da Unidade no primeiro estado de manifestação, quase inconcebível por nós, denominado na Cabala de Olam Aziluth, as combinações das três letras dão o esquema dinâmico das atividades básicas de Olam Briah, a etapa seguinte.

2º - Na próxima manifestação, continuando sua penetração na matéria, cada uma das forças representadas pelas colunas da tabela se polariza num par de opostos. Um elemento desta oposição vem determinado pelas três letras que formam uma coluna ordenada de cima para baixo, e a outra pelas mesmas, ordenadas de baixo para cima. Para não haver confusão, nesta nova forma substituiremos S,A,M por I,V,E que representarão, qualitativamente, as primeiras.

Assim, teremos a nova tabela na qual o primeiro binário será a polarização da primeira coluna, o segundo da segunda e o terceiro da terceira.

OLAM YETZIRAH								
I	II	III	I	III	II			
S	A	M	I	V	E	I	V	E
M	S	A	E	V	I	V	I	I
A	M	S	V	I	E	E	E	V

A mesma tabela pode também ser escrita sob a forma equilibrante.

∞			+			-		
S	A	M	I	V	E	I	V	E
M	S	A	E	E	V	V	I	I
A	M	S	V	I	I	E	E	V
I			II			III		

Pode-se ver, em seguida, que o segundo quadrado deriva do primeiro permutando tão só o S e o M da coluna central, a do equilíbrio, enquanto que o terceiro deriva também do primeiro, permutando as duas letras inferiores das colunas exteriores, as componentes opostas da coluna equilibrante.

As permutações de I, V, E determinam as forças atuantes em Olam Yetzirah, como primeiro as letras S, A, M determinavam as forças de Olam Briah. (Enel, I pág. 66).

Como exemplo de aplicação prática, podemos estudar a derivação ou “queda” do Andrógino Divino primitivo nos dois seres humanos. Recordando que “S” tem uma natureza positiva, “M” negativa e “A” neutra, reproduzirá a tabela anterior. (Enel, I, III, 6, 7 e 8).

ANDRÓGINO			HOMEM			MULHER		
+	∞	-	+	∞	-	+	∞	-
-	+	∞	-	-	∞	∞	+	+
∞	-	+	∞	+	+	-	-	∞
CABEÇA	VENTRE	PEITO	CABEÇA	VENTRE	PEITO	CABEÇA	VENTRE	PEITO

Lembrando que a linha superior tem relação com o mental, a média com o astral e a inferior com o físico, veremos que o Andrógino Divino, perfeitamente equilibrado em todos os sentidos (linhas e colunas), se desdobra numa manifestação inferior em dois seres, Homem e Mulher que, se forem equilibrados mentalmente, deixam de sê-lo no astral e no físico. O Homem tem um predomínio negativo no astral e positivo no físico, enquanto que a Mulher, ao contrário do homem, é positiva no astral e negativa no físico. Tão só a união perfeita do casal humano pode restabelecer o equilíbrio perdido pela Humanidade sexuada.

As deduções que se podem fazer do exposto são numerosas. Coloquemos apenas duas: uma, tirada dos mitos bíblicos e outra da observação psicológica (ver também S. de Guaitá, “A Serpente do Gênesis”, cap. III).

Deus, ao criar Adão, o fez à sua imagem e semelhança (o segundo quadrado semelhante ao primeiro), mas para dar-lhe a vida ou animá-lo, insuflou-lhe o hálito (a coluna do Aleph) soprando-o no nariz (o centro do rosto de Adão, a coluna central da segunda tabela). Depois, da costela de Adão fez sair Eva (o complemento de Adão).

No campo da psicologia, observamos que todas as atividades da cabeça, pensamentos da mulher tendem a religar-se ao homem pelo seu ventre, sexo e estômago. Os pensamentos do homem tendem a religá-lo a Deus estudando sua manifestação inferior, sua natureza tangível. Deus, o Espírito, tende a religar-se à mulher pelo ventre dela, pela fecundação, para poder descer à existência. E os três fecham o ciclo de Vida, unindo, cada qual seu princípio superior ao inferior do precedente. O desdobramento dos elementos do Andrógino primitivo podem ser estudados também com a tabela abaixo.

CABEÇA			VENTRE			PEITO		
I	S	I	E	M	E	V	A	V
E	M	V	V	A	I	E	S	I
V	A	E	I	S	V	I	M	E
H.	A.	M.	H.	A.	M.	H.	A.	M.

Onde se vê que a cabeça e o ventre (a inteligência e a ação) do Homem são a reprodução do Andrógino no mundo material, dando-lhe a superioridade que nestas atividades tem sobre a mulher. Em troca, o peito do Andrógino (o amor) se reproduz na mulher, fazendo-a muito superior ao homem na expressão desse sentimento.

RELAÇÕES SEFIRÓTICAS

É suficiente uma simples leitura do capítulo 1ª do Sepher Ietzirah para notar que as permutações do I, V, E, que acabamos de estudar, se referem às seis últimas Sefiras e ali se encontra, também, o número de ordem que corresponde a cada um.

Já não é tão clara a analogia referente às permutações de S, A, M, mas se lermos atentamente os parágrafos 8, 10, 11 e 12, veremos que menciona em primeiro lugar o Espírito, sem adicionar nenhuma descrição de qualidades, como se carecesse delas justamente para não descer aos mundos inferiores da manifestação. É por isso que não se relaciona com as permutações de S, A, M. Às segunda, terceira e quarta Sefiras se denomina, respectivamente, O Sopro e a Água do Éter e o Fogo da Água. Isto torna possível que se relacionem com as três colunas de acordo com a qualidade da letra que encabeça cada coluna, letras que são as que lhe dão a tônica qualitativa.

ש א מ

S	A	M	I	V	E	I	V	E
M	S	A	E	E	V	V	I	I
A	M	S	V	I	I	E	E	V
4	2	3	9	8	10	5	7	6
CHESED	CHOCHMAH	BINAH	YEZOD	HOD	KETHER-MALKUTH	GEBURAH	NETZAH	TIFERETH

A tabela acima dá as relações entre as permutações mencionadas e os números de ordem das Sefiras, de acordo com o que foi exposto.

RELAÇÕES ASTROLÓGICAS

Se quisermos aplicar aos estudos astrológicos as combinações do Tetragrama precisamos, antes de tudo, estabelecer as relações que estas guardam com cada uma das doze constelações zodiacais.

Para consegui-lo, começaremos por escrever sob os quatro primeiros signos, o primeiro quaternário zodiacal, ou primeira série de elementos, as letras do Nome Sagrado que, por sua qualidade, lhes correspondem.

VERMELHO			
VERDE			
AMARELO			
AZUL			
↑	↑	↑	↑
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ

A seguir formaremos com estas letras, assim ordenadas, uma tabela tziruph direita racional, obtida derivando cada linha da linha imediatamente superior, ao mesmo tempo em que se passa a última letra da primeira linha ao primeiro lugar da segunda, e tomando um lugar à direita de todas as demais, e assim sucessivamente.

O resultado é a tabela seguinte:

∞			
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ
ⴚ	ⴚ	ⴚ	ⴚ

que por ser precisamente uma tabela direita racional, lhe atribuímos a natureza de equilíbrio.

A combinação de forças representada nesta tabela equilibrada, podemos polarizar em outros dois conjuntos. A primeira, a positiva, obtida modificando sua manifestação mais externa, mais material, ou seja, permutando suas duas linhas inferiores. A segunda, a negativa, exige uma modificação mais íntima, mais espiritual, e por isso precisa da permutação das duas linhas intermediárias. A primeira linha permanece a mesma, já que como a primeira letra de cada coluna determina sua nota qualitativa fundamental, as duas polarizações a que nos referimos possam ter uma relação de analogia com a primeira tabela, ou quaternário zodiacal, na ordem dos elementos dentro da série que formam.


Se escrevermos as três tabelas, uma seguida da outra, teremos visível todo o zodíaco relacionado com as permutações do Tetragrama.

∞				+				-			
ⴢ	ⴡ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ

Observe-se que as colunas desta tabela correspondem: 1º à distribuição que coloca Enel, sobre os raios da figura da ROTA, das permutações do Tetragrama; 2º à distribuição dos mesmos sobre a Rota dos Arcanos Menores; 3º à correspondência das Pedras Preciosas com os signos do Zodíaco.

Mas, em todos eles é H atribuída à coluna que, segundo nosso estudo, corresponde a L e vice-versa. Supomos que se trata de um erro, voluntário ou não, porque o conjunto do presente trabalho, que aparece todo ele tão bem unido, exige que assim seja. (Vide “La Clef Du Zohar” de Albert Jounet, pág. 190).

Observe-se, também, que as colunas ou signos podem ser agrupadas por triplicidades na ordem de Fogo, Água, Ar, Terra, resultando então a seguinte tabela, sob a qual colocamos seu esquema geométrico.

		ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
1	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
2	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
3	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
4	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ	ⴢ
ABULUTH	+										
BRIAH	-										
YETZIRAH	∞										
ASIAH	□										

APLICAÇÃO - No campo da Astrologia este esquema ajuda muito a definir exatamente a natureza do signo ou o caráter da pessoa nascida sob suas influências. É claro que os três signos da triplicidade de fogo, por exemplo, terão um fundo de origem basicamente ígneo, mas em sua expressão externa adquirirão qualidades especiais, que os tornarão bem diferentes. Usando uma analogia geométrica poderíamos dizer que cada signo se manifestará como um total cujas somas qualitativas sejam as distâncias da linha básica até as curvas ou retas, representativas dos elementos. Ou seja: que atribuindo A, B, C e D respectivamente às ordenadas das linhas do fogo, água, ar e terra sob o ponto médio de um signo qualquer, o valor de tal signo será, qualitativamente, $A + B + C + D$.

	<u>Ichida</u>	<u>Nechama</u>	<u>Rouach</u>	<u>Nephesch</u>
E	Fogo	Água	Terra	Ar
A	Fogo	Água	Ar	Terra
I	Fogo	Ar	Água	Terra
H	Água	Ar	Fogo	Terra
D	Água	Ar	Terra	Fogo
L	Água	Terra	Ar	Fogo
G	Ar	Terra	Água	Fogo
C	Ar	Terra	Fogo	Água
K	Ar	Fogo	Terra	Água
F	Terra	Fogo	Ar	Água
B	Terra	Fogo	Água	Ar
J	Terra	Água	Fogo	Ar

Como exemplo, temos que as influências de Leão serão sentidas, através do homem, da seguinte forma:

Ichida	Fogo
Nechama	Fogo + Água
Ruach	Fogo + Água + Terra
Nephesch	Fogo + Água + Terra + Ar

Assim, se analisarmos um homem de Leão de pouca evolução espiritual, penetrando em sua alma, encontraremos: sob uma leve estreiteza de mentalidade, um regular espírito de positivismo ativo. Depois, descobriremos uma quantidade considerável de tendências passionais (orgulho, sensualidade, etc). No fundo, não deixará de haver as baixas manifestações do espírito de mando (caráter despótico, crueldade, intransigência etc.).

Num nativo de Leão de aspecto elevado, como os grandes reis da História, encontraremos: 1º uma ligeira cultura geral; 2º uma quantidade mais importante de ação sobre o bem-estar material de seu povo; 3º um grande espírito de sacrifício e um íntegro cumprimento do dever; 4º como característica culminante a indefinível realeza “pela Graça de Deus”.

De maneira análoga pode-se estudar os demais signos em suas aplicações, seja o homem, como no exemplo anterior, ou qualquer outro assunto que convenha. Assim, vemos que as etapas evolutivas da humanidade são marcadas pela passagem do Sol através das constelações zodiacais devido à retrogradação do ponto vernal. Peixes, o signo que acabamos de deixar, caracteriza a História dos últimos 2000 anos: 1º - ação externa, lutas, dinamismo, convulsões, má época para as monarquias, formação de muitos pequenos reinos mas nenhum pode comparar-se aos antigos impérios; 2º - desenvolvimento intenso da mentalidade em seu aspecto intermediário de razão, formação científico-analítica; 3º - orientação básica da ação para os fins utilitários, aplicação e subordinação dos princípios inferiores à conquista da riqueza, predomínio da terra sobre o ar (materialismo); 4º - apesar das manifestações externas mencionadas, a raiz da civilização atual, hoje em rápida decadência, tem sido o idealismo apaixonado e, mais que tudo, a religião cristã, cuja natureza “aquática” é bem conhecida. Uma análise parecida do signo de Aquário nos permitiria prognosticar as características da nova civilização, em cujas portas nos já encontramos.

A PASSAGEM AO QUATERNÁRIO

Para evitar confusões no simbolismo deste estudo usamos, para a primeira combinação ternária, as três letras mães S, M, A e para o desdobramento de suas combinações as letras I, E, V. Agora, para o estudo do quaternário, utilizaremos as do tetragrama sagrado, que realmente são a chave absoluta da Ciência Oculta. Aquelas que, no duplo duodenário de suas permutações, marcam todas as manifestações do mundo físico (II, pág.38).

Temos que lembrar que o presente estudo tem por objetivo investigar as leis que regem a manifestação material, como dissemos no início, sem limitar-nos à ação da nossa Terra mas referindo-nos a todo sistema solar, quer dizer, ao campo de manifestação do Espírito Solar.

Como teremos que relacionar o Quaternário com os aspectos qualitativos dos quatro elementos, devemos lembrar, como conseqüência do que acabamos de dizer, que a ordem em que teremos que considerar as letras do Tetragrama tem que ser precisamente aquela dada pela Cabala, para a formação dos elementos. A sucessão, segundo a ordem natural dos signos do Zodíaco, ou seja, Fogo, Terra, Ar, Água tem aplicação ao estudo das manifestações vitais que se desenvolvem sobre o planeta Terra, porque é ela que determina, em última instância, as mudanças globais fixadas pelas estações ou, mais precisamente, pelos meses do ano. Assim, é usada na Astrologia exotérica, por exemplo.

Para estender ao sistema as leis cujas variações investigamos, devemos evitar referir-nos ao conceito, até certo ponto restrito, da passagem do Sol pelos signos e considerar que, em virtude do fato conhecido por precessão dos Equinócios, o ponto vernal diz respeito às constelações zodiacais, numa ordem inversa ao do trânsito do Sol pelos signos. Esta ordem, de categoria mais geral, menos aparente e, portanto, mais esotérico, é exatamente aquela dada pela Cabala, para a formação dos elementos, ou seja: Fogo, Água, Ar e Terra. Assim, pois, como ponto de partida, teremos o Tetragrama ordenado qualitativamente da seguinte forma, e será o símbolo da manifestação conseguida:

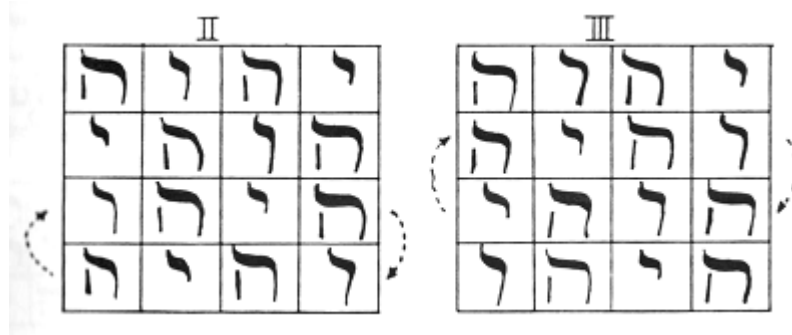


As forças que derivam desse quaternário serão as determinadas pelas permutações de suas letras. Para investigar, começaremos por formar com estas quatro letras, uma tabela Tziruph, regular direita, que chamaremos e “primeira”.

I

ש	מ	ל	כ
כ	ש	מ	ל
ל	כ	ש	מ
מ	ל	כ	ש

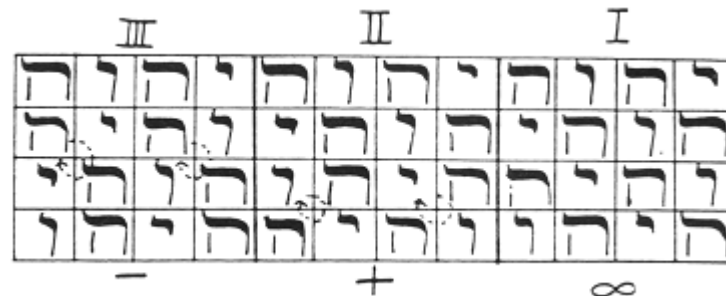
e desta se derivam uma “segunda” e uma “terceira”, que são as seguintes:



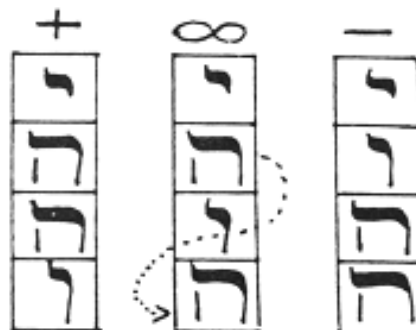
Esta derivação pode ser obtida por dois procedimentos:

1º - A segunda tabela deriva da primeira por permutação das duas últimas linhas, e a terceira tabela deriva da primeira pela permutação das duas linhas intermediárias.

2º - A primeira derivação é obtida pela permutação rotativa das letras que compõe as duas últimas linhas tomadas por grupos de quatro, e a segunda pela permutação rotativa das letras das linhas intermediárias, segundo o seguinte esquema:



Aqui temos, pois, agrupadas as doze permutações do Tetragrama. Certo é que o Sepher Ietzirah por um lado, e a teoria coordenatória pelo outro, nos dizem que com quatro letras podemos fazer vinte e quatro permutações mas, se não levamos em conta o sentido da disposição das letras, seu número ficaria reduzido a doze. As doze colunas da citada tabela, já que as restantes são as mesmas, lidas de baixo para cima, ou seja, so sentido inverso das primeiras. Também podemos observar como a segunda e a terceira tabelas representam o desdobramento ou polarização da primeira e assim, dentro das doze, formam um ternário equilibrado, onde cada termo se compõe de quatro elementos – colunas – respectivos de cada quaternário. Assim, por exemplo, tomando a primeira coluna de cada tabela resultará:

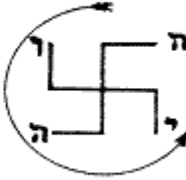


A linha pontilhada que indica as permutações que acontecem à direita e à esquerda do equilíbrio, demonstra esquematicamente como a aparição de + e - é devida somente a um simples movimento vibratório do que antes estava num estado de repouso. Essa vibração não implica de nenhum modo na destruição da força original, mas tão somente numa mudança em sua forma ou modalidade de manifestação. A letra inicial permanece estática como raiz qualitativa permanente, indiferente às suas exteriorizações temporais. Essa idéia fundamental pode encontrar infinitudes de aplicações em

todos os campos do conhecimento, tanto ocultistas como científicos e dar a chave de muitos problemas filosóficos.

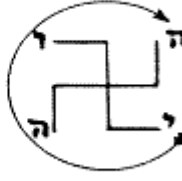
A primeira letra determina a natureza intrínseca de cada coluna, estabelecendo uma identidade essencial entre as colunas que comecem pela mesma letra, enquanto as três restantes determinam os matizes de sua manifestação formal. Isso permite agrupar as manifestações em quatro triplicidades, correspondentes aos quatro elementos da Cabala. As três que acabamos de estudar nos dão as três modalidades ou exteriorizações do elemento Fogo. Mais adiante estabeleceremos suas aplicações na Astrologia. Se agruparmos as colunas por ternários elementares, de modo a que fique no centro aquela que representa o equilíbrio, à esquerda a que representa o positivo e à direita a que representa o negativo e ordenarmos esses ternários ou triplicidades segundo a ordem zodiacal dos quatro elementos, teremos:

FOGO + ∞ -			TERRA + ∞ -			AR + ∞ -			ÁGUA + ∞ -		
י	י	י	ה	ה	ה	ו	ו	ו	ה	ה	ה
ה	ה	ו	י	י	ה	ה	ה	י	ו	ו	ה
ה	ו	ה	ו	ה	י	ה	י	ה	י	ה	י
ו	ה	ה	ה	ו	ו	י	ה	ה	ה	י	י



e, se forem agrupadas segundo a ordem que dá a Cabala para a formação dos elementos, temos:

FOGO + ∞ -			ÁGUA + ∞ -			AR + ∞ -			TERRA + ∞ -		
י	י	י	ה	ה	ה	ו	ו	ו	ה	ה	ה
ה	ה	ו	י	י	ה	ה	ה	י	ו	ו	ה
ה	ו	ה	ו	ה	י	ה	י	ה	י	ה	י
ו	ה	ה	ה	ו	ו	י	ה	ה	ה	י	י



Como se pode observar, nas duas tabelas cada triplicidade deriva da anterior, começando pelo Fogo. A chave destas transformações é a suástica dinâmica colocada a seu lado, e a flecha que a circunda assinala a ordem a ser seguida nas substituições. Assim, na primeira tabela, para passar da primeira para a segunda triplicidade, substituiremos as letras do Fogo por Terra, as de Terra por Ar, as de Ar por Água e as de Água por Fogo. Essas são as substituições que aconteceriam se fizéssemos a suástica dar um quarto de volta, no sentido da flecha, que é exatamente o dos signos do zodíaco. Uma volta completa fecha o ciclo zodiacal.

Na segunda tabela, as substituições são: Fogo por Água, Água por Ar, Ar por Terra e Terra por Fogo, resultado da rotação inversa à primeira, da suástica ou rota.

Como já dissemos, a primeira tabela se baseia na passagem do Sol pelos signos do Zodíaco, algo convencional que não tem outras relações com a realidade além da analogia. A segunda é determinada pela passagem do ponto vernal pelas constelações zodiacais e responde, portanto, de uma maneira absoluta à realidade dos fatos. Pelos motivos expostos, do primeiro sistema derivam os estudos da astrologia exotérica, aquela que só leva em conta as forças reprodutivas ou, dizendo de outra maneira, cármicas. Como as forças criadoras ou volitivas só têm expressão quando se adaptam à realidade íntima do Universo, se quisermos valorizá-las teremos que utilizar o segundo sistema, colocando a rota em movimento. Daí que o primeiro, que podemos dizer que se baseia em conceitos fatais ou estáticos, seja denominado de roda fixa, enquanto que o segundo, que calcula

iniciativas dinâmicas, seja conhecido por roda móvel, movendo-se de forma aleatória. A combinação dos dois sistemas dá origem à Astrologia Cabalística (veja Enel, 1, págs. 100 e 101).

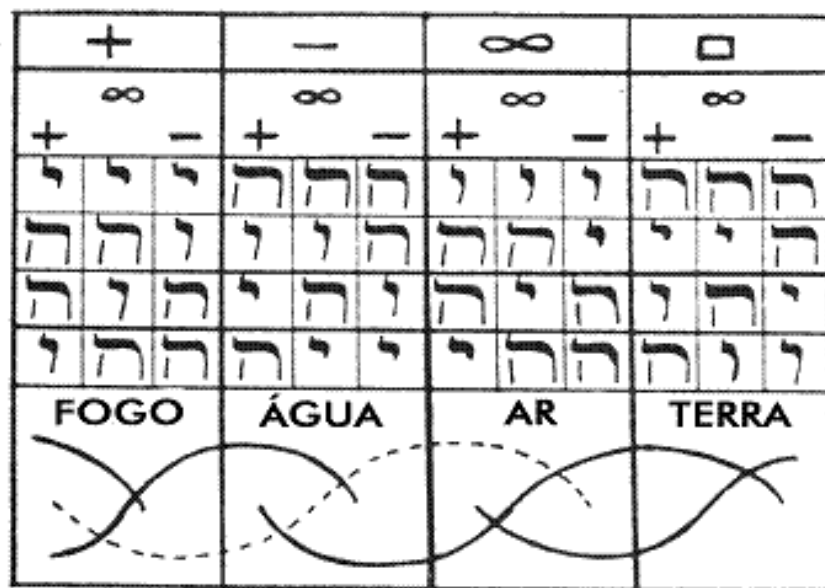
Observe também, na segunda tabela, que a primeira linha tem as letras agrupadas por períodos de três correspondentes ao mesmo elemento. A segunda linha tem os grupos levados de um lugar à esquerda e formados por letras do elemento seguinte. A quarta linha é derivada da segunda, segundo a mesma lei. Ao contrário, na terceira, lugar onde se realiza o equilíbrio, os grupos são formados pelas três letras que ficam do Tetragrama se suprimirmos aquela que pertence à triplicidade, e em suas permutações resultam ordenadas da esquerda para a direita, segundo a ordem zodiacal e da direita para a esquerda, segundo a ordem cabalística de formação dos elementos.

As permutações dadas para as colunas da primeira tabela, representam a penetração no quaternário das forças que têm sua origem nas três letras mães e, portanto, são também seu desdobramento em Olam Asiah. Também poderíamos dizer que elas dão o esquema da passagem do quaternário das forças universais estudadas anteriormente, em suas expressões mais sutis.

Num sentido mais geral as da segunda tabela representam a formação integral do Cosmos desde o mais espiritual ao mais material e, ao considerá-la desde esse ponto de vista, devemos levar em conta as relações dadas de forma sinótica no quadro abaixo.

LINEA	OLAM	LETRA SIMBOLO CORRESPONDIENTE	MUNDO	CATEGORIA DE MANIFESTACIÓN	PRINCIPIOS HUMANOS
1ª	AZILUTH	FUEGO ♁	POTENCIAL	PRINCIPIOS	
2ª	BRIAH	AGUA ♂	GESTATIVO	CAUSAS	MESCHAMAH
3ª	IETZIRAH	AIRE ♀	EXPRESSIVO	LEYES	RUACH
4ª	ASIAH	TIERRA ♀	FORMAL	EFFECTOS	NEPHESH

A segunda tabela, reduzida a um esquema geométrico que recolhe a natureza qualitativa de cada letra, se apresentará sob a seguinte forma, e dará uma idéia muito clara do processo de formação do Universo e, de modo particular, das coisas que ele contém.



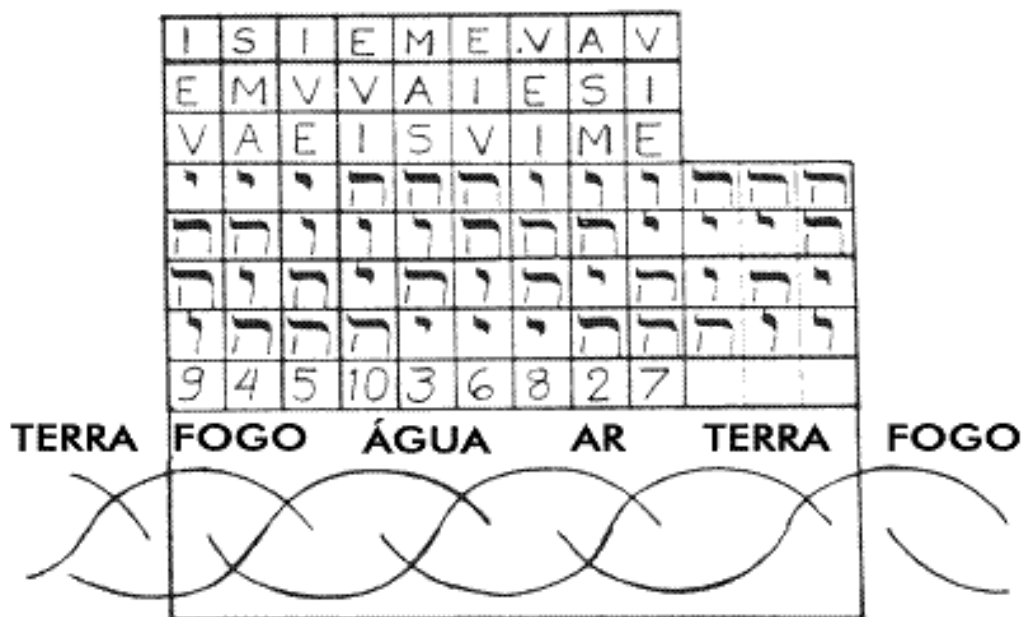
Nesta figura vemos como os princípios elementares estáticos do mundo de Aziluth adquiriram, por uma queda escalonada, o impulso vibratório necessário para originar, enquanto penetrava os

mundos da manifestação e realizar, com suas interferências, as modalidades básicas das doze constelações zodiacais ou, num sentido mais geral, representava-as pelas doze letras simples do alfabeto hebraico.

Este esquema é também uma nova e definitiva demonstração de que, efetivamente, a vibração está no fundo de todo fenômeno aparente. O ocultismo vem repetindo esse conceito desde as mais distantes profundezas da história, e a ciência moderna redescobriu, pelos caminhos que lhe são peculiares, o mesmo. Só falta que ela se atreva a generalizar, por vias de extrapolação, suas conclusões, porque ciência e ocultismo coincidem totalmente e realizam a síntese suprema, que há de situar a humanidade sobre campos de fecundidade inesgotável. A Lei Universal do Ritmo será reconhecida por todos e as instáveis criações derivadas do ignorante orgulho humano cairão estrepitosamente.

O ensinamento mais importante que pode derivar-se da atenta observação da tabela a que estamos nos referindo é, sem dúvida, o da lei da passagem do ternário para o quaternário. Talvez este capítulo devesse começar pelo que vamos expor, mas o leitor pré-disposto saberá considerar tudo o que dissemos sobre o Tetragrama como um procedimento para determinar suas permutações, cujos resultados ao coincidir com os que derivam da aplicação da lei da passagem ao quaternário, servirão de comprovação para esta última.

No estudo do Equilíbrio, já vimos como as três permutações de S, M, A, engendravam, por polarização, as seis de I, E, V; nove no total. Agrupadas devidamente e comparadas com a última tabela e seu esquema, resulta a seguinte figura:



Atendo-nos ao aspecto qualitativo das letras vemos, em seguida, que as colunas que contém as letras do Tetragrama têm a mesma disposição que as superiores referentes às modalidades do equilíbrio, com a diferença que contém, interpostas em diversos lugares, a letra do quarto elemento. Quando esta nova letra ocupa o lugar inicial cria, então, um novo equilíbrio, um novo elemento. E como esse elemento tem que se realizar num ternário equilibrado, as nove modalidades do ternário primitivo se transformam em doze, e ficam criadas as doze fronteiras do Universo: as quatro triplicidades zodiacais.

A interposição do elemento “Terra” se verifica, também, em forma vibrátil ou ondulatória. A raiz do novo elemento permanece, como todas as demais, em forma horizontal estática nos planos superiores. Em seu desenvolvimento vibratório passa pelas três linhas inferiores ocupando em cada uma delas só um lugar +, um -, e um ∞. Como o Elemento “Terra” é uma reprodução do Elemento

“Água” num novo plano, o ponto central ou de equilíbrio da nova vibração está precisamente no centro da coluna equilibrante do Elemento Água que é, também, o ponto central do conjunto. Por motivos que examinaremos mais tarde, tal coluna corresponde à constelação de Câncer e é interessante observar que é precisamente do caranguejo, o domicílio da Lua, a constelação mais feminina do Zodíaco que é o protótipo das Águas Vitais, que sai o novo elemento de realização, a forma em sua expressão mais concreta, o Elemento “Terra” que vem a materializar as novas potências criadoras como o 1 se materializa no 4.

	+			—			∞			□		
	+	∞	—	+	∞	—	+	∞	—	+	∞	—
I	I	S	I	E	M	E	V	A	V			
II	E	M	V	V	A				I			
III		A	E	I	V	E	S					
IV	V			S	I	I	M	E				

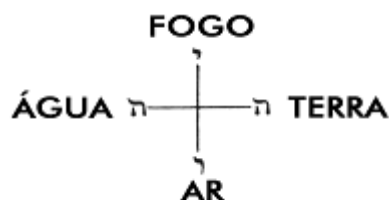
Deixando de lado a linha 1, que permanece para não perder a tônica fundamental de cada coluna e de cada ternário, a interposição do quarto elemento origina: 1º - na IV linha, a de Assiah, a do mundo dos fenômenos a ocupação das colunas ∞ - + esquema das forças involutivas do terceiro Grupo das “Forças Criadoras”, o do Princípio. Daí a aparição no mundo inferior do princípio, o Elemento TERRA. 2º - na linha III ocupa as colunas + ∞ - correspondente ao esquema evolutivo do 2º Grupo. Por isso se vê como a lei mais geral do mundo concreto é a lei da evolução da forma, através da oposição sexuada. 3º - na II linha as colunas ocupadas são - + ∞ disposição que se refere às forças involutivas do 3º Grupo. A causa da existência do mundo físico são exatamente as forças aglutinantes universais, gravitação, coesão, afinidade, etc.

Agrupados, tais esquemas aparecem dispostos segundo uma tabela Iziruph de três elementos.

∞	—	+
+	∞	—
—	+	∞

**EQUILÍBRIO PERFEITO
ESTABILIDADE DE TERRA**

Quanto à disposição das colunas do quarto elemento, TERRA, elas são parecidas com as da ÁGUA. Mas, como aquela é o resultado do desdobramento desta, tem suas letras substituídas pelas opostas, na Rota fixa.

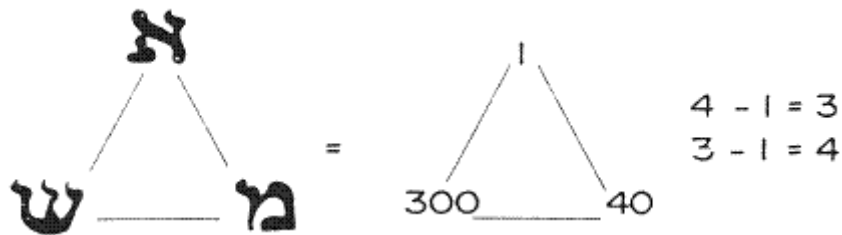


Podemos dizer, pois, que TERRA é o binário de ÁGUA, como FOGO é o binário de AR. (Iod é o reflexo de Aleph).

COMPROVAÇÃO MATEMÁTICA

1º - a Unidade

O ternário das três letras mães é um ternário perfeitamente equilibrado.



Daí a estabilidade (relativa) que respira toda criação material, por vir exatamente de suas mais profundas raízes.

2º - A Oposição

Temos considerado as combinações das três letras mães, segundo a tabela Tziruph.

S	A	M
M	S	A
A	M	S

=

3	1	4
4	3	1
1	4	3

As somas, tanto por colunas como por linhas, dão todas $S + A + M = 8$. Os oito desdobramentos de Atum: "Eu sou Um convertido em Oito".

Como há três linhas e três colunas, resulta:

Soma de linhas: $8 \times 3 = 24 = 6$

Soma de colunas: $8 \times 3 = 24 = 6$

A soma total por colunas ou por linhas resulta seis, o número de permutações de IVE, enquanto a soma de toda a tabela, linhas e colunas, dá $6 + 6 = 12$, os doze signos zodiacais, o marco da Criação.

3º - O Equilíbrio

Se investigarmos a cifra cabalística correspondente a cada coluna das tabelas, nas quais estudamos as polarizações de S M A sob a forma de I E V, tendo em conta o lugar que ocupa cada letra dentro de sua coluna, por exemplo:

$$\begin{array}{rcl}
 S & = & 3 \times 1 = 3 \\
 M & = & 4 \times 2 = 8 \\
 A & = & 1 \times 3 = 3 \\
 \hline
 & & 14 = 5
 \end{array}$$

dará como resultado:

S	A	M	I	V	E	I	V	E
M	S	A	E	E	V	V	I	I
A	M	S	V	I	I	E	E	V
5	10	6	2	10	2	10	5	7
21			12		12		12	

$$\begin{array}{rcl}
 5 + 10 + 6 & = & 21 = 3 \\
 2 + 10 & = & 12 = 3 \\
 2 + 10 & = & 12 = 3 \\
 5 + 7 & = & 12 = 3 \\
 \hline
 & & 12
 \end{array}$$

indicação de que o novenário contém em si o duodenário.

4º - Relações Sefirotais

Interpretando o Sepher Ietzirah atribuímos as seguintes relações, entre as permutações de S M A, de I E V, e os números das Sefiras

S	A	M	I	V	E	I	V	E
M	S	A	E	E	V	V	I	I
A	M	S	V	I	I	E	E	V
4	2	3	9	8	10	5	7	6

Dissemos também que cada uma das colunas de S, M, A se polarizava nas duas que formam os binários de I, V, E ao reproduzir-se na primeira delas, e inverter na segunda e, com efeito,

$$\begin{array}{rcl}
 2 \times 2 = 4; & 7 + 6 = 13 = 4 \\
 3 \times 2 = 6; & 10 + 5 = 15 = 6 \\
 4 \times 2 = 8; & 9 + 8 = 17 = 8
 \end{array}$$

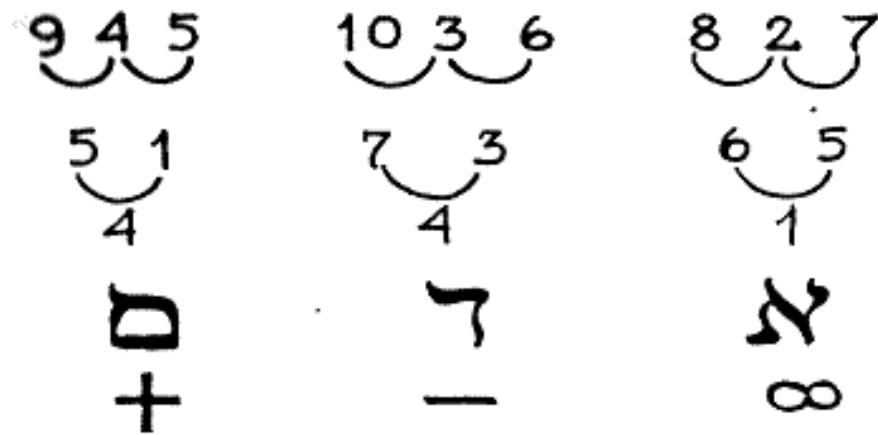
RELAÇÕES ASTROLÓGICAS

Já vimos, nos capítulos anteriores, as relações destas permutações com as do Tetragrama e a correspondência das últimas com os signos do Zodíaco. Portanto, os números sefiróticos representarão os signos das três primeiras triplicidades da seguinte forma:

+	+	-	+	-	-	+	-
∞	∞	∞	∞	∞	∞	∞	∞
∞	∞	∞	∞	∞	∞	∞	∞
∞	∞	∞	∞	∞	∞	∞	∞
4	3	2					
9	5	10	6	8	7		

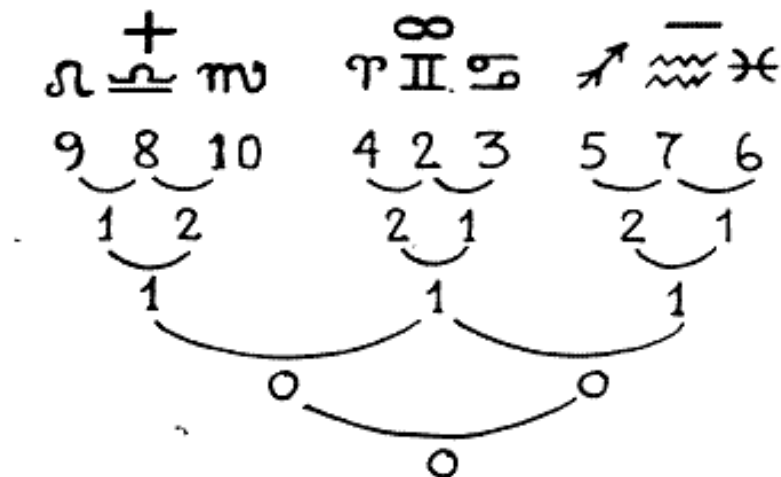
da qual se deduzem uma multidão de relações que vem reforçar, de forma extraordinária, as conclusões anteriores:

1º - equilíbrio entre o conjunto



Como último termo, resumo das derivações matemáticas dos três ternários, as forças Criadoras dos elementos, encontramos o nome ADÃO. Num sentido geral é o objetivo das forças do terceiro princípio do 2º Grupo. Também na última estabilização do quaternário disposta a engendrar a vida dinâmica. É o número 9, a coroa da criação e termo final das forças do 3º Grupo que, como diz Enel (III, pág. 108, 109 e 110) “estão estreitamente ligadas e se desprendem do princípio nº 3 do 2º Grupo, na sua penetração máxima, expressada pela letra 7. Esse é exatamente o da estabilização da Forma no quaternário representado por 7 e que pode se referir tanto à Substância, letra 2, como o Homem Universal, letra 7

2º - Se calcularmos o equilíbrio entre os números da mesma polaridade temos:



O resultado “0” indica que o conjunto dessas Forças contém todas as possibilidades, mas são ainda o Nada, porque lhes falta concretizar-se numa forma. Quando, ao passar ao quaternário, fixam-se sobre ela, acontece toda a Manifestação.

3º - Se dispusermos os signos agrupados numa tabela, de modo a ordenar por colunas aqueles do mesmo Elemento e por linhas os do mesmo quaternário, obteremos a seguinte figura.

+	-	∞	
☿	♊	♋	
4	3	2	= 9
♌	♍	♎	
9	10	8	= 9
♏	♐	♑	
5	6	7	= $\frac{9}{27} = 9$
18=	10=	17=	
= 9	= 1	= 8	

9 8
 \ /
 1

Daqui se deduz que cada linha, (+ - ∞) tem condições de originar um novo componente por já ter chegado ao término de uma série, o 9, e formar com ele uma nova síntese, o 10, = 4 = 1, o quaternário que formarão conjuntamente com TERRA.

A soma das três linhas, $27 = 9$ indica, também, que o conjunto dos três elementos está preparado para criar um novo elemento, realizando a unidade depois de ter passado ao quaternário.

$$3 + 1 - 4; \quad 4 = 1$$

Esta unidade superior é o duodenário considerado universalmente, ainda que sempre recordará sua origem ternária, porque $12 = 1 + 2 = 3$.

4º - as somas por colunas mostram que ÁGUA forma o equilíbrio entre FOGO e AR e que, portanto, como elemento equilibrante predomina sobre o ternário que forma. O conjunto deste ternário remeterá, por analogia, às características de ÁGUA, ou seja, se manifestará como TERRA. É por isso que se diz que o segundo ☿ do Tetragrama não é mais que a repetição do primeiro. Também ela indica a passagem das três primeiras a quatro (Enel, I pág. 97) ou do ternário ao quaternário.

5º - Os equilíbrios que formam as três polaridades de um elemento, assim como aquele que formam os três Elementos entre si, explica porque o homem não pode criar nem destruir a matéria física por meios também físicos. A base da matéria está nos planos superiores e enquanto o homem não souber agir neles, modificando os equilíbrios originais, deverá renunciar a fazer-se criador e limitar-se a seu papel atual, de transformador.

6º - RELAÇÕES LITERAIS - No volume II da obra de Enel, pág. 68, aparece o alfabeto hebraico, mas com as letras terminais agrupadas segundo a ordem sefirótica numa tabela de três letras com

nove letras cada uma. A primeira contém as letras cujos números vão de 1 a 9, a segunda de 10 a 90 e a terceira de 100 a 900. Em termos gerais podemos dizer que a primeira linha é regida pelo ם. A segunda pelo ך, e a terceira pelo ך.

Isso faz que tenhamos um meio de relacioná-las com as permutações do Tetragrama, correspondentes aos três primeiros elementos. Assim, formaremos a tabela seguinte, conservando para cada coluna o numero sefirótico que lhe corresponde, mas expressando-o em unidades, dezenas ou centenas, segundo substituam um ם, um ך, ou um ך.

Observemos que se prescinde totalmente dos ך da TERRA.

ך			ך			ך		
⚡			⚡			⚡		
9	4	5	10	3	6	8	2	7
ט	ד	ה	י	ז	ח	ק	ר	ש
צ	כ	ד	ק	ש	ח	פ	כ	ז
ץ	ת	נ	א	ג	ו	ח	ב	ע

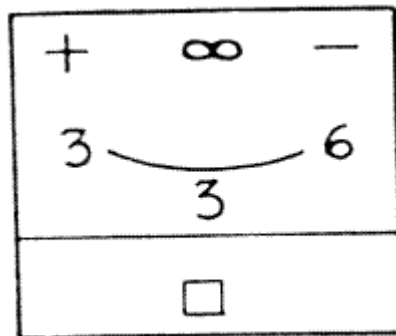
Para poder determinar a cifra cabalística de cada coluna, substituímos as letras pelos respectivos números, multiplicando-os por 1, por 2 ou por 3, segundo pertençam à 1ª, 2ª ou 3ª linhas; somando-os por colunas. Fazemos as reduções teosóficas, e teremos encontrado a cifra procurada.

9	4	5	10	3	6	8	2	7
9	4	5	10	30	60	800	200	700
90	40	500	100	300	600	80	2	7
900	400	50	1	3	6	8	20	70
2889	1284	1155	213	639	1278	984	264	924
27	15	12	6	18	18	21	12	15
9	6	3	6	9	9	3	3	6

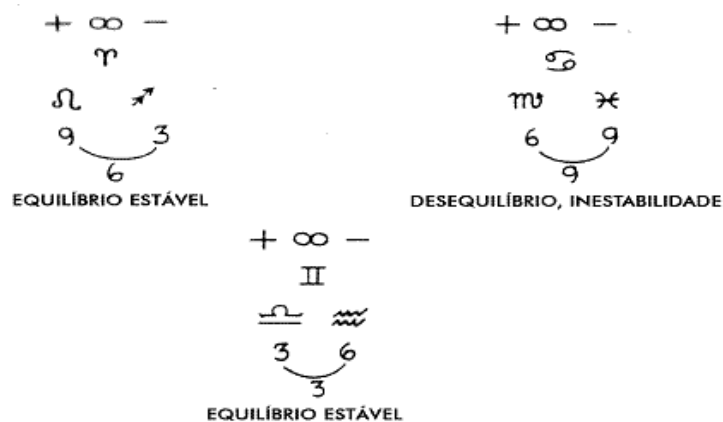
Se escrevermos os demais pela sua ordem natural, pondo embaixo de cada um a cifra cabalística que encontramos, resultarão então três novos equilíbrios parciais e um novo equilíbrio total, segundo indica a tabela seguinte:

∞	+	-
$+\infty-$	$+\infty-$	$+\infty-$
$\Upsilon \Pi \mathfrak{G}$	$\Omega \underline{\Omega} \pi \mathfrak{M}$	$\mathfrak{W} \mathfrak{X}$
6 3 9	9 3 6	3 6 9
6 $\underbrace{\quad}$ 9 3	9 $\underbrace{\quad}$ 6 3	3 $\underbrace{\quad}$ 9 6
Realização estável de		
\mathfrak{U}	$\pi \mathfrak{X}$	\mathfrak{W}

Equilíbrio entre os equilíbrios:



Equilíbrio por Elementos:



A instabilidade da ÁGUA faz com que através dela se precipitem as Forças criadoras até encontrar uma nova forma estável, a de TERRA. É por isso que a TERRA deriva da ÁGUA, e não do FOGO nem do AR. O ternário passa, portanto, ao quaternário por meio da ÁGUA. Isso explica porque o gérmen de vida, criado pelo FOGO, permanece, enquanto reside no macho num estado potencial, e que necessite da fêmea para que ela, por sua qualidade de ÁGUA, lhe dê forma. É quando AR dá a VIDA espiritual que a forma pode existir.

É interessante ressaltar que o número que tem relação com o equilíbrio – desequilíbrio de ÁGUA é exatamente o 9, a soma do nome de Adão. É também 9 o número correspondente à letra \mathfrak{W} que rege o 5º princípio do 3º Grupo das Forças Criadoras que, segundo Enel (III, pág. 110) se polariza em:

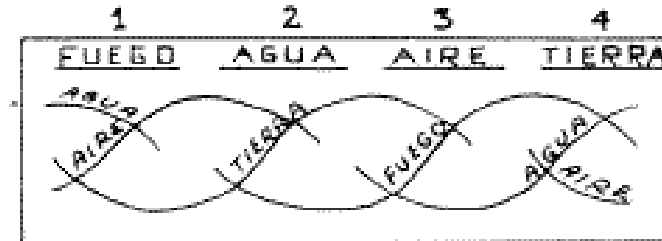
“a) Forças da matéria primária do mundo, o passivo - a água; e pelas manifestações da vida individual, a fêmea - a mãe”.

“b) Forças dos quatro elementos agindo harmoniosamente para forjar essa matéria primária....”

“Como se pode ver este último grupo é o da matéria propriamente dita.... mas não representa a própria matéria, se não as condições da existência das diferentes formas da matéria”.

7º - RELAÇÕES ESQUEMÁTICAS

O esquema que nos dá uma representação geométrica da disposição das letras do Tetragrama em suas permutações, quando estas são dispostas agrupadas pelos elementos segundo a ordem da formação dos mesmos, é o seguinte:



Atribuiremos aos elementos Fogo, Água, Ar e Terra respectivamente os números 1, 2, 3 e 4, os de sua ordem de formação.

Por outro lado, pela observação do gráfico vemos que sob os três elementos primordiais, os componentes do ternário, realiza-se apenas uma vibração completa, a de TERRA. Passagem do ternário – estático, ao quaternário da manifestação.

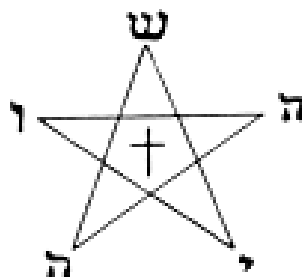
Considerado numericamente podemos dizer também que, $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. A totalização da criação posta num plano evolutivo. Mas como o único reino que está capacitado para evoluir espiritualmente é o humano (os seres dos reinos inferiores ainda estão em vias de involução espiritual), e este é composto de homens e de mulheres, as duas polarizações terão lugar na seguinte forma:

A mulher, Amor e Intuição: $2 + 3 = 5$

O homem, Vontade e Ação: $1 + 4 = 5$

$5 = 5$, a identidade dos dois seres humanos em valor absoluto. $5 + 5 = 10$; a união do homem e da mulher para realizar a regeneração da unidade num plano de materialização evolutiva.

Finalmente, também vemos no gráfico que sob os quatro elementos (em conjunto os doze signos do Zodíaco, o marco da Criação), se realizam duas vibrações completas, TERRA e FOGO, como se quisesse indicar que sob as fronteiras do Universo se há de verificar a íntima união dos dois antagonistas máximos, O Espírito e a Forma. Sua soma mostra que a contraposição há que acontecer exatamente no ser humano. $1 + 4 = 5$ o que há de promover sua redenção pela realização em si da passagem do quaternário, a perfeição da criatura, ao quinário, o criador.



O TRIÂNGULO PITAGÓRICO

É interessante recordar que a escola de Pitágoras era uma escola esotérica e que, por essa razão, deve-se buscar no ocultismo o verdadeiro sentido de seus ensinamentos. Aos que não conheçam o ocultismo, os ensinamentos pitagóricos sob seu nobre véu místico e matemático, parecerão ser os primeiros passos vacilantes da ciência dos números associados a alguns conceitos engenhosos de metafísica rudimentar.

Mas, para o ocultista que dirige suas investigações para as verdades profundas, o véu que cobre as doutrinas de Pitágoras se dissipa diante do olhar penetrante da intuição, capaz de alcançar o coração dos mistérios mais secretos. Porque “ousar” é considerado como uma das quatro qualidades indispensáveis àquele que pede a luz.

Se ousarmos penetrar com decisão nos Mistérios fundados por Pitágoras, veremos que as brumas que os cobrem se dissipam na medida em que avançamos, e que as trevas que nos envolviam abrem passagem à mais viva luz. O que no princípio era confuso passa a ser simples e claro. E, quando chegamos ao que há de mais profundo, nossa admiração não tem limites, pois vemos com que simplicidade e clareza se expressa, numa meia dúzia de símbolos que são a síntese não somente da doutrina pitagórica, mas do conhecimento oculto universal.

Quais são, pois, esses símbolos tão maravilhosos? H .P.Blavatsky diz: “As principais figuras do simbolismo pitagórico são: o quadrado, o triângulo equilátero, o ponto no círculo, o cubo, o triplo triângulo e, finalmente, o postulado quarenta e sete de Euclides, inventado por Pitágoras que, à parte essa exceção e contrariamente ao que se crê, não foi o autor dos outros símbolos”. (Doutrina Secreta V.113).

O TRIÂNGULO EQUILÁTERO

Quando observamos a Natureza com um espírito sereno e tranqüilo, buscando a realidade que se oculta atrás da ilusão maravilhosa que nos rodeia, se refletirmos sobre toda a Criação, podemos compreender que a infinita multidão que compõe o conjunto do Cosmos tem por origem um número restrito de causas. Mas, mais além dessas causas se concebe e, em consequência se postula, um Princípio Universal eterno e imutável no qual se resumem as causas e os fatos. Damos-nos conta, por outro lado, que a transformação das causas em fatos sempre acontece segundo certos caminhos e certos processos que regem inevitavelmente todos os atos que são produzidos no seio da manifestação. Essas normas invariáveis são as leis sobre as quais o Universo inteiro foi construído.

Eis-nos aqui, pois, em posse de quatro noções fundamentais para o estudo do Cosmos: o Princípio, as Causas, as Leis e os Efeitos. E não esqueçamos que todos os processos da Natureza se repetem sucessivamente em períodos cíclicos, mais ou menos longos, desde o ciclo mais material até o do mais alto espírito. Eis o que diz a Sra. Blavatsky com respeito a esses símbolos:

“Desde a origem dos ciclos, no tempo e no espaço, os mistérios da natureza (ao menos os que são permitidos às nossas raças conhecer) foram classificados e descritos pelos discípulos desses mesmos ‘Homens Celestes’, agora invisíveis, em figuras geométricas e símbolos.

As chaves destes sinais passaram de uma geração de ‘Sábios’ a outra. Alguns desses símbolos passaram do Oriente para o Ocidente, trazidos do Oriente por Pitágoras, que não era o inventor de seu famoso triângulo. Essa figura, assim como o quadrado e o círculo, são descrições mais eloqüentes e científicas da Ordem da evolução física, psíquica e espiritual do Universo, que volumes de Cosmogênese descritiva e de Gênese revelados.

Os dez pontos inscritos nesse Triângulo de Pitágoras valem por todas as teogonias e as angeologias que tenham saído de um cérebro lógico. Pois quem souber interpretar esses pontos encontrará a série ininterrupta das genealogias, desde o primeiro Homem Celeste até o Homem Terrestre.

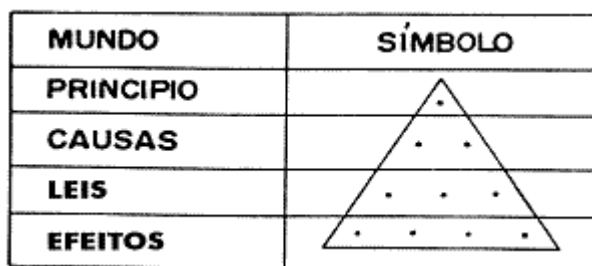
Ao mesmo tempo em que indicam a ordem dos Seres, revelam a ordem segundo a qual revolucionaram o Cosmos, nossa Terra e os elementos primordiais pelos quais a Terra foi criada. Aquele que penetrar os mistérios de nossa própria Terra conhecerá os de todos os outros Globos companheiros.” (Doutrina Secreta, pág. 387 - 5ª edição francesa).

Há, sem dúvida, no Ocultismo leis e processos para a interpretação das coisas tão rigorosos como os de toda ciência profana, com a diferença de que os métodos científicos, sempre racionais, e muitas vezes somente empíricos, não se aplicam a nada além do seu objeto particular, enquanto que os métodos ocultos são válidos para todos os problemas que se apresentam, tanto físicos como psíquicos e espirituais.

Entre as leis do Ocultismo, há uma que é particularmente importante e profunda: é a célebre lei da analogia, e é nela que nos apoiamos para tentar um esboço sintético do Cosmos, com a ajuda do “Triângulo de Pitágoras”, inspirando-nos especialmente nas promessas alentadoras que nos dá a Sra. Blavatsky na passagem que acabamos de citar.

Este símbolo consiste num triângulo equilátero contendo dez pontos inscritos, segundo a figura 1. A primeira coisa que observamos é a disposição dos pontos em quatro linhas horizontais. Cada uma dessas linhas corresponde a uma das quatro noções fundamentais já mencionadas.

A primeira linha designa o que chamamos o Princípio fundamental e eterno. A segunda se refere às causas da manifestação, ou dizendo de outra forma, aos pares de opostos que são o ponto de partida de tudo quanto existe. A terceira linha compreende as leis pelas quais as Causas afetam a manifestação fenomenal. Por fim, a quarta linha se refere aos fenômenos, fatos e efeitos, reflexo de causas anteriores que, não durando mais do que uma vida, desaparecem ao mesmo tempo em que o sujeito que as percebe. O desenho abaixo ilustra o que acaba de ser exposto.



Aplicação do símbolo como chave para o estudo do HOMEM PSÍQUICO

Na origem do aspecto psíquico do homem brilha um princípio eterno e imutável. A metafísica oriental, tão rica em imagens comparou-a a uma centelha que, surgindo do seio do imenso lar do Fogo Divino, já possui uma certa individualidade.

O que começou como uma centelha é agora, no ser humano, uma chama tênue e a meta desta evolução é converter a tênue chama num braseiro tão imenso como o Sol. Mas, que seja centelha, chama ou grande Fogo, sua essência é Luz, sempre idêntica a si mesma, só variável em grau.

Essa luz, chamada Mônada é representada no Triângulo de Pitágoras pelo solitário ponto superior. Essa Mônada, pela aquisição de faculdades que são resultado de sua descida na matéria, perde seu caráter de unidade para transformar-se em binária, depois em ternária e finalmente em quaternária.

Os três pontos da terceira linha do símbolo representam os três aspectos do Ego reencarnado; os quatro pontos da última linha designam as noções fundamentais do quaternário inferior ou personalidade. São: a Vida, a Mente, o Desejo e a Forma, que nascem e desaparecem gradualmente no curso de uma vida pessoal.

O TRIÂNGULO DE PITÁGORAS

CHAVE PARA UM ESTUDO DA NATUREZA MATERIAL.

O espírito e a matéria são duas idéias inseparáveis, existindo no fundo de todas as coisas, e é impossível conceber um sem o outro. Quando o Divino Construtor realiza sua obra, faz surgir de Suas potencialidades infinitas os dois aspectos, Espírito e Matéria, por meio de procedimentos análogos. A chave desses procedimentos se encontra no célebre Triângulo de Pitágoras, com os pontos inscritos.

Esse princípio material é chamado no Oriente de *Mulaprakriti* que quer dizer, literalmente, *Raiz da Matéria*. É a “mãe”, na “matriz” da qual se formaram os mundos e é a essência na qual se resolvem as substâncias das manifestações. Esta substância universal homogênea e onipresente dá lugar à criação, não “*ex nihilo*”^{NT}, mas “*ex-plenum*”^{NT}.

A substancia primordial é simbolizada no Triângulo de Pitágoras pelo ponto único da primeira linha, enquanto que os dois pontos que se seguem representam a primeira diferenciação, em nosso Cosmos, da matéria primeva. Esta diferenciação é realmente a causa da existência do Universo. Esses dois pontos correspondem ao ritmo universal; “*manvantara*” e “*pralaya*”, manifestação e potencialidade, diástole e sístole, expiração e inspiração do alento eterno.

É sobre essa matéria diferenciada que se exerce a Atividade do Logos, baseada em Sua Sabedoria e sustentada por Sua Vontade, construindo no mundo do real, os arquétipos daquilo que se manifestará mais tarde às inteligências individuais e limitadas, como a multidão de formas distintas. A matéria já condicionada se submete à influencia das *Gunas*⁷ ou qualidades que, por suas combinações, realizam o fato maravilhoso de transformar a Idéia em Formas.

O Triângulo de Pitágoras representa as três *Gunas* pelos três pontos da linha das Leis e, com efeito, constituem a lei, tripla e una ao mesmo tempo, que nos explica como o mundo dos fenômenos se mantém. Quando a matéria é submetida alternadamente ao repouso e ao movimento, entra em vibração, e pela lei do ritmo está em condição de ser percebida por meio dos sentidos físicos e supra físicos pelas inteligências individuais, por um processo conhecido em física pelo nome de *ressonância*. Se a vibração parasse os planos físico, astral e mental concreto deixariam de existir.

Por outro lado, toda modificação do movimento vibratório de um agregado substancial é percebido pelo individuo, em nosso plano, como quádruplo efeito composto pelas noções de Espaço, Matéria, Energia e Tempo, que são representados no Triângulo de Pitágoras pelos quatro pontos da última linha.

A ciência atual demonstrou que essas quatro noções que eram tidas, até tempos muito recentes, por realidades absolutas e independentes, não são mais que modos particulares de experimentação de uma realidade que transcende nossas limitadas percepções. Elas não têm, pois, nenhuma realidade em si, pelo contrário, são puras ilusões subjetivas.

O TRIÂNGULO DE PITÁGORAS E A TRADIÇÃO CABALÍSTICA

A referência mais antiga ao Triângulo da qual temos conhecimento provém da antiga tradição oral esotérica dos Hebreus, chamada “Cabala” (palavra hebraica que quer dizer “Doutrina recebida”). A Cabala era um meio de transmitir de uma geração para outra verdades ocultas, noções religiosas, segredos da Natureza, idéias cosmogênicas e fatos históricos, de uma maneira que tornava esses ensinamentos ininteligíveis aos não iniciados.

^{NT} “*ex nihilo*” - do latim “Nada provém do nada”.

^{NT} “*ex-plenum*” – do latim “Em plenitude”

⁷ Qualidades inerentes à vibração

Os israelitas da antigüidade acreditavam que existia uma palavra sagrada que daria ao mortal que descobrisse sua verdadeira pronúncia, a chave de todas as ciências divinas e humanas. Esse nome sagrado é o Tetragrama, Iod, He, Vav, He. Essas quatro letras compõem o nome sagrado e inefável, perdido do simbolismo maçônico, herdeiro da antiga tradição hebraica.

É evidente que esse nome é um símbolo, posto que essas quatro letras não formam nenhuma palavra hebraica verdadeira. E, sem embargo, os poderes atribuídos a esse nome são reais até certo ponto. Permite, dizem, abrir a porta simbólica da Arca que contém a soma de toda a ciência da antigüidade.

Assim, o cabalista vê nas combinações de letras hebraicas fórmulas abstratas de certos ordens de idéias. Segundo Papus (*Traité méthodique de Science Occulte*) as letras que compõem a palavra sagrada IEVE, possuem as seguintes características: Iod = 10, representado por uma pequena vírgula ou um ponto, representa o princípio das coisas.

Todas as letras do Alfabeto hebraico são formadas a partir do Iod, aglutinado em combinações. Assim, sendo Iod a origem de todas as letras e, conseqüentemente de todas as palavras e de todas as frases, representa o PRINCÍPIO ÚNICO, cujo conhecimento é velado aos profanos.

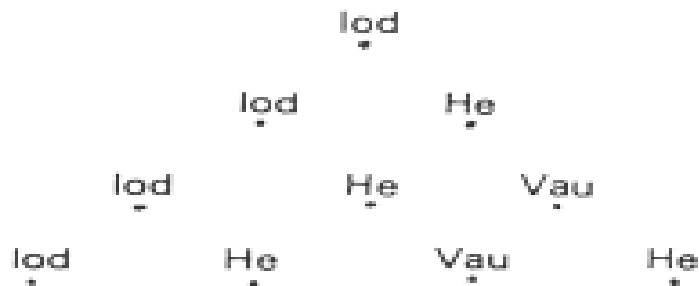
O primeiro HE = 5, o Eu, não pode ser concebido senão por oposição ao não-eu. Tal é a origem da dualidade, do Binário, imagem da feminilidade, como a unidade é a imagem da masculinidade.

O número 10 dividido para opor-se a si mesmo, equivale a 5, o número da letra He, a segunda letra do grande nome sagrado. O He representa também o passivo com relação ao Iod ativo; a mulher em relação ao homem; a substância em relação à essência; a vida em relação ao espírito, etc.

O Vav ou Vau = 6. A oposição do Eu ao Não-Eu dá imediatamente nascimento a um terceiro fator: a relação que se estabelece entre o Eu e o Não-Eu. A letra Vav, formada por união ou adição de 10 (Iod) + 5 (He) = 15 = 6 (1 + 5) significa a ligação, a relação. É o laço que une os antagonismos na natureza inteira, constituindo o terceiro termo desta trindade misteriosa.

O segundo He: A repetição da letra He indica a passagem da lei Trinitária a uma nova aplicação: uma transição do mundo metafísico ao mundo físico. O conhecimento do segundo He é a chave do nome Divino em todas as aplicações possíveis.

A fórmula abstrata ou idéia-arquétipo do Universo, tal como existe na idéia divina, se desenvolve em quatro processos simultâneos, que conhecemos como as quatro noções fundamentais que encontramos na manifestação e que se realizam nos campos, mundos, planos ou universos.



A TETRAKTYS

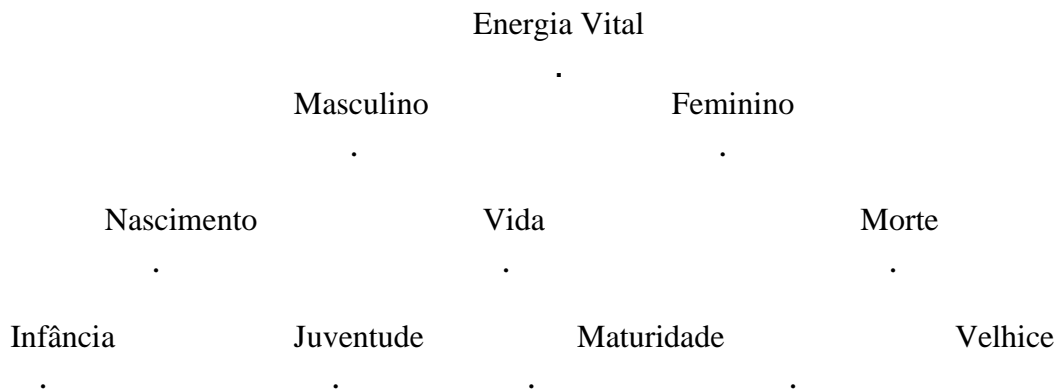
Sabemos que na filosofia pitagórica o estudo dos números tinha uma grande importância, no entanto, raros são os que, estudando a obra gigantesca do Mestre, penetraram na doutrina numérica verdadeira e oculta.

Pitágoras, durante suas viagens ao Egito, à Judéia, e especialmente à Índia, recolheu a essência do Ocultismo a fim de transmiti-la ao mundo ocidental. Mas ele devia apresentá-la sob formas adequadas ao temperamento especial dos que o rodeavam e que mostravam, já naqueles tempos, tendências marcantes ao desenvolvimento do aspecto mental.

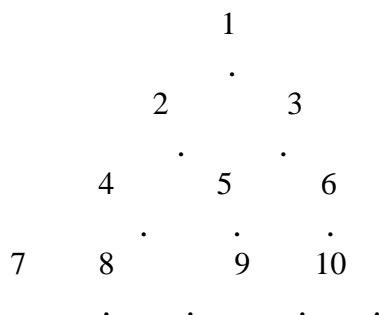
Nada foi, pois, mais indicado para seus ensinamentos que o simbolismo numérico e geométrico das leis fundamentais da Natureza e de seus princípios espirituais. Para isso, Pitágoras substituiu as quatro letras do Tetragrama pelos quatro primeiros números: Iod = 1; He = 2; Vau = 3; He = 4: o conjunto dessas quatro cifras recebeu o nome de *Tetratkys* ou Tétrada. É a base dos ensinamentos pitagóricos. Esse nome *Tetratkys* expressa um processo que se desenvolve em quatro atos. Vamos ver como esses quatro números nos dão a representação do Cosmos. Quando são dispostos num triângulo simbólico, a seguinte ordem é obtida:



A identidade desta figura com o Tetragrama é evidente. Simboliza, pois, com sinais diferentes a mesma idéia. Os números 1,2,3,4 representam, respectivamente, os Mundos dos princípios, das causas, das Leis e dois efeitos. É o “Quatro sagrado”. O mesmo esquema, aplicado aos aspectos da personalidade, dá a Tabela seguinte:

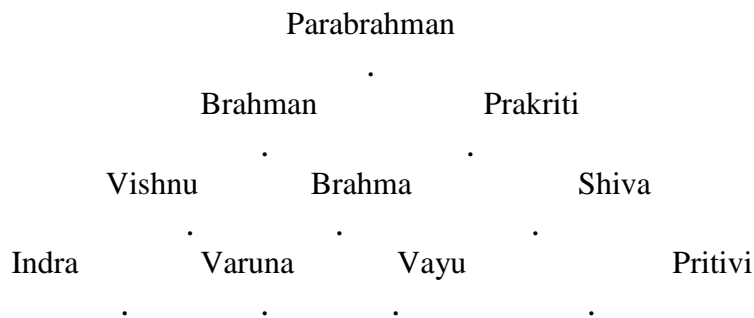


Por fim, pode-se substituir os pontos do Triângulo pela série sucessiva dos números: obtém-se, assim, a seguinte disposição:



Por fim, se podem substituir os dez pontos pelos símbolos geométricos bem conhecidos: o ponto (1); o Tau (2); o triângulo (3); o quadrado (4); o pentagrama (5); o hexagrama (6) ou selo de Salomão; o quadrado sob o triângulo (7); o duplo quadrado (8); o triplo triângulo (9); o círculo (10). Há motivos para fazer ressaltar a importância de que, neste símbolo, se revestem os números 1, 7 e 10 assim como o 5, ponto central da figura.

MITOLOGIA BRAMÂNICA



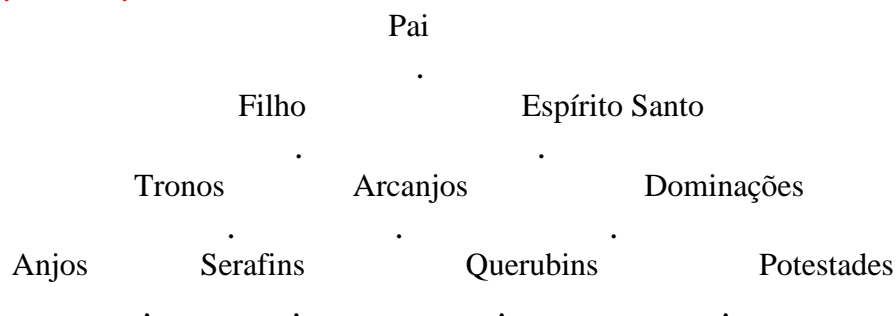
Parabrahman é o Deus absoluto, inefável, inacessível à mente humana. É Deus antes da criação, cujo estado nós não podemos sequer conceber ou dele criar qualquer representação.

Brahman é Deus em sua condição neutra, decidido a criar um Universo material (*Prakriti*), que vai animar com seu alento.

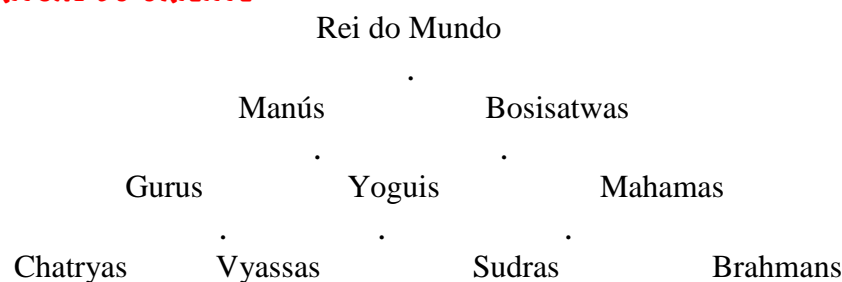
Vishnu, *Brahma* e *Shiva* são as idéias metafísicas da Trindade Bramânica, ou *Trimurti*, expressando os conceitos de conservador, criador e destruidor. *Brahma* cria, *Shiva* destrói ou mata, pois tudo o que teve um princípio deve ter um fim. Entre estas duas polaridades, *Vishnu* conserva a existência durante o tempo que vai do nascimento à morte.

Indra, *Varuna*, *Vayú* e *Pritivi* são os deuses das forças naturais que presidem os quatro elementos: Fogo, Água, Ar e Terra.

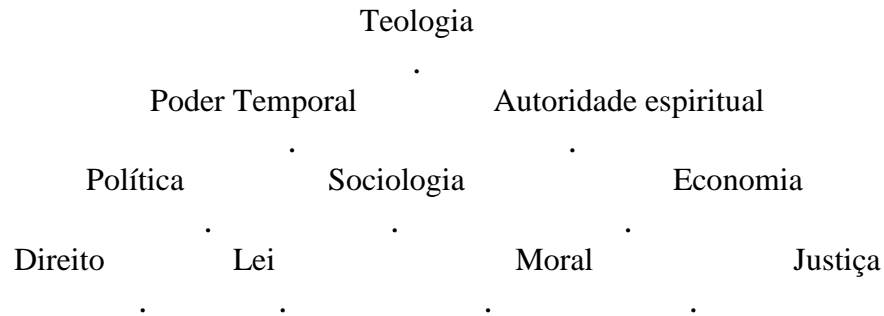
HIERARQUIA ESPIRITUAL CRISTÃ



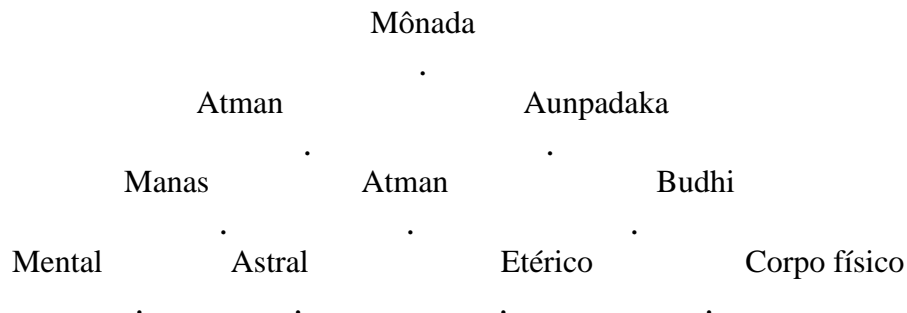
HIERARQUIA ESPIRITUAL DO ORIENTE



SOCIOLOGIA

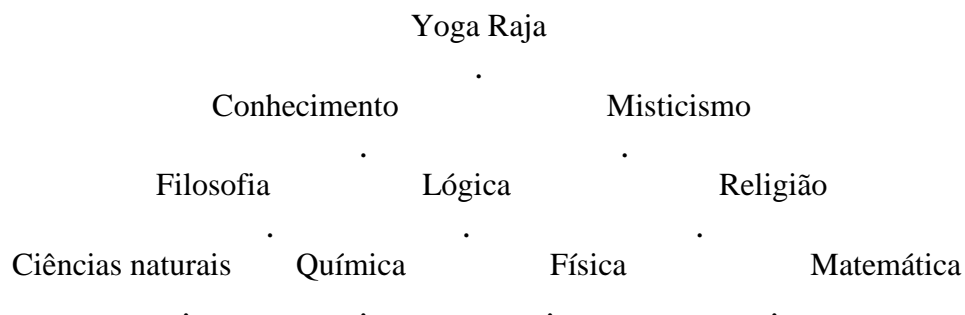


FORMAÇÃO HUMANA



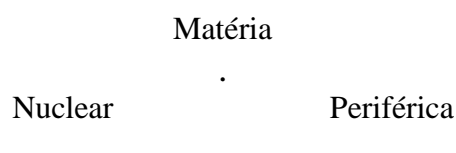
Mônada é a centelha divina, ainda latente, que é a raiz espiritual em todo ser. *Atman* é a Vontade divina que faz com que todo ser seja o que é. *Aunpadaka* é a consciência da unidade transcendente que forma todos os seres. *Manas* é a faculdade de inteligência que, em diferentes graus, há em todos os seres. *Atma* é a vontade particular de cada um. *Budhi* é a faculdade de manifestar amor que encontramos em todos os seres, desde o mais elementar instinto até o mais elevado misticismo. Mental, Astral, Etérico e Corpo físico, é o quaternário que constrói nossa personalidade.

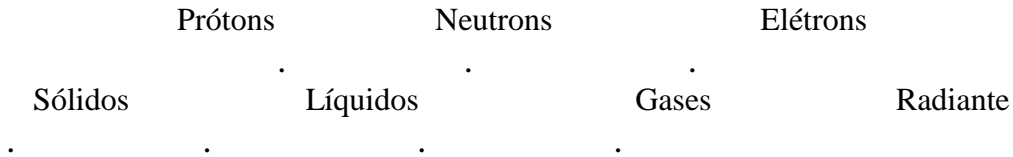
CIÊNCIAS HUMANAS



A Yoga Raja ou Yoga Real, é a metafísica mais elevada. Conhecimento é estar inteirado de tudo quanto se disse em todos os terrenos. Misticismo é aquele estado de onde brotam as inspirações superiores. Filosofia e Lógica não precisam de explicação. Religião é aquele sentimento que religa tudo quanto conhecemos. Ciências naturais ou ciência que estuda a Natureza, em seu aspecto sensível, desde a Medicina à Astronomia, Química ou ciência da matéria, Física ou ciência da Energia, Matemática ou ciência do número e de suas relações.

MUNDO FÍSICO



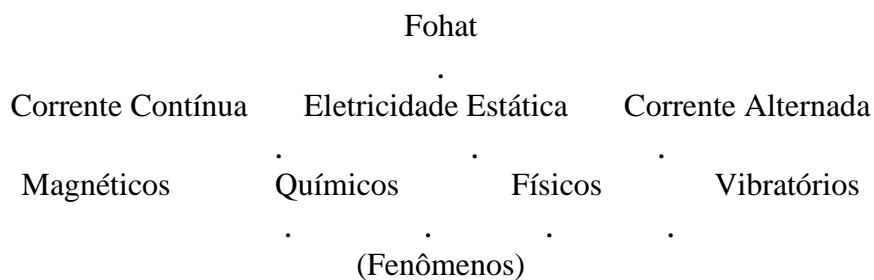


MUNDO MATERIAL



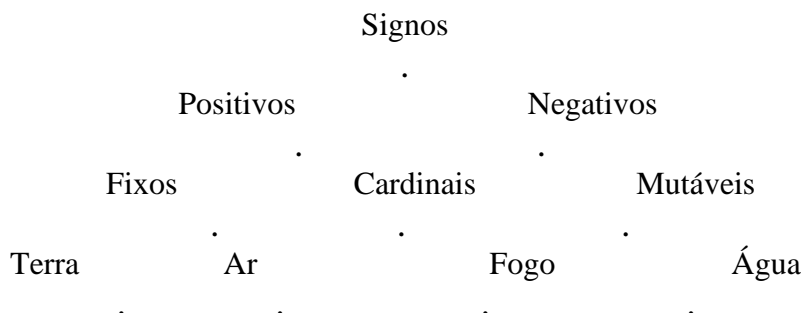
Prakriti é a matéria primordial, da qual ainda não temos nenhum conhecimento direto, mas cuja existência postulamos, por intuição. *Prakriti* é a matéria universal que forma tudo quanto conhecemos, desde a nebulosa até a matéria tangível. Manifesta-se sempre em formas espiraladas girando a *dextrosum* ou a *sinistrosum*, sentidos que denominamos positivos ou negativos. *Rajas*, *Tamas* e *Satwa* são as denominações hindus para movimento caótico, quietude inerte e movimento rítmico ou vibração.

MUNDO ENERGÉTICO

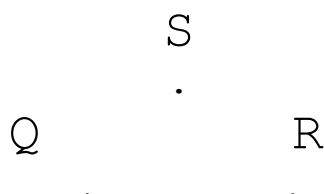


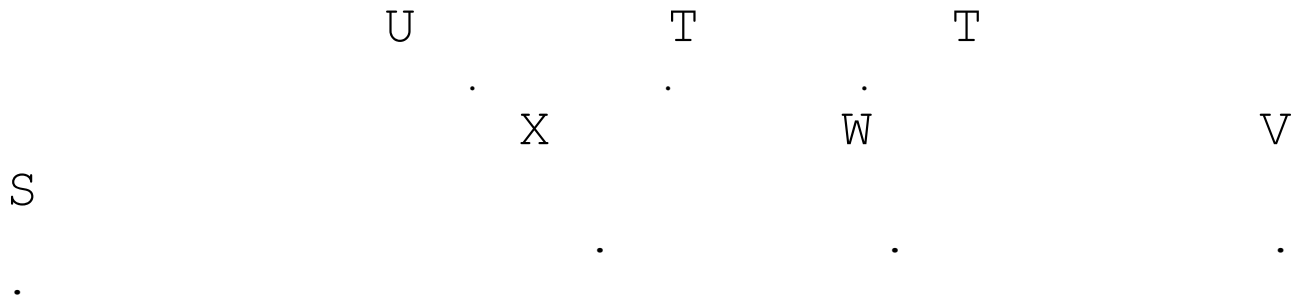
Fohat é a energia universal que, no mundo físico, se apresenta como eletricidade, com possibilidade de acumular-se em certo lugar (+) e de faltar (-) em outro, engendrando, assim, uma corrente ao buscar o equilíbrio ou o estado estático. A passagem da corrente produzirá fenômenos vibratórios, químicos, físicos e magnéticos.

ASTROLOGIA-ZODÍACO

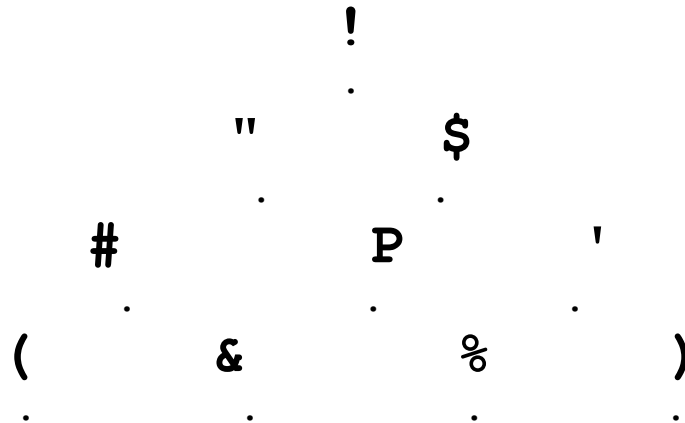


PLANETAS





ASPECTOS



O SOL INVISÍVEL

Ainda que a teoria exposta possa parecer uma novela de ficção científica, é uma questão muito séria, não só por sua transcendência, mas também por seus fundamentos científicos, devidamente comprovados, como pode ser verificado por quem estiver qualificado. Em sua parte metafísica ou invisível procuramos conservar a lógica para interpretar os motivos, ainda hoje desconhecidos, de certas reações psíquicas que experimentamos. É, portanto, devido à intuição do autor despertada graças a longas horas de meditação sobre o problema que vamos tratar.

Nosso Sol visível é uma imensa esfera onde as energias inter-atômicas atuam plenamente, irradiando pelo espaço todo tipo de vibrações ou emissões (a ciência ainda discute sobre isso) que giram rapidamente sobre si mesmas. Daquilo que o Sol irradia só conhecemos o que afeta nossos organismos físicos: luz, calor, vitalidade, etc. Da sua rotação deduzimos a existência de uma linha imaginária, que denominamos eixo, com seus pólos Norte e Sul, ou + e -, sendo como um gigantesco imã e, em consequência, com um campo magnético formidável, como demonstram as perturbações eletromagnéticas que registramos na Terra produzidas pelas manchas solares. O eixo Norte-Sul é perpendicular ao plano que, com ligeiras variações, descrevem os planetas com suas órbitas (para simplificar conceitos, já que os planetas, na realidade, descrevem elípticas no espaço, ao serem arrastados pelo Sol em seu movimento). O Sol ocupa um dos dois extremos das órbitas elípticas que os planetas seguem, segundo demonstram as famosas leis de Kepler.

E no outro extremo, o que há? Até agora a vista humana não encontrou nada, mas as leis da mecânica exigem que, esse extremo seja um centro de forças para manter o equilíbrio e, como não há nada material, substituímos o conceito de centro pelo de um campo de forças, cuja efetividade seja equivalente à do Sol visível. Como consequência, esse Sol deve apresentar um campo magnético tão poderoso como o do Sol visível. Ademais, o átomo da física moderna pode dar-nos uma idéia de como ele deve ser formado. Esse Sol seria um centro de forças nucleares e a seu redor girariam os planetas do sistema, de maneira análoga a dois elétrons ao redor do núcleo atômico.

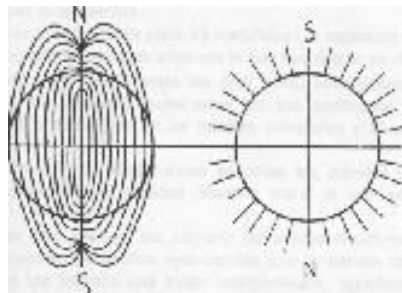
Em apoio a esta hipótese devemos dizer que já se falou muito que, no conjunto, um átomo é um sistema planetário em miniatura. Pois bem, porque não considerar um sistema planetário - o solar por exemplo - como um átomo imenso? Ou melhor, como uma gigantesca molécula diatômica (os dois Sóis), onde um dos átomos tenha natureza e efeitos físicos e o outro, natureza e efeitos psíquicos ou espirituais.

Que o Sol visível é de efeitos físicos não é necessário discutir e que o Sol invisível é de efeitos psíquicos é evidente, partindo das seguintes considerações: os praticantes de astrologia conhecem bem as influências psíquicas que são emanadas dos planetas, fato que levou a chamá-los muitas vezes de Arcanjos planetários e, com mais razão ainda, ao Sol. Esse efeito é visto em ação mais claramente quando vem dos planetas transaturninos (por analogia, os elétrons corticais, cuja presença ou ausência determinam a transformação de uma molécula neutra num íon).

Como sabem os ocultistas, todo átomo ou centro astral gira sempre de maneira espiralada, sobre si mesmo. Cremos que o Sol invisível, por razões de analogia, também deve girar sobre si mesmo, mas num sentido de rotação contrário ao do Sol visível.

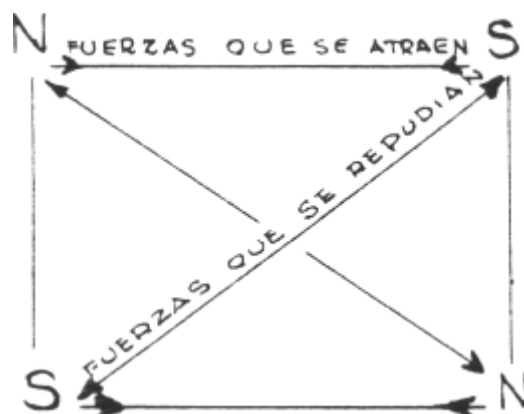
Isso trás consigo a idéia de um eixo ideal de rotação, com uma polaridade invertida que descrevemos anteriormente, mas conservando o paralelo com o do Sol visível, ou seja, que ante o pólo positivo de um virá o pólo negativo do outro, e vice-versa.

Como o Sol invisível não tem nenhuma partícula material não haverá radiações como há em seu par, o Sol visível. As linhas magnéticas que dele emanam, sairão do pólo Norte para fechar-se sobre si mesmas, entrando pelo pólo Sul depois de ter atravessado, perpendicularmente, seu equador. Tudo isso segundo o esquema que damos a seguir.



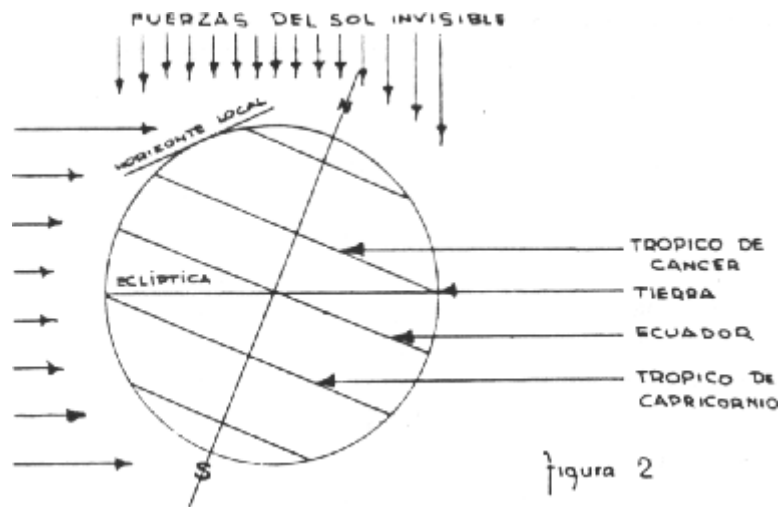
Linhas de Força do campo magnético
do Sol invisível e polaridades

Linhas de radiação do Sol
visível e polaridades



Essas quatro polaridades dispostas da forma demonstrada no esquema, mantém o equilíbrio cósmico dos dois Sóis dando, assim, perdurabilidade à sua situação relativa como aos dois extremos das elipses orbitais e, portanto, à permanência no tempo, do sistema solar. Daqui deriva, nas mesmas raízes do sistema, a condição quaternária de toda manifestação estável.

Os efeitos dos dois Sóis sobre nosso planeta apresentam condições muito especiais já que, dada a grande distância a que se encontram da Terra, suas radiações incidem sobre sua superfície como linhas praticamente paralelas, mas de direções perpendiculares (figura 2).



A figura representa, esquematicamente, a posição da Terra com respeito às radiações e linhas de força dos dois Sóis num solstício de inverno no hemisfério norte, ao meio-dia. Numa localidade imaginária, cujo horizonte seja aquele indicado na figura, vemos que as linhas de força do Sol invisível incidem sob um ângulo muito mais aberto que o das radiações do Sol visível, o que trará uma baixa graduação térmica e uma alta influência psíquica. Em outra localidade da mesma latitude Sul estarão em pleno solstício de verão.

Em qualquer lugar, quando as forças físicas vitais dominam, acontece uma temporada de vitalidade excessiva e os homens que trabalham no campo, de sol a sol, chegam a casa cansados e relegam a segundo plano suas obrigações religiosas. Enquanto que, nos lugares onde é inverno e não se pode trabalhar muito fora de casa, acontecem as festas de fundo religioso que são celebradas em família e são razão de muitos presentes e obséquios.

A superabundância de influxos de um ou outro tipo determina a qualidade dos estados psíquicos temporais que, inconscientemente, demonstramos nas épocas solsticiais do modo geral. Nada acontece se razão, e a generosidade que todo mundo demonstra de maneira insólita, por volta do fim de ano, as múltiplas felicitações, as reuniões familiares obrigadas, coroadas por comidas e brindes copiosos, os cantos inocentes que pretendem ser religiosos, tudo isso mostra um estado emotivo que não é comum nem normal. É inútil atribuir às celebrações religiosas quando, durante todo o resto do ano se viveu em plena indiferença e, sempre, com uma ignorância supina a respeito desses assuntos. Alguns querem voltar-se ao simbolismo de São João de Inverno^{NT} como um motivo de celebração mas, na realidade, são incapazes de uma explicação razoável.

E, os mesmos que viveram esse momento durante o solstício de inverno, quando vem o solstício de verão, fazem atividades completamente opostas. Todo o mundo parece preso de uma inquietude manicomial, as fogueiras de São João de Verão^{NT} parecem querer fazer perdurar os calores naturais

^{NT} Jesus ocupa o solstício de inverno (a Igreja optou por mudar seu titular, ao ver que era impossível suprimir essas festas), São João toma posse do solstício de verão (no hemisfério norte) porque foi impossível erradicar as ancestrais celebrações solares. E foi precisamente o fato da vinculação de seu nome às festas mais esplendorosas, o que elevou seu prestígio até limites que só milênios de história podem explicar. Mas não é gratuita a coincidência entre o ancestral culto solar e São João Batista. O personagem é de uma grande altitude: é um Sol menor que abre caminho ao grande Sol que é Cristo, com uma firmeza que faz tremer o próprio rei Herodes. O Batista tinha uma missão, e nada acovardou-o. Preparava os caminhos do Senhor. Era a Voz que clamava no deserto.

^{NT} Há dois momentos do ano nos quais a distância angular do Sol ao equador celeste da Terra é máxima. São os chamados solstícios. O de verão é o grande momento do curso solar e, a partir desse ponto, começa a

de um verão rigoroso. A generosidade do caso anterior se transforma num egoísmo desenfreado para conseguir dinheiro para gastar nas férias, que se tornam uma verdadeira explosão e dispersão que deixa as cidades meio vazias. As célebres férias que todos tomam com a ilusão de descanso mas que, na realidade, trazem mais fadigas que a plácida rotina diária. A juventude foge da companhia dos mais velhos que presidiram a mesa familiar no inverno, para ir tomar sol nas praias e montanhas, como se já não tivessem bastante sol da própria estação, que mais pede por uma sombra.

E, para terminar, vejamos um pouco de metafísica, graças a dois mitos religiosos que reverenciamos porque sabemos o que há por trás deles. O antagonismo permanente entre os dois Sóis, um material e outro espiritual, não poderia ser a eterna luta entre os dois poderosos Arcanjos, Miguel e Samael, o primeiro chefe das hostes celestes e o outro príncipe deste mundo?

Essa idéia do binário é encontrada em todas as grandes religiões, e quiçá seja a expressão de uma realidade cósmica como a que acabamos de detalhar.

Pode ser que esse artigo seja tomado como uma elucubração mental de seu autor, mas ficam os fatos indiscutíveis que lhe servem de base e, se alguém encontrar para eles uma melhor interpretação, agradeceremos que nos comunique.

DOIS EXEMPLOS DA PASSAGEM AO QUATERNÁRIO PROCEDIMENTO CABALÍSTICO⁸

Pelos procedimentos da redução teosófica podemos classificar todas as palavras possíveis em 22 famílias, correspondentes às 22 letras do alfabeto, estabelecendo relações de analogia ou de regência, parecidas às das famílias planetárias.

Um conhecimento profundo do significado abstrato das forças regidas por cada letra é imprescindível. Não é fácil chegar a possuir esta condição, mas aquele que a tenha poderá tirar dela proveitos extraordinários.

As pessoas acostumadas a trabalhar, apoiadas nas funções de sua mentalidade concreta ou analítica, que só lhe faz ver diferenças ou identidades entre as coisas, dificilmente chegarão a compreender como um ocultista pode dizer que uma palmeira, uma letra trocada ou o metal mercúrio são diferentes manifestações de uma só força, que chamamos mercuriana. E mais dificuldades, ainda, encontrará em ver as analogias fundamentais se tiver que classificá-las segundo as influências das 22 letras.

É por isso que, inclusive entre estudantes avançados, esse procedimento seja pouco conhecido e, portanto, pouco usado. Ao contrário, aqueles que aprofundaram o estudo da Cabala, sabem a importância que eles têm e, justamente por esse motivo, não falam dele de forma explícita.

declinar. Antes dessa festa ser cristianizada, os povos da Europa acendiam fogueiras em seus campos para ajudar o Sol num ato simbólico para que “não perdesse forças”. Em sua consciência interna sabiam que o fogo destrói o mal e o daninho. Essa festa foi associada ao solstício de verão, mas isso no hemisfério norte, já que para o hemisfério sul o solstício é de inverno e nem para todos, pois a festa de São João é patrimônio do mundo cristão. Nos países orientais, com ritos e crenças diferentes se celebram essas festas, conservando em todas elas a mesma essência: render homenagem ao Sol, que nesse dia, tem um papel especial: no hemisfério norte é o dia mais longo e, por conseguinte, o poder das trevas tem seu reinado mais curto e no hemisfério sul ocorre o contrário.

⁸ Ver Enel – “La Trilogia de La Rote”

Cornélius Agripa insinua em sua obra capital, apresentando-nos duas tabelas compostas, cada uma por 11 colunas e 22 fileiras, contendo duas letras em cada casa⁹.

Essas duas tabelas nos permitem trabalhar seja no “coagula” seja no “solve”, segundo usemos uma ou outra no problema da passagem ao quaternário.

Possuindo o nome da coisa, ser ou entidade, em Asiah ou em Ietzirah, faremos sua redução e esta nos indicará qual das 22 fileiras temos que utilizar para fazer a transposição do mesmo ao mundo que nos interessa. Cada letra do nome conhecido será substituída pela outra que ocupa a mesma casa. Obtemos, assim, um novo nome que será correspondente ao mundo onde queremos agir. Um terceiro nome virá equilibrá-los e será encontrado na tabela Tzimph regular, pelo procedimento da dupla entrada, tomando as letras do nome original sobre a linha horizontal, e as do outro nome sobre a vertical.

Com o nome equilibrante assim determinado, construímos uma tabela Tzimph irregular e tomamos dessa tabela a fileira ou coluna correspondente à primeira redução. Isso nos dará as 22 letras dispostas numa certa ordem.

Cada uma dessas letras será transladada aos canais da árvore Sefirótica, guardando a ordem em que foram encontradas. Assim, a primeira será colocada no primeiro canal, a segunda no segundo, etc. até completar as 22. As variações obtidas serão em número muito grande.

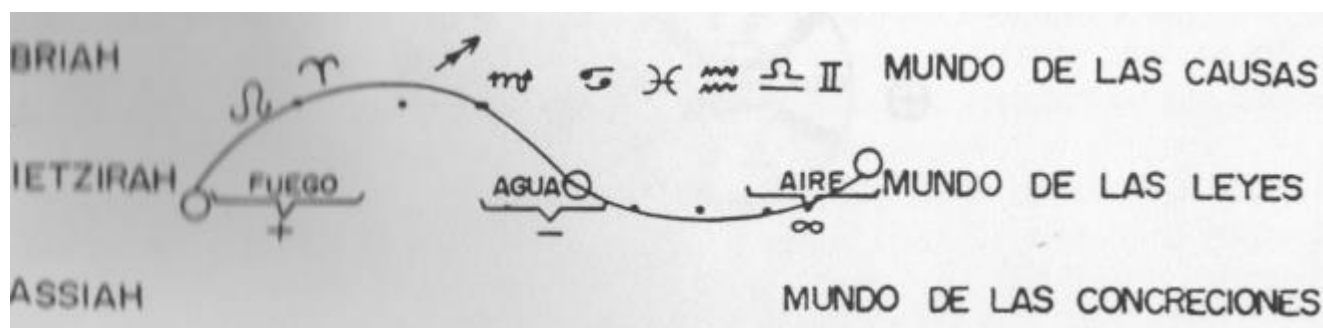
Onde se realizem equilíbrios perfeitos com as cifras dos dois centros da Árvore estará indicada uma possibilidade construtiva, e onde houver desequilíbrio, a indicação é de instabilidade e, portanto, de ruína ou impossibilidade de realização.

Depende da sagacidade e intuição do operador encontrar a palavra exata para dar uma interpretação lógica, segundo a índole do assunto proposto.

Como é natural, cada canal e cada centro já tem seu significado e suas aplicações na Árvore protótipo. Por analogia com a interpretação astrológica, onde cada casa já tem um significado especial invariável, saúde, dinheiro, mentalidade, etc., mas cuja interpretação é matizada pelos signos e planetas que a ocupam, e pelos aspectos que dos mesmos recebem.

PROCESSO VITAL

Já sabemos que a representação gráfica da criação do elemento Terra no estudo das permutações do Tetragrama, é dado pelo seguinte esquema:



A título de exemplo, indicaremos como agem as forças estudadas pela astrologia para transformar um ser espiritual, filho do céu, num ser mortal, filho da terra, e sua sucessão num processo de encarnação. Intervém as forças próprias de cada um dos mundos que devem ser atravessados pela entidade espiritual em sua descida na matéria. As forças emanadas pelos signos zodiacais, as forças

⁹ Agrippa – “La Phipolophie Occulte”; Mac Gregor Matters – “The Cabbala Unveiled”; Enel – “La Trilogie de La Rote”

planetárias e, finalmente, as dos elementos, em cujo ambiente vão se realizando as transformações que o processo traz consigo.

FOGO - O pai (E), no ato de prazer e amor (V), dá início ao novo ser, ao novo ciclo de vida no processo da manifestação (E – primeiro signo na ordem cósmica), em sublime impulso (A Briah) que é consequência de todo o atavismo (IX seguinte ao VIII) animal e humano, coletivo e individual, ao mesmo tempo (I), no mundo das causas (Briah).

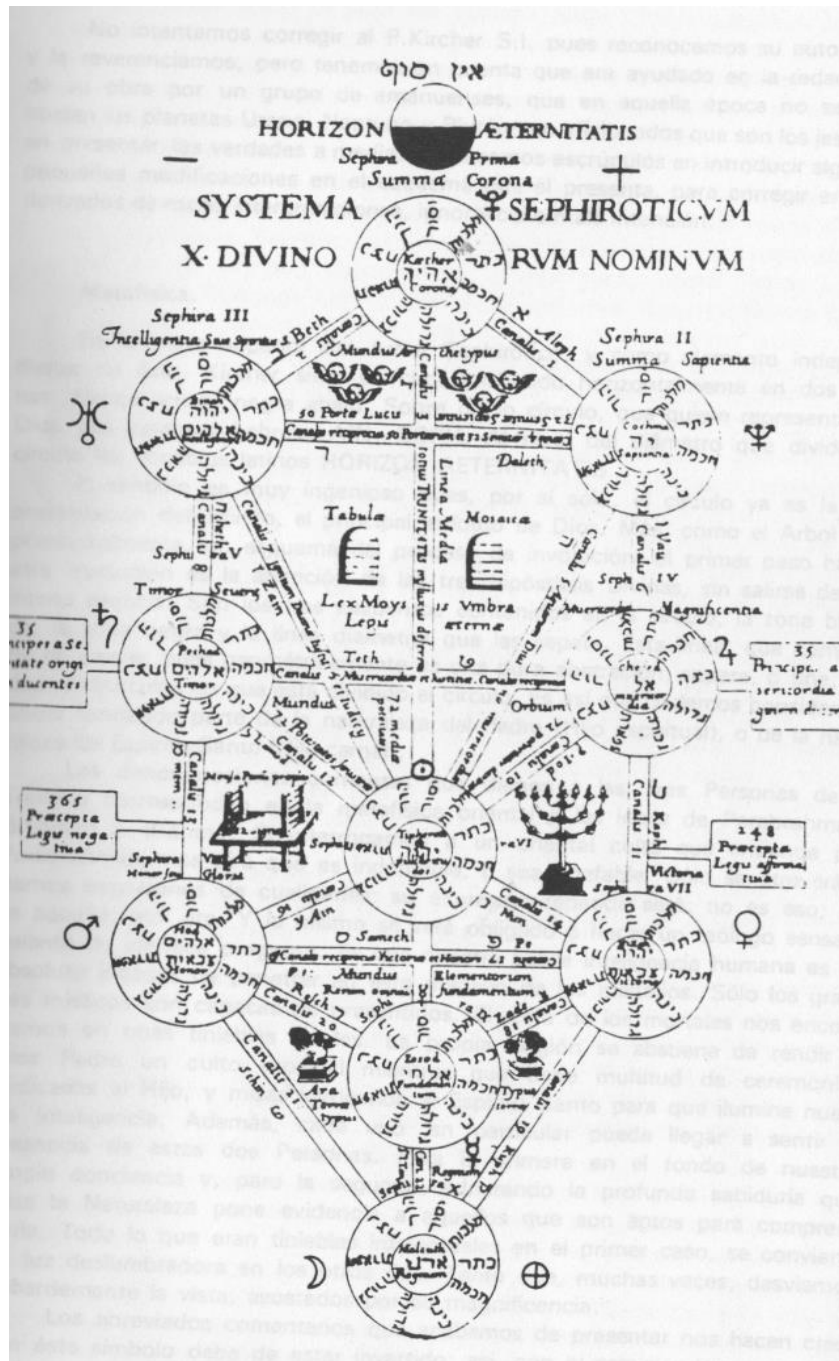
ÁGUA — Na matriz da mãe (H), se realiza o misterioso ato da fecundação, a troca de elementos no mundo causal (Briah), que é ao mesmo tempo a morte espiritual (VIII). Inicia-se o processo de materialização, de formação (Ietzirah), por multiplicação e aglomeração celular, a mórula (D), que mais tarde se dobra sobre si mesma (blástula), se reconcentra, se limita, se hipertrofia (L), e determina em suas capas o gérmen das diferentes partes anatômicas do embrião (Assiah).

AR — O embrião já adquire sua forma definitiva de materialização (K W). A Vida universal chega à particularização (W " Q Assiah) ao trocar de elemento, presa num coração que começa a contrair-se e expandir-se numa vibração rítmica (X) vital, prelúdio da respiração, condição indispensável da vida material. Lentamente cumpre-se a evolução formal do embrião, adquirido ele sua morfologia especial, segundo o sexo (T), e o desenvolvimento da ossatura, última etapa de materialização por acréscimos minerais (W exaltado), elemento definitivo para adquirir o equilíbrio final (G).

Nasce o indivíduo, e ao começar a respirar com os pulmões (C), troca a placenta material pela terrestre, a atmosfera (C) e adquire, portanto, a categoria de “Filho da Terra”, concreto como forma individual, mas sujeito à evolução e formação (Ietzirah), como entidade espiritual que intrinsecamente é.

Assim, FOGO engendra a ÁGUA. Da combinação dos dois, resulta AR e os três conjuntamente se manifestam como TERRA.

No caso do gênero humano, deve-se considerar se não é no sétimo mês da gestação (quando a lua ideal do momento da fecundação atravessa as forças quaternárias de K o signo humano por excelência) e, ao verificar-se a troca do elemento ÁGUA pelo elemento AR, a ocasião em que o Ego humano toma posse definitiva do corpo que as leis cármicas lhe designaram.



A ÁRVORE DAS SEPHIROTS

INTRODUÇÃO

Atreve-mo-nos a tratar este assunto fundamental no estudo da Cabala, com a boa intenção de facilitar sua compreensão aos estudantes sérios e evitar, assim, que percam tempo entre as contradições que há em muitas das obras que fazem referência à questão, como aconteceu conosco.

Já sabemos que o estudo do ocultismo é gradual e que, portanto, jamais se dará toda a verdade de uma vez. Mas, nas obras entregues ao grande público há um modo de dissimular o fundo das coisas que é introduzir-lhe erros. Se esse método for usado com prudência e discrição é um bom sistema didático, pois obriga o aluno ao trabalho pessoal, sempre imprescindível àquele que segue a via racional até despertar a intuição necessária que permite ver as coisas com clareza. Esse método sempre foi usado pelos autênticos mestres, mas quando os autores não têm essa categoria e se limitam a reproduzir as coisas tal como as recebem, sem se esforçar para compreendê-las antes para vender seus livros, sempre encontrarão leitores mais ignorantes que eles próprios. Em outros casos,

dissimulam seu desconhecimento alegando que não podem dizer mais porque são obrigados ao silêncio em respeito a um segredo jurado.

Nós, que não agimos por pedantismo, nem nos liga nenhum juramento secreto sobre o assunto, fazemos nossos os lemas de que “A Ciência Secreta se guarda sozinha”, e de “Não há Religião superior à Verdade”. Ademais, nosso escudo como C.B. C.S. tem a divisa “*Ducere ut Dozere*”, e a ela nos atemos. E que Deus e o leitor, cada um em seu terreno, nos julguem porque aceitaremos humildemente seu veredicto.

Como referência, tomaremos a Árvore Sephirótica que aparece na obra tão conhecida de P.Kircher, “O Edipus Egyptiacus”, magnificamente reproduzida no livro monumental de Petrus Telemarianus e, também, na obra de Papus “La Cabbale”.

Não tentaremos corrigir P.Kircher, S.I., pois reconhecemos sua autoridade e a reverenciamos, mas levamos em conta que era auxiliado na redação de sua obra por um grupo de amanuenses^{NT} e que, naquela época, não eram conhecidos os planetas Urano, Netuno e Plutão e também o quanto os jesuítas são aficionados em apresentar as verdades pela metade. Portanto, não teremos escrúpulos em introduzir algumas pequenas modificações no esquema que ele apresenta, para corrigir erros derivados de más interpretações, ignorância ou má intenção.

METAFÍSICA

Na parte superior da Árvore Sephirótica, e como elemento independente dela, Kircher coloca um círculo dividido horizontalmente em duas zonas: branca acima e negra abaixo. Sobre esse círculo, que representa Deus, as palavras hebraicas AIN - SOPH. No nível do diâmetro que divide o círculo os vocábulo latinos HORIZON AETERNITATIS.

O símbolo é muito engenhoso, pois, por si só, o círculo já é a representação do infinito, o principal atributo de Deus. Mas, como a Árvore é, primordialmente, um esquema do processo de involução, o primeiro passo para essa involução é a aparição das três hipóstasis Divinas, sem sair de sua íntima essência. São os três elementos contidos no círculo, a zona branca, a zona negra e a linha diametral que as separa. Essa linha, que como tal não existe pois geometricamente é pura abstração, separa ou une os dois semi-círculos no qual está dividido o círculo. Assim podemos considerá-la como parte da natureza do Pai (Filho espiritual), ou da natureza do Espírito Santo (Filho carnal).

As denominações correntes que damos às Três Pessoas da Trindade correspondem, na metafísica oriental, às idéias de *Parabrahman*, *Brahman* e *Brahma*. Se interrogarmos um oriental culto sobre o que entende por *Parabrahman*, nos dirá que é indefinível, ou seja, inefável. Só se atreverá a dar-nos negações de qualidades, repetirá sempre: não é isso, não é aquilo, etc. etc. E o mesmo se verá obrigado a fazer um teólogo sensato, diante de idêntica pergunta. Porque nossa pobre inteligência humana é absolutamente incapaz de penetrar nesse mistério dos mistérios. Só os grandes místicos são capazes de pressenti-los e o resto dos mortais fica nas trevas. A própria religião se abstém de render a Deus Pai um culto especial enquanto tem multidões de cerimônias dedicadas ao Filho, e missas invocando o Espírito Santo, para que ilumine nossa inteligência. Ademais, quase todos podem chegar a sentir a presença dessas duas Pessoas. A primeira, no fundo de nossa própria consciência e a segunda, admirando a profunda sabedoria que toda Natureza evidencia àqueles que são aptos para compreendê-la. Tudo o que era trevas intelectuais no primeiro caso, se torna luz deslumbrante nos outros dois. Tanto que, muitas vezes, desviamos covardemente a vista, assustados por sua magnificência.

^{NT} Amanuense era todo aquele que copiava textos ou documentos à mão. A palavra amanuense provém do latim *amanuensis*. Escrevente e copista são sinônimos de amanuense.

Os breves comentários que acabamos de apresentar nos fazem crer que esse símbolo deve estar invertido, assim, com o semi-círculo negro encima e o branco abaixo. Ademais, sobre o setor negro escreveremos a palavra AYN, nome da letra hebraica correspondente ao signo saturnino de Capricórnio¹⁰, o signo no qual os dias são mais curtos e as noites tenebrosas mais longas. No nível da fronteira entre trevas e luz, as palavras AYN SOPH, o Alento da Eternidade, o Alento que recebeu Adão para animá-lo e fazê-lo espiritualmente imortal. E, finalmente, sobre o setor branco as palavras AYN SOPH AUR “A Luz Vazia e sem limites”¹¹.

RELAÇÕES ASTROLÓGICAS

Como na época de Kircher não se conheciam mais do que os sete planetas básicos e o número de centros sephiroticos na Árvore é dez, restavam três espaços para preencher. Kircher, ocultista intuitivo e bom astrólogo pressentia a existência das oitavas superiores nas influências astrológicas e não duvidou em imaginá-las para todos os planetas — exceto para os luminares — e atribuiu-as aos três centros superiores. Assim, colocou dez, mas sobraram dois, que colocou junto à representação das Tábuas da Lei que aparecem em seu esquema. Para distinguir essas oitavas superiores dos planetas básicos, utilizou os mesmos signos marcados pelo sub-index “n”. Não estava de todo mal pois assim contava com doze signos planetários, um para cada signo zodiacal, e cobria os que pudessem ser descobertos e assim resolvia o problema das regências. Alguns autores modernos¹², que reproduziram mais ou menos a Árvore de Kircher optaram, prudentemente, por suprimir suas fantasias. Mas quem sabe se ainda será preciso reconhecer que ele tinha certa razão? O francês Neroman e o inglês Maurice Wemys dão por certa a existência de planetas ainda hipotéticos.

Mas, atendo-nos à realidade dos descobrimentos modernos, hoje já temos os dez planetas — compreendendo os luminares — que faltavam a Kircher.

Assim, atribuiremos à primeira Sefira o planeta Plutão; à segunda o planeta Netuno; à terceira o planeta Urano. Vê-se, imediatamente, que se cumpre a ordem cronológica de seus descobrimentos, como a ordem de suas distâncias do astro central, o Sol. Situamos-os sobre os três Centros superiores porque estes pertencem ao nível superior, espiritualmente. Os sete planetas clássicos pertencem ao que poderíamos chamar *campo de forças físicas do Sistema*, enquanto que os transaturninos têm melhores efeitos sobre o que poderíamos chamar a *aura do Sistema Solar*. Todos sabemos como os sete planetas, ou os signos por eles regidos, determinam o tipo físico das pessoas em cujos horóscopos aparecem no ascendente, enquanto que, se no ascendente há alguns dos planetas transaturninos, o tipo físico fica completamente apagado. Não é em vão que Saturno rege a pele, limite físico dos seres vivos. Assim, da mesma forma, limita os efeitos físicos do Sistema.

A atribuição de Plutão à primeira Sefira se deduz de sua designação mitológica como deus dos Infernos, ou seja, dos reinos do inferior. As nove Sefiras restantes que, de emanção em emanção chegarão, em seu processo descendente a concretizar-se como Terra. Os que freqüentam a Sinagoga terão observado que no lugar principal do templo, que representa o Altar Maior, como o esoterismo judeu não tem imagens existe uma cortina, mais ou menos adornada por bordados, que tem em seu centro, como lugar de máxima honra, o nome KETHER, que em hebraico se escreve K, TH, R, equivalente a U Q W, segundo a Cabala.

Netuno tem que ser associado à segunda Sefira à qual corresponde por Natureza. Netuno é o deus das águas, especialmente do mar, berço de toda vida. O próprio Kircher indica para o canal que vai

¹⁰ Recordemos que, segundo a Mitologia clássica, os deuses engendrados por Saturno-Kronos eram devorados por seu próprio pai, ou seja, que os deuses filhos do tempo eram aniquilados pelo mesmo tempo que os engendrou. As religiões desaparecidas comprovam a realidade do mito.

¹¹ Veja as inspiradas explicações de Robert Ambelain em sua obra “La Kabbale Pratique”, pág. 48 a 50.

¹² Papus “La Cabbale”, pág. 36 e Ambelain “La Kabbale Pratique”, pág. 46.

da segunda à sexta Sefira a letra HE, símbolo da Vida Universal e, como se fosse pouco, escreve sobre esse canal a indicação de “Aquarium Divinae”.

Urano está associado à terceira Sefira. Urano na Mitologia clássica é o Céu. Ao canal que une a terceira à sexta Sefira, Kircher denomina “Ignem Divinae”. Esse fogo do Céu não é o fogo físico, mas a energia Universal, é o *Fohat* da filosofia oriental, cuja manifestação última em nosso mundo é a eletricidade. De fato, a Física moderna está reconhecendo que toda manifestação física em nosso ilusório mundo, não é nada além de fenômenos elétricos, percebidos através de nossos limitadíssimos sentidos e criador da aparência das coisas tangíveis. É bem conhecida a regência astrológica de Urano sobre todo fenômeno elétrico. Recordemos a imagem de Júpiter com um feixe de raios na mão. O canal é regido pela letra hebraica ZAIN e, não será por puro acaso que na tipografia moderna de todos os países civilizados, a letra Z tenha a figura ideal de um relâmpago.

Outra observação a fazer é que Marte e Vênus aparecem trocados de lugar na Árvore de Kircher, pois Vênus corresponde a Netzah e Marte a Hod. É evidente que a Deusa Fortuna leva consigo a Vitória e é bem conhecida a relação íntima que sempre existiu entre os assuntos amorosos e os econômicos. Por outro lado, todo militar deve ter bem claro que só a Honra pode dar-lhe a Glória à qual legitimamente aspira. Um militar sem honra será sempre um ser desprezível.

Finalmente, vemos que Kircher coloca a Lua sob a última Sefira. Em princípio isso está bem, mas a Lua, astro insignificante dentro do Sistema Solar, será um fim bem mesquinho para um processo de emanções sucessivas cuja origem se encontra na Divindade. A Lua exerce, realmente, muita influência sobre a vida humana e terrestre, mas muito pouca do ponto de vista cósmico. Em sentido figurado poderíamos dizer que a Lua é a antena da Terra, coletora de todo tipo de vibrações, que retransmite ao nosso planeta. Como forma com ele um sistema solidário, nos repugna separá-la e, portanto, colocaremos do lado esquerdo de MALKUTH o símbolo da Lua e do direito o símbolo da Terra. Além disso, ao receber sobre a Terra as influências dos outros planetas, não recebemos junto com as do astro principal, as de seus satélites?

O GRANDE TEATRO DO MUNDO

Para melhor fixar as idéias que representa a Árvore Sephirotica ou Árvore da Vida, conhecidas pelos cabalistas sob essas duas denominações, nos valeremos da Lei universal da Analogia, mas desta vez levando-a até seus mais baixos escalões. Personificaremos seus centros com as figuras mais típicas da farsa teatral. E que nos perdoem se, com isto, cometemos um pecado de irreverência. Mas é um artigo que está destinado a ir para as mãos do grande público, e nem todos estão preparados para compreender as questões metafísicas.

Imaginemos um teatro antes da entrada do público. Do palco para dentro pode haver certa atividade enquanto os atores se maquiavam para desempenhar seus papéis. Mas a sala de espetáculos está às escuras e em silêncio. Estamos em AYN. Um tempo antes da hora anunciada para a representação, são abertas as portas do teatro e o público começa a entrar. A sala está à meia luz, estamos em AYN - SOPH, a ponto de começar. Logo se acendem as luzes diante do palco e a sala se inunda de luz. A orquestra inicia o prelúdio e se propagam pelo ambiente as vibrações acústicas dos temas principais da obra. O público emudece, absorto na emoção produzida, cheio de curiosidade pelo que vai realizar-se no cenário. Sobe a cortina. É AYN-SOPH-AUR.

O pensamento do espectador consciente deriva para três pessoas que não aparecem em cena, se não para recolher os últimos aplausos. O primeiro deles é o empresário, graças a quem se pode montar a obra. Ele firmou os contratos de quantos intervêm nela de tal maneira que todas as atuações partem de suas ordens, e todos são motivados pensando na retribuição que deverão receber do empresário. A missão dele é análoga à da primeira Sefira na Árvore da Vida. A segunda pessoa é o maestro compositor que soube captar as vibrações musicais precisas para obter a expressão abstrata, na linguagem da música, das emoções convenientes à obra a representar (Y). Finalmente, na terceira

temos o autor da letra e é graças a seu gênio (X) que se pode expressar em linguagem humana tudo quanto os atores terão que dizer para dar aparência de realidade a seus papéis. Não menos inspirado que seu companheiro, o compositor, em muitas ocasiões fará suas recitações em versos que, se têm a devida qualidade, serão a mais alta expressão do verbo humano.

Outras duas pessoas intervirão também no desenvolvimento perfeito da farsa: um contra-regra, o grande benéfico (V) que resolve os momentos difíceis que surgem quando algum dos atores não lembra o que tem que dizer, coisa muito freqüente nas longas recitações de uma comédia. Como boa pessoa é humilde, e por isso nunca se mostra na presença do público. O outro é o diretor de orquestra que, com as indicações de sua imperiosa batuta, vai marcando para músicos e atores os momentos precisos (W) para suas entradas em função e os ritmos a seguir.

Agora vamos comentar sobre os protagonistas da representação. Tomaremos os personagens do teatro mais clássico e mundialmente conhecido: a farsa italiana antiga. Primeiro encontramos o “Sr. Polichinelo”, homem importante pelo dinheiro que tem, de imagem ridícula mas ricamente vestido com sedas multicores, plumas e bordados de ouro fino (Q). Todos os demais personagens giram a seu redor, adulando-o e cantando suas falsas virtudes, deslumbrados por suas possibilidades econômicas das quais esperam sempre recolher algumas migalhas.

Outra figurante é “Dona Sereia”, mulher com aparência de grande dama, protetora da ingênua “Colombina”. Sabe guardar as mais belas aparências externas, ainda que tenha uma extensa experiência nas “lutas amorosas”, dissimula muito bem (T) e, se isso puder favorecê-la também fará, discretamente, missões de alcagüeta. De acordo com seu caráter se adorna com chamativas jóias falsas.

Complementar de “Dona Sereia” temos o “Capitão”, fanfarrão, encenqueiro, espadachim que fala sempre com palavras altissonantes de sua honra, (U), mas que está sempre disposto a pôr sua espada a serviço de quem lhe pagar melhor. Frequentemente faz-se de guarda-costas do Sr. Polichinelo. Leva plumas no chapéu e varre com elas o chão, quando quer saudar cerimoniosamente, como se fosse um autêntico cavalheiro.

Outro papel importante corresponde ao simpático “Arlequim”, que vestido com um traje espalhafatoso e justo, composto de pedaços de todas as cores, mostra suas condições de personagem de “pouca roupa”, ágil, (S), bailarino e amigo de todo mundo por sua simpatia, mas capaz de enredar a quem quer que seja, se isso lhe trazer algum benefício. Poeta adulator e satírico, má língua que sabe rematar com uma pirueta suas críticas, tem uma repugnância instintiva ao trabalho. Muito apto para levar mensagens amorosas confidenciais, é o bom colaborador de “Dona Sereia”.

E, finalmente, temos o par mais humano: “Pierrô”, o filho da Lua, o romântico enamorado, sonhador, ingênuo como um menino, alma branca como o traje que usa e, como expressa sua cara enfarinhada, vítima de todos os enganos que os demais comparsas lhe preparam com suas picardias. Vive, suspira e canta à Lua pensando sempre em seu amor, a bela “Colombina”, a filha da Terra que, no sentido mais positivo apesar de sua juventude, vacila entre os conselhos de “Dona Sereia” e a natural atração por “Pierrô”. Coqueteia com todos, satisfeita de ver as homenagens masculinas e as invejas femininas que seus encantos juvenis despertam. O próprio “Sr. Polichinelo” não permanece indiferente diante de tanta beleza. Dentro de seu vestido, branco ainda, vai escapando dos perigos que o mundo lhe apresenta e que sua juventude não lhe permite captar em toda sua importância ainda que, em certos momentos, sua intuição feminina já deixa entrever. Deixemos à compreensão do leitor as analogias convenientes para dar a todos esses personagens simbólicos seus valores reais dentro da forma humorada em que nos estamos expressando.

Todo estudante sério conhece os Nomes de Deus atribuídos aos diferentes Centros e que, na Árvore de Kircher aparecem escritos com letras hebraicas. Também são qualificados de “Palavras de Poder”. Na realidade são palavras hebraicas designando qualidades específicas das sucessivas emanações da Divindade no mundo espiritual ou Olam Atzilut.

Na Árvore de Kircher notamos uma anomalia, cuja correção nos atrevemos a propor aos interessados nestas questões, na esperança de que autoridades qualificadas o confirmem. Trata-se que consideramos trocados os nomes atribuídos às terceira e quarta Sefiras, de tal modo que EL pertence ao centro III e IAVE ELOHIM ao IV. Muitas razões apóiam essa troca: 1º - EL e IAH ficam no mesmo nível contrapostos um ao outro, equilibrando-se mutuamente nos dois extremos do canal nº 4; 2º - IAH dá origem às 32 Vias da Sabedoria enquanto EL anima as 50 Portas da “Razão”; 3º - Essas duas sílabas formam a terminação dos nomes das *Shemanphoras*, tão usados em Magia Prática. IAH aparece como tal terminação 32 vezes, e EL 40, que podem ser 50 se levarmos em conta as terminações dos nomes angélicos que correspondem aos Centros no mundo de Briah¹³.

Os Centros da Árvore podem ser ordenados em três colunas ou pilares denominados pilar central, aquele que está situado no centro da figura; pilar da misericórdia o que está situado à direita do leitor; e pilar do rigor o que está à sua esquerda. Se fizermos a permutação indicada antes, teremos que a coluna da misericórdia é iniciada pelo vocábulo IAH e a do rigor por EL. Essas duas palavras nos dão as raízes dos nomes que seguirão em sua penetração na matéria (o nome exotérico do *Tetragrammaton* Sagrado é *IAVE*, como afirmam muitos autores). Assim teremos:

	Esquerda		Direita
X	EL	IAH	Y
W	ELOHIM	IAVE ELOHIM	V
U	ELOHIM TZEBAOTH	IAVE TZEBAOTH	T

Como podemos ver, correspondem ao pilar do rigor os planetas e nomes que, do ponto de vista da personalidade, consideramos maléficos e ao pilar da misericórdia os planetas e nomes que, do mesmo ponto de vista, consideramos benéficos. O pilar do rigor é o da Lei, do Carma ou do Destino rigoroso, cego, implacável e inevitável, como todas as leis da Natureza. O pilar da Misericórdia é o da Providência que nos beneficia, aplacando os rigores do Destino, segundo nossas possibilidades e conveniências. Entre os dois pilares se levanta, cheio de promessas, o pilar central, da Vontade humana¹⁴.

INVOLUÇÃO

Se considerarmos os Centros por sua ordenação horizontal, vemos, em seguida, que estes estão dispostos segundo três triângulos. O superior com o vértice para cima e os dois seguintes com o vértice para baixo. Finalmente, temos o solitário Centro inferior sobre o qual incidem todas as influências que emanam dos outros Centros.

O triângulo superior, por sua disposição, já indica que seus Centros não descendem à manifestação inferior, mas permanecem no nível da pura espiritualidade. Em seu interior aparecem pequenas

¹³ Ver “La Kabbale Pratique”, de Robert Ambelain, pág. 81.

¹⁴ Ver Fabre d’Olivet, “Histoire Philosophique de Genre Humain” - pág. 44 e seguinte.

cabeças aladas de Anjos desprovidos de corpo, confirmando o que acabamos de dizer. Estamos em Olam Atziluth. É o mundo dos Princípios.

Os dois triângulos inferiores, são os chamados “Seis Sephirot de Construção”. Seu enlace com o superior são as duas Tábuas da Lei, uma contendo os três mandamentos que se referem a Deus, e outra os sete que se referem ao homem.

O Triângulo superior de “Os Seis de Construção” corresponde ao mundo das causas, Olam Briah, e o inferior a Olam Ietzirah, o mundo das Leis. Entre os dois, vemos a “Tabela dos 12 Pães de Proposição” à esquerda, e o “Candelabro dos sete braços” à direita, símbolos, respectivamente, das 12 forças zodiacais que agem sobre o homem de maneira fatal, as 12 fronteiras do Universo que este não pode traspasar nem modificar e das sete forças conversíveis, que o homem tem por missão transformar de más em ótimas. Os dois símbolos estão no nível do vértice do triângulo superior, correspondente ao SOL, a estrela governante de nosso sistema, o grande doador de Vida, imagem mais exata da Divindade, tomada pela própria Divindade por aqueles que não sabem ver mais além. É o Adão Kadmon da Cabbala.

No nível do vértice do triângulo inferior há outros dois símbolos sob a forma de pedra cúbica sobre a qual se queimam perfumes especiais. A fumaça das resinas se inclina para a esquerda num e para a direita no outro. São as oferendas feitas em nome do egoísmo ou em virtude do Amor. São as oferendas de Caim e Abel para unir a Terra com o Astral através do etérico perfume. Todos sabemos o resultado.

Outra observação a fazer sobre a Árvore de Kircher é a disposição dos nomes das dez Sefiras ao redor de cada uma delas. Estão colocados de forma radial, como uma auréola de cada Centro e, guardando entre si uma distância angular de 36° — os semi-quintis estudados pela Astrologia — mas em todos os Centros está escrito, na parte superior, o nome IESOD o que dá ao conjunto uma impressão de coisa estática. Como cada Sefira é uma emanção da precedente, entendemos que em cada uma teria que ocupar o lugar principal ou superior, o próprio nome, ou seja, que a primeira Sefira deve ter colocado no lugar mais elevado o nome de Kether; a segunda o de Chokmah, e assim sucessivamente, para expressar um conceito dinâmico muito mais de acordo com o processo de sucessivas emanções, reconhecido por todos os cabalistas.

O próprio Kircher, verdadeira autoridade na matéria apesar das correções que propomos para o esquema da Árvore que aparece na obra monumental já citada, tem uma frase decisiva que Papus cita em seu livro “La Cabale” (pág. 199, VI) que diz: “Todas as Sephirot ou números são uma só e mesma força modificada segundo o meio que ela atravessa”. Isso confirma que o raio criador¹⁵, saindo de Kether vai atravessando toda a Árvore seguindo a ordem numérica dos Centros até finalizar em Malkuth, o mundo material, onde aparece como eletricidade. Então, acreditamos que a rotação sucessiva dos nomes que formam a auréola de cada Centro se impõe.

OS CANAIS

Complemento indispensável da disposição dos Centros, são os canais que os religam e os relacionam, segundo um sistema que mostra um conteúdo de sabedoria que deixa estupefato o estudante sincero. Cada canal se relaciona com uma das 22 letras hebraicas e, portanto, com o Arcano Maior do Tarô que lhe corresponde.

Há um ligeiro erro no esquema de Kircher, pois ao canal que une os Centros VII e VIII são atribuídas duas letras SAMEK e PHE, quando a letra PHE corresponde ao canal que conecta os Centros VI e IX.

¹⁵ Ver Dion Fortune - “The Mystical Kabbala”.

Outra correção a fazer é no canal entre as Sefiras VIII e IX, ao qual corresponde o número 19 e a letra QOPH. O canal número 20 deve passar a unir os Centros VII e X.

O conjunto dos 22 canais e dos 10 Centros, totaliza 32. São os 32 caminhos da Sabedoria, chave imprescindível para abrir as 50 portas da razão. Numa outra ocasião daremos um primeiro procedimento para utilizar a Árvore Sephirótica como esquema prático de um sistema adivinhatório. Isso não quer dizer que a Árvore não tenha outras aplicações, muito mais importantes, no domínio racional e metafísico.

Junto aos canais 3, 10 e 12, Kircher cita as 72 potestades médias, da direita e da esquerda. São as tão conhecidas *Shemanphores* ou *Gênios* que, num sentido restrito, regem a vida do homem¹⁶. “Segundo o testemunho do Zohar isto é a escada que Jacó viu em sonhos, formada por 72 degraus, cuja extremidade, situada sobre os raios do Sol e da Lua, ia perder-se na imensidade das residências da Divindade”.

“É por essa escada que as influências de Deus descem e se comunicam a todas as ordens das hierarquias celestes e a todas as criaturas do Universo”.

EVOLUÇÃO

O esquema da Árvore não dá somente uma idéia do processo criador que é finalizado na materialização de TERRA mas é, também, um indicador preciso das etapas de evolução que o ser humano deve seguir para conseguir a reintegração às fontes Divinas de onde vem a “libertação” das ilusões que nos oferece a teatral e fictícia criação objetiva.

No Centro inferior da Árvore temos Malkuth, o domínio de Lua-Terra. É o mundo onde vive a imensa maioria da humanidade atual. A satisfação dos apetites materiais, junto com um pouco de fantasiosa imaginação é todo o conteúdo de sua alma, que não tem impulsos superiores aos que podem dar-lhe o desejo ou a emoção. Com tão miserável motor passarão muitas vidas deambulando pelo mundo como sonâmbulos, sem entender nada do que lhes rodeia, nem sentir alguma curiosidade para compreendê-lo. São seres extravagantes, ainda muito próximos de uma etapa animal. Podemos vê-los, muitas vezes, passando aos milhares diante da catedral de Notre-Dame de Paris, sem sentir o menor interesse em entrar no Templo por qualquer das três portas de sua fachada. Formam o mundo profano, em todo sentido etimológico dessa palavra. É a pobre descendência de Pierrô e Colombina.

Mas, de quando em quando, algum desses seres extravagantes sente que algo desperta em seu interior, que toma forma segundo seu próprio temperamento e, então, se atreve a entreabrir alguma das três portas da catedral simbólica. Se decidir penetrar nela, sua alma fica focada num dos três caminhos, bem definidos pela antiga filosofia oculta: o da ação, o do conhecimento e o da mística. O primeiro - *Karma Yoga* - levará o discípulo dotado de um espírito reformador a chocar e a combater contra o sistema instituído e, se a sorte não acompanhá-lo, é muito possível que exija o sacrifício da sua própria vida, mas graças ao sacrifício do Herói, a humanidade avança mais um passo. Um exemplo típico é o da vida militar que, se é vivida com Honra, pode proporcionar a Glória, apesar de precisar ser um homicida na defesa da pátria e de seus interesses. O segundo - *Gnani Yoga* - será seguido por aquele que, tendo visto ou experimentado a tragédia da vida (canal 22, letra THAU, a Cruz, caminho do Calvário), levado por seu temperamento mental busca ansiosamente encontrar uma razão para a existência, primeiro na análise científica e depois no árido estudo da tradição ocultista. Finalmente, o descobrimento das Leis que regem toda a Natureza, proporciona uma visão sintética da Vida por iluminação interior: encontrou o fundamento de todas as coisas e passou da erudição ao conhecimento. O terceiro - *Bakti Yoga* - fará de seu seguidor, geralmente de espírito tímido, emotivo, concentrado, um devoto vitalizado em grau superlativo pela

¹⁶ Ver Lenain – “La Science Cabalistique”, pág. 20 e seguintes.

fé e sua emotividade amorosa se generalizará e se inclinará para a caridade, e seu temperamento concentrado pode levá-lo à vida da clausura.

Mas, em todos os casos, os Centros de HOD e NETZAH devem estar equilibrados por IESOD através dos canais 19 e 18 para evitar os exageros exorbitantes. Isso impedirá que a combatividade possa tornar-se crueldade, ou que a fé possa derivar em fanatismo.

Agora nos encontramos diante do primeiro canal horizontal, que nos fecha a passagem. Colocado entre os dois antagonistas, U e T, correspondendo à letra SAMEK e ao canal nº 15 sua identificação com o Arcano XV do Tarô, o Diabo, é indubitável. A mútua reação de U e T cria todo tipo de más paixões na alma do homem, pois quando um sai de órbita, o outro também o faz (por exemplo: nunca há tantas violações como no tempo de guerra, nem se cometem tantos crimes por motivos passionais ou por afã de lucro). Nem é preciso dizer que para seguir adiante devemos vencer os obstáculos que o Diabo semeia em nossa psique.

O que vem de IESOD pela via intelectual, encontra o obstáculo em frente e no meio, de maneira que o choque é da máxima intensidade. Ele se apresenta sob a forma de orgulho, a qualidade tipicamente satânica, sendo mais grave porque aquele que chegou a esse centro tem muitos motivos para sentir-se superior a seus semelhantes. Tão só uma alta qualidade espiritual pode evitar esse perigo e mantê-lo numa ardente esperança (Arcano XVII, canal 17, letra PHE), posta numa distante Estrela que luze no firmamento como um ideal inexecutável.

Tal é o mundo dos iniciados, ou seja, daqueles que começaram a tomar em suas mãos as rédeas de seu destino. Enquanto continuam seu aperfeiçoamento interno são submetidos a provas de todo tipo, mas cada ilusão vencida é um passo a mais para a realidade transcendente, intuída mas ainda não compreendida. As tentações das forças do mal ganham uma intensidade desconhecida pelos profanos e custa lágrimas de sangue desmascará-las e vencê-las, mas se a decisão de seguir adiante for firme a vitória é segura. Com os últimos êxitos no mundo, o Iniciado chega ao fundo do simbólico Templo de Jerusalém¹⁷, na entrada do Santuário. Só lhe falta passar pela “Pia das Abluções” e pelo “Mar de Bronze” para que as Portas do Lugar Santo se abram de par em par. Essas portas são os canais nºs 16 e 14 - A Torre Fulminada que o fará conhecer a última humilhação e a “Trasvasação de Fluidos” que o levará à abertura dos sentidos psíquicos.

Aqui nosso iniciado, que terminou as iniciações virtuais, permanece disposto a receber a primeira Grande Iniciação, a Iniciação Solar ou Iniciação Real que há de colocá-lo no mundo dos Mestres. Quando isso aconteça, tomará posse do Centro de Thipheret, ponto central do conjunto da Árvore. Seu caminho é o da *Raja Yoga* ou *Yoga Real*.

Se, no uso de sua sacro-santa liberdade, sente-se inclinado a seguir suas preferências temperamentais, pode seguir pelo pilar do rigor se for homem de ação ou seguir pelo pilar da misericórdia se quiser continuar o caminho da religião. Pelo caminho da ação continuará combatendo, com energia, decisão e violência, se convier, por seus ideais cada vez mais elevados até conquistar os lugares de mando político ou militar, mais eficientes. Para seu país ou grupo étnico ficará instituído como Poder Temporal. Desafortunadamente, o canal nº 13 corresponde ao Arcano XIII, a Morte e, com efeito, sua ascensão implica sempre uma longa série de vítimas procedentes de guerras, atentados ou sentenças judiciais que o Poder Temporal deve sancionar. Em muitas ocasiões, ele mesmo é a vítima escolhida pelo Destino.

Se, subindo pelo pilar da misericórdia, chegar ao Centro de Chesed, o domínio de V, terá conseguido o mais alto grau sacerdotal com todas as atribuições de um autêntico KADOSH (Santo). Em oposição ao Poder Temporal, ele será a Autoridade Espiritual. Esta oposição é, na realidade, complemento sobre os dois braços do canal horizontal nº 9, a segunda Cruz ou segundo obstáculo.

¹⁷ Ver Ambelain “La Cabbala Pratique”, pág. 73.

De fato, se entre os dois Poderes, Temporal e Espiritual, houver harmonia esta deverá ser de mútuo respeito e levada com prudência (Arcano IX) para não dar motivo à crítica profana de falar com escândalo da aliança interessada entre a espada e o altar. É um ponto difícil de manter e a história demonstra quantas vezes esse preceito foi esquecido, seja por cair numa controvérsia de interesses, seja por uma guerra acesa entre eles. O resultado sempre foi nefasto para o povo que teve que suportar tais calamidades. Tudo o que a primeira Cruz representava para a vida individual, aqui temos reproduzido com conseqüências coletivas.

Os dois Centros de GEBURAH e CHESED, devem ficar perfeitamente equilibrados sobre THIPHERETH, o primeiro pelo canal 12 (Arcano do Sacrifício) e número correspondente ao círculo do Destino, representado pelos 12 Signos e as 12 Fronteiras do Universo. O segundo, pelo canal nº 10, letra IOD, símbolo da eternidade da Vida. Renovável na forma, mas perene em sua essência, como a religião, e que se apresenta de diferentes modos conforme os tempos, mas que permanece imutável em seus princípios e mistérios através de sucessivas civilizações. O sacrifício ou a oferenda é simbolizado pelos “12 Pães de Proposição”, enquanto que a Vida é representada pelas sete chamas do “Candelabro de Sete Braços” que o Grande Sacerdote empunhava nas principais cerimônias do Templo de Jerusalém, no interior do lugar Santo.

Ainda mais acima do mundo dos Mestres encontramos as outras regiões onde agem os Adeptos. Tentaremos dar uma breve explicação, apesar de que aos nossos idiomas vulgares falem palavras adequadas para expressar coisas tão fora do comum. Esperamos que a intuição do leitor supra nossa incapacidade.

Subindo pelo pilar do Rigor pelo canal nº 8, a justiça, letra CHET, vemos que o exercício do Poder Temporal só pode conseguir sua excelência pela prática de uma Justiça Inteligente, que não é exatamente a aplicação de castigos, mas a promulgação de Leis que, tendo presente a condição psicológica do povo ou da raça à que devem ser aplicadas, facilite o seu desenvolvimento dentro de suas possibilidades. É obvio que determinar o justo sobre o que é ou o que deverá ser uma coletividade submetida a um processo evolutivo que pode durar séculos, é uma tarefa que sobrepuja em muito as possibilidades humanas correntes. Só um Adepto muito seguro de suas faculdades saberá fazê-lo com o devido acerto. Então, a iluminação que receberá do Sol através do Arcano VII, a Vitória, o consolidará na alma de seu povo como Instituidor da raça. Terá nascido um novo *Manú*.

Subindo pelo pilar da misericórdia chegaremos ao Centro da Sefira II, a da “Summa Sapiencia”, que não pode ser outra além da Ciência Sagrada. Colocado no mesmo nível do Poder Temporal, já visto, sua missão será análoga ao primeiro, mas realizada no campo religioso. Assim fundará uma nova forma religiosa que deverá servir de base para a egrégora da nova raça ou nova civilização. Seus contatos espirituais autorizam a considerar a forma e a estabelecer como uma autêntica revelação. Sobre a função complementar desses dois Adeptos, foram fundadas todas as civilizações do passado, pois não houve nenhuma que não tenha descansado sobre um fundamento religioso, nem que não tenha tido um legislador ou cabeça. Essa efetiva Autoridade Espiritual retirará sua Sapiência do canal 6, os dois Caminhos, Arcano VI, intuição da distinção entre o bem e o mal. Ademais, a intuição recebida das forças ocultas lhe permitirá dar nomes, fórmulas e rituais adequados. Pelo canal nº 5, letra HE, terá a visão das essências da Vida.

Esses altos graus de evolução espiritual só serão acessíveis depois que passar o Abismo que representam as duas Tábuas da Lei, cujo cumprimento estrito é imprescindível para poder levantar o Véu do “Sancta Sanctorum” do Templo. Os dois Adeptos são personificados pelos Querubins que suportam a Arca da Aliança, depositária de todos os Mistérios contidos na primeira Sefira.

O canal transversal nº 4 é a terceira e última Cruz que encontrada no curso ascensional da alma humana. Pela terceira vez, as forças diabólicas querem tentar obstaculizar a passagem aos níveis superiores espirituais, desviando-a de seu dever. Recordemos a última tentativa de Jesus por Satanás oferecendo-lhe o reino do Mundo, o mundo do quaternário (letra DALET), se lhe rendesse

obediência e a sóbria contestação do Mestre. É o último obstáculo encontrado ao subir pelo canal central nº 3, que encontrará de frente o que vem diretamente pelo pilar central, o da Vontade Humana. Só lhe falta mais um passo para conquistar o estado glorioso da União Mística com a Realidade Absoluta, enquanto seus braços estendidos se abrem sobre os dois pilares laterais. Conquistou o Mistério da Cruz depois de ter subido o Calvário da existência objetiva, e a Ressurreição e Ascensão aos Céus são imediatas.

Os que provêm do pilar do Rigor precisam, ainda, resolver o problema da dualidade (canal nº 2), dos pares de opostos ou dos paradoxos da Vida. Os que vieram pela Misericórdia e das alturas de vertigem desses estados, deverão experimentar a visão da Unidade Suprema (canal nº 1). Finalmente, os três caminhos de saída se fundem num só ponto, a conquista da Coroa, que comporta a afirmação de que seu reino “não é deste mundo”.

ADENDUM

Kircher coloca aos lados do Esquema da Árvore, no nível do triângulo central, o mundo dos Mestres, quatro lemas apresentados em forma de pergaminhos enrolados, dois ao lado do pilar do Rigor e dois ao lado do pilar da Misericórdia. Dizem o seguinte: os do lado do Rigor, 35 Príncipes a Severitate Originem Ducentes e 365 Praecepta Legis Negativa. Os do lado da Misericórdia, 35 Príncipes a Misericórdia Originem Ducentes e 248 Praecepta Legis Afirmativa.

Essas denominações são um pouco arbitrárias e têm o propósito de despistar. O importante são os números que as encabeçam, já que eles nos dão a chave das combinações para utilizar para fins práticos o Esquema que, como já dissemos, não é só um esquema metafísico, mas um instrumento de trabalho. Não podemos, dentro dos limites que nos fixamos, dar detalhes de sua utilização, portanto, nos limitaremos a apresentar algumas idéias sugestivas. Não esqueçamos que o trabalho pessoal é imprescindível para aquele que quer chegar a ser um “BAALSCHEM”, aquele que possui “o nome”.

Exemplos: Lado do Rigor $35 = 5 \times 7$. Os sete planetas básicos em suas cinco condições de domicílio, exílio, exaltação, queda e peregrino. Uma aplicação: a astrologia onomântica ou cabalística para fixar a qualidade das letras duplas às quais esses planetas são assimilados.

$365 = 72 \times 4 + 50 + 27$. As 72 potestades em cada um dos quatro mundos da Cabala, combinadas com as 50 portas e as 27 letras do Alfabeto. Aplicação: A Magia. A compreensão das “50 portas da razão”¹⁸, ou “da Luz”.

Lado da Misericórdia $35 = 3 + 10 + 22$. As três condições de AIN, AIN-SOPH e AIN-SOPH-AUR combinadas com as dez Sefiras e as 22 letras. Aplicação: Tiragem do Tarô sobre a Árvore Sephirótica.

$248 = 72 \times 3 + 32$. As 72 potestades em suas três condições de direitas, meias e esquerdas, combinadas com as 32 Vias da Sabedoria. Aplicação: As contemplações da Fé Raciocinada.

Kircher diz que o estudo dessas Vias e Portas exige um esforço considerável e longos anos de meditações. Só então, os homens reputados santos, marcados por Deus, são iluminados pela Luz emanada do Centro.

Para resolver possíveis dúvidas dos leitores, reproduzimos alguns fragmentos do prólogo de Papus para a edição da obra de Lenain, “La Science Cabalistique”. Diz assim:

“Como todo trabalho realmente iniciático, este pequeno volume é o ponto de partida de frutuosas meditações. A Cabala, com efeito, não pode ser estudada senão por um duplo método. Os livros e

¹⁸ Ver Enel — “Rota”, pág. 68/69; “Manuel de Cabbala Pratique”, pág. 78 e seguintes, 1ª edição.

os manuscritos não senão o ponto de partida e somente a meditação, ajudada pela assistência do plano invisível pode te fazer o resto, mas eu nunca repetirei o bastante que, sem a assistência do plano invisível, nenhum progresso real pode ser conseguido nesses estudos” - Dr. Papus, Grande Mestre da Ordem Kabbalística da Rosa Cruz.

ALGUMAS IDÉIAS SOBRE O TARÔ

Sempre foi motivo de interrogação, para os principiantes no manejo do Tarô, ver que as cartas desse jogo se dividem em dois grupos principais chamados de “Arcanos Maiores e Arcanos Menores”. O primeiro com 22 lâminas e o segundo com 56. Vamos expor algumas das razões que justificam essa composição.

O Tarô também é chamado de “Livro de Hermes” ou “Livro da Sabedoria”. De acordo com essas denominações que, à primeira vista podem parecer pretensiosas, parece que sua origem histórica remonta ao antigo Egito, onde os sacerdotes iniciados plasmaram nas imagens que hoje se conhecem no Tarô chamado de Marselha, os conceitos fundamentais da ciência esotérica tradicional. Assim, como a verdade é somente uma através do tempo, veremos nele um acordo perfeito com todas as tradições da ciência espiritual, ou seja: Mística, ou ciência dos mistérios; Religiões, ou normas espirituais que unem os homens sob uma unidade de critério ou de fé; Astrologia, ou ciência da cosmobiologia que descobre as relações da psique humana com os fenômenos chamados astronômicos; Cabala, ou ciência espiritual do antigo povo hebraico, etc. etc.

Com efeito, um esoterista bom amigo nosso, que teve a oportunidade de visitar diversos templos do antigo Egito disse-me que tinha visto, esculpidos em suas paredes, os temas expressados nas lâminas dos Arcanos Maiores. Em cada templo só havia um, de forma que quem queria conhecer todos tinha que ir, em peregrinação de templo em templo, vivendo neles por um tempo para chegar, em suas meditações, a descobrir os muitos significados metafísicos, psicológicos ou cosmológicos que seu bom critério lhe ditasse. E, se seus superiores iniciados o consideravam apto, abriam-lhe as portas dos santuários ocultos onde podia chegar às grandes iniciações reais, próprias dos adeptos mais avançados.

As 22 lâminas dos Arcanos Maiores podem ser relacionadas com os fundamentos da Cabala, as 22 letras do alfabeto hebraico, onde 3 letras são chamadas “mães”, 7 “duplas”, e 12 “simples”, classificação de múltiplas aplicações. Por exemplo, em astrologia: 3 elementos primordiais, as três cruzeiras horoscópicas, 7 forças planetárias e 12 forças zodiacais, etc. etc. ($3 + 7 + 12 = 22$).

Os Arcanos Maiores têm significados especiais no Tempo, a saber: passado, presente e porvir, ainda que o presente seja, na realidade, um instante tão efêmero que pode ser considerado como pura abstração. É evidente que o sistema dos Arcanos Maiores nos diria bem pouca coisa, fora dos conceitos metafísicos e, como somos seres que vivemos sobre a “Terra” no “Mundo Concreto”, precisamos conhecer as coisas deste Mundo, aonde viemos realizar-nos. Nossas realizações são encontradas nos significados dos Arcanos Menores que, ainda que se percam no tempo, no momento têm, para nós, a realidade (ilusória) das coisas tangíveis.

Agora, as coisas do mundo têm sempre um fundamento quaternário, porque são originadas pelos quatro elementos da filosofia clássica: fogo, água, ar e terra. Isso levou à necessidade de estabelecer o grupo dos 56 Arcanos Menores em quatro divisões de 14 lâminas cada uma, simbolizadas pelos quatro naipes, ou seja, paus, copas, espadas e ouro. Os paus representam, sempre, as iniciativas ou expansões vitais (o pau é, geralmente, um tronco retirado de uma vida vegetal). As copas, recipientes destinados a receber um conteúdo líquido, expressam todo o mundo emotivo e, com efeito, no gênero humano toda emotividade implica um derrame de líquido (lágrimas, saliva, sêmen, suor, sangue, etc.). As espadas, nem é necessário dizer, são elemento de luta de onde sai, geralmente, uma modificação do destino. São a expressão da vontade humana levada a seu último

termo no uso de sua livre essência efetiva. Finalmente, ouros, o dinheiro, é o elemento de segurança que nos permite uma estabilidade dentro da vida social, estabilidade um pouco precária, como demonstra a forma redonda das moedas que vão e vem como se tivessem asas. Portanto, o conceito de estabilidade é, como todas as coisas, relativo. De certo modo, poderíamos dizer que o ouro é a arma dos covardes, que não se atrevem a empunhar as espadas.

Ademais, o mundo material, como tal, tem uma base denária - a manifestação dos dez Sefirot da cabala - sem deixar de lado a sua base quaternária. Isso leva a uma nova divisão de cada um dos naipes dos Arcanos Menores em grupos de 4 e de 10 cartas, que resulta nas quatro figuras e 10 cartas numeradas de 1 a 10. As figuras têm significado humano e as 10 cartas de circunstâncias ou modalidades de realização. As figuras são denominadas Rei, Rainha, Cavaleiro e Valeta. A 1ª e a 3ª são masculinas, e a 2ª e a 4ª são femininas.

Os quatro naipes são divididos em + e -. Assim, paus e espadas são considerados +, enquanto que copas e ouros são -. As 10 cartas também são classificadas segundo o quadro abaixo.

1	2	3	GRUPO REALIZADOR
4	5	6	II PASIVO
7	8	9	II NEUTRO
POSITIVO	NEGATIVO	EQUILIBRANTE	

O número 10 é o elemento de transição ou de passagem à carta seguinte, pela ordem natural dos números. Nos jogos vulgares franceses, paus foi substituído por “trèfles”, copas por “coeurs”, espadas por “piques”, e ouros por “carrés”. Recomendamos aos que se interessem seriamente por esse tema, a obra mestra de Papus, “O Tarô dos Boemios”.

AS BASES DA ASTROLOGIA ONOMÂNTICA

No progresso lentíssimo do homem no conhecimento dos mistérios da Natureza, chega à conclusão de que tudo se resolve em infinitas combinações do fenômeno vibratório, expressão simultânea dos dois elementos básicos da manifestação divina: a matéria e a força.

Esses dois conceitos devem ser considerados de modo muito diferente daquele que se tinha até agora. A matéria já não é aquela que se entendia antes como minúsculas partículas que denominávamos átomos. Atualmente já se considera o átomo como um pequeno universo, regido e ordenado por certas forças às quais temos atribuído características especiais, características que não são gratuitas, pois as poucas aplicações práticas que começamos a dominar e que levaram às maravilhosas realizações da técnica moderna, vieram demonstrar o acerto do caminho empreendido.

O processo é bem simples: um técnico, segundo seus conhecimentos, traça um plano ou esquema daquilo que será um aparato por onde deve circular uma corrente elétrica (manifestação, em nosso mundo físico, da energia única universal, o *Fohat* da tradição oriental) e, se tudo for bem projetado

e bem construído, a corrente circulando através de bobinas, resistências, conexões, lâmpadas e circuitos adequados, etc., sem nenhuma modificação material aparente, resultará num aparato de rádio, de televisão, de radar, de cálculo eletrônico, etc. etc. Para realizar cada uma dessas maravilhas só foi necessário fazer circular a força (elétrica) por onde sua Natureza exigia.

E, não vemos também como, nos seres vivos, o estado de boa saúde depende, essencialmente, da perfeita circulação dos fluidos vitais, através das diferentes vísceras que compõe o organismo?

Poderíamos multiplicar os exemplos de como certas forças que são a base dos fenômenos de nosso mundo físico, devidamente dominadas e conduzidas, podem dar origem a uma infinidade de resultados, diferentes em experiência, mas sempre regidos pela lei fundamental da analogia.

Esse é o caso do prognóstico pela astrologia, onde o horóscopo não é nada além de um esquema de como circularão as forças que o Destino porá em jogo sobre cada ser ou acontecimento determinado. Essas afirmações, que podem parecer muito atrevidas precisam, naturalmente, de certas demonstrações, que faremos a seguir.

Na astrologia onomântica, ou melhor, cabalística são usados, principalmente, os procedimentos de Gematria e de Tziruph, combinados com as indicações do Tarô, pois este não é nada além da representação, por imagens, das letras do Alfabeto hebraico.

Como não é nossa intenção detalhar aqui o complicado processo de como se deve operar para levantar um horóscopo cabalístico, mas dar as razões lógicas de seu mecanismo fundamental, prescindiremos de expor os cálculos gemátricos iniciais, que podem ser encontrados em todos os tratados referentes ao assunto¹⁹ que nos ocupa.

Uma vez obtidos esses cálculos preliminares, deve-se entrar naquilo que se denomina “os sete Círculos Fatídicos”, que são chamados assim porque se costuma apresentá-los sob uma forma circular, embora ela não seja a única. Para maior clareza e comodidade, deverão ser escritos numa folha de papel quadriculado, de 6x6 e, para não fazê-lo muito grande, serão divididos em duas partes, uma comum a todos os círculos que corresponderá às 22 letras do Alfabeto, e outra de 56 casas, número dos Arcanos Menores do Tarô.

Na parte superior da folha de papel que vamos utilizar, pondo um número em cada casa, escreveremos os 22 números em sua ordem natural. Depois, as 22 letras hebraicas por sua ordem alfabética, sob os números que tínhamos escrito antes. Numa terceira linha, e guardando as correspondências verticais, os valores de 1 a 400 dessas letras. Numa quarta linha, os símbolos zodiacais que correspondem às letras simples e seus valores, deixando em branco as casas que não tenham correspondência zodiacal. Sob os números 1, 40 e 300 colocaremos os signos ∞ - + , que expressam a Natureza das três letras mães. Cada ternário zodiacal, A B C etc. será enquadrado numa uma linha verde já que, indubitavelmente, dada a potência efetiva e realizadora dos Arcanos Maiores, deve corresponder-lhes a Natureza de Terra.

Numa quinta linha poremos os símbolos planetários, segundo as correspondências cabalísticas entre as letras duplas e os planetas, corpos visíveis dos Arcanjos Planetários. Na sexta linha, poremos sob R T V os símbolos ∞ - +, e sob U T W, os símbolos + - ∞ , condições complementares de equilíbrio geral planetário, em evidência sobre a Estrela dos Magos, o heptagrama estrelado.

Com efeito, o lado que une T — V +, é equilibrado pela R ∞ e o lado U + T -, fica equilibrado por W ∞ , enquanto que o lado T — V +, é equilibrado por Q ∞ . Finalmente, o Q polariza R ∞ e W ∞ . Não é em vão que a estrela de sete pontas é considerada como a chave de muitas operações cabalísticas,

¹⁹ Ver Christian – “Histoire de la Magie”; Ely Star – “Les Mistares de l'Horoscope”; Ambelain – “Traite d'Astrologie Esoterique”; Sepharial – “Kabalistic Astrologie”.

como a determinação dos gênios planetários regentes do ano de nascimento, do ciclo planetário, do dia da semana, etc. etc., todos de uso imprescindível na astrologia onomântica.

Finalmente para esgotar o tema dos Arcanos Maiores preencheremos as casas restantes com os ternários extraídos da estrela de sete pontas, da seguinte forma: 1º ternário URQ, 2º ternário T V S, 3º ternário R Q W, e 4º ternário V S U. Sob o n.º 1 poremos o sinal ∞ em cor amarela, sob o n.º 40 o sinal Π em cor azul e sob o n.º 300 o sinal N em cor vermelha. Para maior precisão sublinharemos U R Q em vermelho, o seguinte grupo em azul, o 3º em amarelo e o 4º em verde.

Como lembrança e como ponto de referência é conveniente desenhar, no ângulo superior esquerdo de nossa folha de papel, o heptagrama estrelado colocando em cada uma de suas sete pontas, um dos símbolos planetários acompanhados de seu signo qualitativo. Se pusermos o Q no vértice superior com o sinal ∞ , teremos T – T e ∞ à esquerda; planetas de órbitas interiores, e U + V + e W ∞ à direita, planetas de órbitas exteriores, símbolos que como é natural, podem ser substituídos pelas letras hebraicas correspondentes. Com isso, teremos em forma de tabela todas as analogias e correspondências que afetam os Arcanos Maiores, de tal maneira que serão o encabeçamento das oito séries, ou círculos, de Arcanos Menores que descreveremos a seguir.

Estas séries, que reproduzirão com mais detalhes as influências derivadas dos Arcanos Maiores, virão ordenadas em oito linhas, e terão a denominação de W V U Q T S e R, em ordem descendente. A este setenário, os sete céus da filosofia oculta medieval, acrescenta-se um oitavo, denominado Rosa-Cruz (R + C), utilizado para as progressões proféticas. Oito no total.

Sobre nossa folha de papel quadriculada, na linha 21 contada de baixo para cima, escreveremos os números de 23 a 78 em ordem natural, ou seja, os 56 que correspondem ao total dos Arcanos Menores, um em cada casa. Em seguida, na linha inferior, escreveremos as quatro figuras (R', R*, C, e S), e os dez números de todos os paus, 56 no total, segundo o Tarô. Uma linha mais abaixo, escreveremos os valores cabalísticos correspondentes ao signos zodiacais e aos planetas que já vimos na tabela de Arcanos Maiores.

Sob as casas correspondentes ao n.º 1 de todos os paus (Ases) daremos, ao primeiro (paus) um cetro; ao segundo (copas) uma taça; ao terceiro (espadas) uma espada; e ao quarto (ouros) um círculo encimado por uma coroa. Paus e espadas levarão um sinal +, copas e ouros um sinal - . Sob os n.º 40, uma foice, que nos recordará aquela do esqueleto do Tarô. Sob o Rei de paus, colocaremos um cetro "; sob o de copas, uma ∇ ; sob o de espadas, uma espada I; e sob o de ouros, um pequeno círculo O. Sob esses últimos símbolos, há que indicar as Estrelas Reais de E de B, K e de H, respectivamente. Depois das Estrelas Reais, e sob as restantes figuras de todos os paus, um dos ternários zodiacais, iniciados por A, D, G e J os quatro signos cardinais.

Esses ternários zodiacais virão enquadrados por uma linha azul, que indicará sua qualidade de água e levarão, em cada signo, um sub-index 2,3 e 1, para recordar o decanato astrológico ao qual devem ser referidos. Sob os n.º 5, 6 e 7, 8, 9 e 10, do naipe de paus, serão postos os demais ternários, iniciados por A e D, cujos elementos levarão os sub-index 1, 2 e 3, e virão enquadrados por linhas vermelhas, cor do elemento fogo. Sob os n.º 2, 4, 5 e 6, 8, 9 do naipe de copas, os ternários continuarão até completar o duodenário começado anteriormente, com os mesmos sub-index e enquadrados por linhas da mesma cor.

Sob os mesmos números que acabamos de indicar para os naipes de paus e copas, mas correspondentes a espadas e ouros, repetiremos os ternários zodiacais, enquadrados neste caso por linhas amarelas, cor do elemento ar, mas agora com os sub-index 3, 1 e 2. Assim teremos que os decanos afetados por cada elemento virão ordenados segundo a seguinte tabela tziruph:

FUEGO	1	2	3
AGUA	2	3	1
AIRE	3	1	2
	CARDINALES	FIJOS	MUTABLES

o que vem a demonstrar, uma vez mais, o fundamento cabalístico do plano geral desse sistema.

Ademais, isto nos levou a fazer uma pequena modificação na apresentação feita por Christian, dos circuitos fatídicos. No seu trabalho, não sabemos se por ignorância, para introduzir voluntariamente um erro ou para obter um resultado premeditado, acreditamos que o primeiro ternário de fogo está trocado com o primeiro de água, o que destrói a harmonia do conjunto do sistema.

Todos os autores que trataram desse tema (Enel inclusive), copiaram o de Christian, certamente por não terem se aprofundado nas razões de sua construção que, por outro lado, o próprio Christian não nos dá sob a desculpa de não querer aborrecer o leitor na exposição de um procedimento excessivamente complicado e, que seu propósito, segundo diz, não é outro senão o de oferecer um “estudo divertido que, não sei por qual virtude secreta, anterior e superior a toda filosofia, se eleva às vezes ao nível das grandes profecias da antigüidade”.

Depois destas pequenas digressões, voltamos a nosso estudo da tabela dos Arcanos Menores.

Na linha imediatamente inferior à qual pusemos os ternários zodiacais, escreveremos os signos planetários, com traçado mais grosso a fim de que se destaquem, já que eles tem que dar o nome à linha ou círculo a que se refere tudo quanto descreveremos a seguir. Para evitar confusões serão desenhados em tamanho maior do que os do resto do desenho, escrevendo-os em coluna seguindo a ordem W, V, U, Q, T, S e R e situando-os alternadamente entre as 2ª e 3ª casas à esquerda da Estrela Real E. Em seguida, deixaremos uma linha em branco e desenharemos na próxima o símbolo da R + .

Voltando às linhas de numeração que descrevemos antes, observemos que são três: a primeira de numeração de simples ordem; a segunda de base tarótica, dividida nos quatro naipes e a terceira de correspondência cabalística, segundo já estabelecemos, quando falamos dos Arcanos Maiores. A de base tarótica já utilizamos para colocar os três zodíacos que compõe a linha onde estão situados.

Agora, na linha correspondente a W, devemos pôr a série de planetas, exceto o Q, já tacitamente expressado pela Estrela Real de E. Assim, sob os valores cabalísticos 2, 3 e 4, 20, 80 e 200 colocaremos R T V U S W que, por pertencer ao fogo, sublinharemos com um traço vermelho.

Repetiremos a mesma operação na zona de ar do zodíaco, trocando a cor vermelha pela cor amarela. Em todas as casas que vêm sob os signos planetários, nos sete círculos restantes, colocaremos aspas (“”) para indicar que não há mudança. Ficam vazias de toda expressão zodiacal ou planetária as duas casas correspondentes à cifra 40 da numeração cabalística que, por referir-se ao “Arcano da Morte”, não carece de comentário.

Eis aqui, resumidamente, a teoria da construção da astrologia onomântica ou cabalista. Nela, como vimos, resumem-se em íntimas combinações as operações fundamentais da cabala, tais como a gematria e a themura; o simbolismo do tarô; as aplicações da Estrela dos Magos; os problemas do equilíbrio; as influências dos quatro elementos; a possível substituição do simbolismo astrológico pelas letras do alfabeto hebraico tomadas no seu sentido hieroglífico; etc. etc.

Não é de estranhar que tão sábias combinações nos permitam resolver, com caráter profético, a Natureza de um destino humano e de suas circunstâncias, individualizado pela introdução de seu nome e sobrenomes no equilíbrio cósmico, representado pela demonstração feita no parágrafo anterior, assim como os dados correspondentes ao nascimento do indivíduo.

Esses dados pessoais, ao interferir com as vibrações cósmicas gerais do momento, determinam um horóscopo particular com muito mais precisão que um simples horóscopo chamado “científico” (?) baseado sobre dados puramente astronômicos, estabelecendo analogias simples, certas mas pouco profundas, tais como dizer que um nativo do mês de agosto terá um temperamento de FOGO (E), ou que se um nascido em janeiro terá caráter FRIO (J).

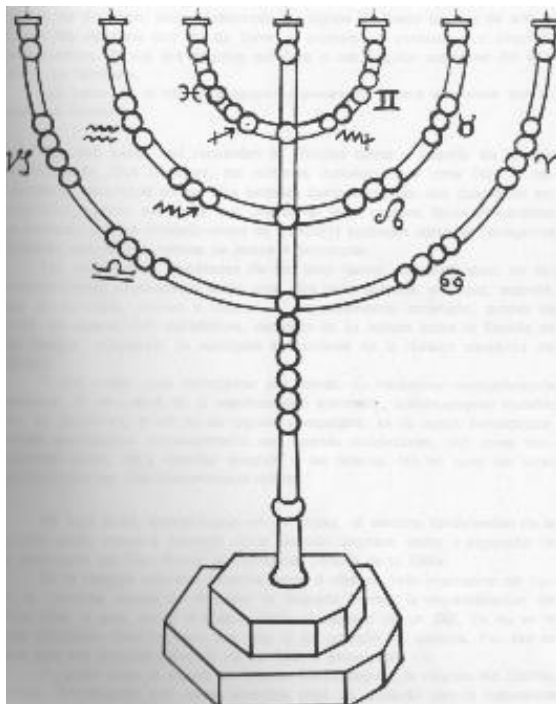
O CANDELABRO DE SETE BRAÇOS

Todos conhecemos o candelabro de sete braços como instrumento imprescindível no ritual do culto da religião judaica, que o sumo sacerdote empunhava, mostrando-o aos fiéis, nas principais cerimônias celebradas na sinagoga.

Em algumas ocasiões vimos um par desses candelabros, de grandes dimensões, colocados um de cada lado, do que poderíamos chamar o altar-mor de uma sinagoga. Certamente, pareciam cumprir uma função puramente decorativa, mas não era essa sua finalidade, mas para servir de lembrança aos assistentes instruídos no esoterismo religioso de alguns princípios básicos da cabala, como vamos demonstrar. Mas, que o público possa ou não interpretar o simbolismo que esse objeto contém, não impede que se continue usando-o, independente dos diversos materiais e dimensões com que possa ser feito, como o valor de um livro não depende da tipografia empregada, nem da qualidade do papel, senão das idéias que sugere ao leitor.

Olhando o candelabro, objeto deste estudo, observamos que é constituído por: 1º- por uma tripla base, formada por três planos octogonais escalonados, de cujo centro sobe: 2º uma coluna reta, redonda, até sua altura máxima, onde é rematada por um vaso que contém o azeite perfumado pela resina, indicada no ritual destinado a alimentar a mecha que deve ser acesa na ocasião oportuna. É dividida em cinco partes iguais, por quatro bolas que ligam as diferentes frações; 3º de cada uma das três bolas superiores, sai um braço lateral, curvado como um quarto de circunferência. Cada braço é arrematado por um vaso de azeite, destinado, como dissemos acima, a receber uma mecha. São todos alinhados no nível horizontal. Cada um dos dois braços centrais tem uma bola que os dividirá em duas partes iguais.

Os braços intermediários são divididos por duas bolas, em três partes iguais, e os braços inferiores, por três bolas que os dividem em quatro partes iguais. Esta é a descrição do candelabro simbólico. Vamos agora estudar seu simbolismo.



As sete chamas que o candelabro pode suportar representam:

- a) as sete lâmpadas que há diante do trono de Deus, segundo a Bíblia.
- b) os sete arcanjos planetários: Michael, Gabriel, Samuel, Raphael, Zachiel, Anael e Cassiel.
- c) os sete planetas da Astrologia clássica por ordem (o hebraico é lido da direita para a esquerda), ou seja:

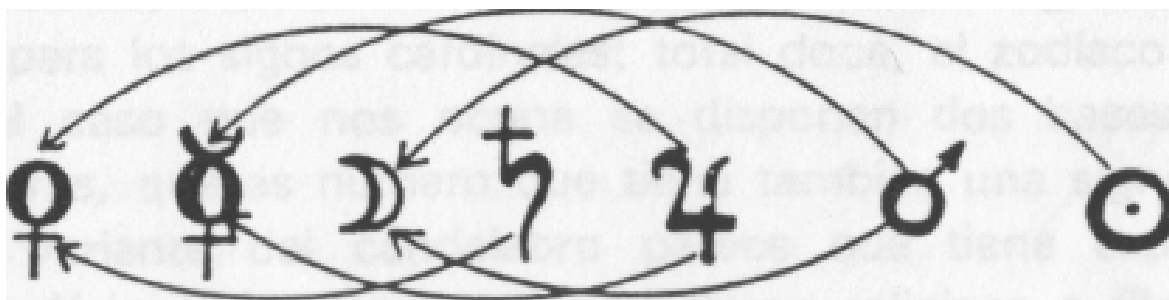
T S R W V U Q

ordem que é dada pela estrela setenária lida no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.

- d) a ordem dos dias da semana, segundo a estrela setenária lida no sentido de Q a R. Há que observar que, em hebraico, os dias não têm nome. Para eles, o domingo é o primeiro dia, segunda-feira o segundo dia; terça-feira o terceiro dia e assim sucessivamente até o sétimo dia, que é o dia santo, o dia do descanso e este sim, tem nome: é o sábado, o

ש ב ת (chabá)

A sucessão semanal é, pois:





e) As sete letras duplas do alfabeto hebraico.

As bolas dos ramos totalizam doze e se referem às doze constelações zodiacais, estando as positivas do lado direito e as negativas do lado esquerdo.

As quatro bolas da coluna central simbolizam os quatro elementos da Natureza: Fogo, Água, Ar e Terra.

A tripla base leva o simbolismo das três letras mãe: Alef, Mem e Shin. No conjunto, está representado todo o alfabeto hebraico, pois $7 + 12 + 3 = 22$ letras, ou os 22 arcanos maiores do Tarô.

Já dissemos que as três bases têm uma forma octogonal, ou seja, 8 faces cada uma, isto é, $8 \times 3 = 24$ no total. Os 24 *havaiots* ou permutações do nome sagrado "יהוה"; 12 diretas e 12 inversas.

Aqui temos, pois, neste objeto material que é o candelabro, as idéias fundamentais da cabala ou ciência espiritual dos hebreus. Efetivamente, encontramos as 22 letras em suas três divisões principais e as analogias que delas derivam. A disposição das bolas referentes aos signos zodiacais, forma os vértices de dois hexagramas de Salomão, um combinando os signos de fogo com os de ar, e o outro os de água com os de terra; o primeiro, os positivos e o segundo, os negativos. Ou seja, os ângulos salientes e os ângulos entrantes do hexagrama de Salomão.

As bolas da coluna central representam os quatro elementos por sua ordem de formação.

As três bases nos lembram a Trindade, como suporte de toda a manifestação. Suas 24 faces, os nomes (*havaiots*) que Deus toma ao manifestar-se, resumidos nas três estrelas compostas por dois quadrados entrelaçados, regidos cada um, por uma das letras mães. Esses 24 nomes são obtidos pelos procedimentos de TZIRUPH aplicados sobre o Tetragrama Sagrado, que nenhum hebreu se atreve a pronunciar.

As atribuições planetárias das sete chamas do candelabro, não só são relacionadas aos sete dias da semana mas, por sua sucessão, mostram o entrelaçamento ordenado, próprio de todas as operações cabalísticas, derivado de sua leitura sobre a Estrela dos Magos, calendário de múltiplas aplicações na divisão esotérica do tempo.

E, o que é melhor do que representar com chamas um fenômeno necessariamente temporal, a Natureza da manifestação planetária, sempre mutável por sua mobilidade, através de signos e aspectos na roda horoscópica, onde permutarão suas boas condições por outras, francamente más, para retornar depois às boas. Não é em vão que as letras correspondentes sejam denominadas “duplas”.

Eis aqui, pois, materializado num objeto o símbolo fundamental da religião judaica, como o resumo da ideação cósmica, como a expressão da realização do Deus Pai, o implacável Jehová da Bíblia. Na religião cristã temos, como o símbolo mais importante do culto, o ostensório onde se deposita a Sagrada Forma, a materialização do Deus Filho. Como o objeto tem o aspecto de um Sol, já não é a idéia grandiosa anterior, mas a do coração do sistema. Por isso se diz que seus devotos seguem a via cardíaca ou emocional.

E, quem sabe se alguma civilização futura seguirá a religião do Espírito Santo, simbolizado por outros símbolos mais de acordo com a Natureza material? Pode ser que esses símbolos deixem de

pertencer aos reinos Inferiores e tomem o caráter de seres vivos. Não sabemos que os antigos egípcios reverenciavam o escaravelho e o tomavam por símbolo da vida?

E, que conste que aqueles antigos sacerdotes não eram tolos. A tendência da juventude atual de buscar o contacto com a Natureza dá ensejo a esta atrevida hipótese. E, na religião atual, a simbolização do Espírito Santo por uma pomba branca não pode ser uma antecipação do que acabamos de dizer?

No nome “sábado” encontramos, segundo a cabala, as letras Shin, Bet e Tau, equivalentes a Saturno, Lua e Sol e, portanto, a W R Q, cartas da Papisa, da Ressurreição ou da Vitória, números 200, 2 e $400 = 6 + 2 = 8$, prescindindo dos zeros, o número 8 é o número fundamental das bases.

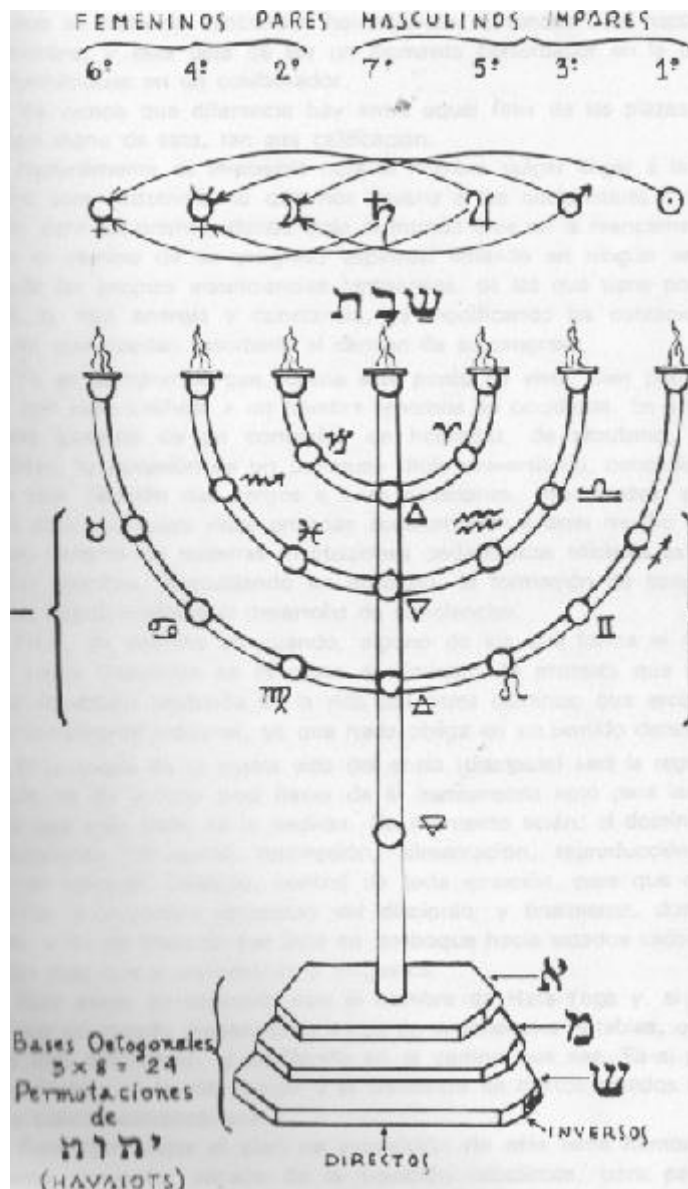
Recordemos que, no hebraico, a palavra cabala é escrita *caph, beth, lamed*; números 20, 2 e 30, ou seja = a 7, prescindindo dos zeros, o número de chamas do candelabro, de modo que este tem o triplo simbolismo metafísico, astrológico e religioso que cada um pode apreciar segundo suas capacidades pessoais.

Depois de ter escrito as linhas anteriores, tive conhecimento de outro tipo de candelabro usado em séculos passados. A disposição dos vasos e seu simbolismo continuam sendo os já citados. Para o resto, fornecemos o desenho abaixo.

Cada braço do candelabro é dividido em três partes iguais, tendo em cada segmento, duas bolas no braço interior, três no intermediário e quatro no exterior. Os segmentos estão dispostos em forma radial e são atribuídos a cada um os três signos zodiacais de cada estação. As bolas da parte inferior da coluna central servem para segurar.

O semicírculo formado pelos braços interiores compreende os quatro signos mutáveis; os braços intermediários para os signos fixos; e os braços exteriores para os signos cardinais totalizando doze, o zodíaco completo.

No caso que nos ocupa se dispõe duas bases octogonais, totalizando dezesseis faces, que é um número que também tem um significado esotérico. Essa variante do candelabro parece ter aplicações especiais como calendário, mais do que como simbolismo religioso ou filosófico.



A CONQUISTA DA YOGA

Hoje, no ocidente, está na moda falar de Yoga. Então é preciso deixar as coisas bem claras e evitar erros, infelizmente tão comuns, que podemos dizer que há uma confusão tão geral, que já não sabemos onde estamos. Contribuiu, em muito para o desconhecimento do assunto, a ignorância dos editores que para captar melhor o público, adornaram suas obras com fotografias de faquires quase nus retratados em posições extravagantes, dignas do melhor contorcionista. Contribuíram, ainda mais, os turistas que visitaram a Índia sem, como é habitual, entender nada do que viam, mas extasiando-se em qualquer praça pública diante de um infeliz que para tirar quatro rúpias dos tolos, engole espadas, chamas, ou se estende numa cama de pregos. Nada disso tem a ver com o Yoga, e qualquer iogui autêntico, ainda que fosse um simples principiante rejeitaria, indignado, uma comparação parecida.

A palavra Yogui vem de uma raiz sânscrita que quer dizer *yugo* (ioug, em francês). O *yugo* é uma robusta peça de madeira utilizada pelos *payeses* para acoplar dois bois para fazê-los lavrar um campo ou arrastar uma carreta. A idéia aqui é a da união de duas vontades para cumprir determinadas finalidades. Assim, *yugo* é aquele que procura a união. Mas com o quê deve unir-se? É nada menos que a união com Deus. Mas, para conseguir tão alta finalidade, é preciso um longo tempo de esforços para chegar a um autodomínio total coisa que, evidentemente, não se pode

conseguir em quatro dias. Os grandes místicos cristãos já tentaram, com mais ou menos êxito, mas sempre dentro de um quadro religioso que, naturalmente, limita o assunto.

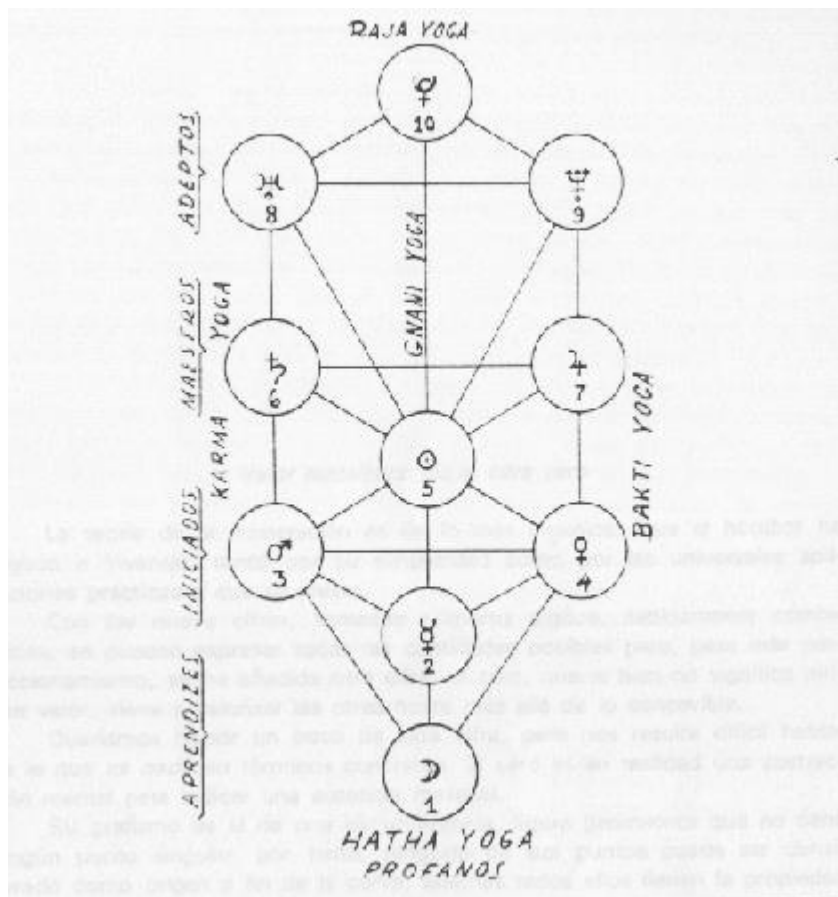
Os orientais, que tem um sentido metafísico muito mais agudo que o nosso, compreenderam que esta união com Deus ou era total ou não era nada. De fato, a união total implica que o Yogui perfeito deve desejar ininterruptamente exatamente o que Deus quer, e esta soma de vontades só pode ser conseguida cumprindo a primeira condição de toda soma, ou seja, que as quantidades sejam homogêneas. Então, Deus fala pela boca do homem, e este deixa de ser um elemento perturbador na obra divina, transformando-se num colaborador. Já podemos ver a diferença entre aquele faquir das praças públicas e o Yogui, digno desta tão alta qualificação.

Naturalmente, é impossível para o homem vulgar chegar à perfeição numa só existência, o que nos leva ao desespero. Mas no oriente, onde todo mundo crê na reencarnação, ninguém sente o caminho de seu progresso espiritual limitado em nenhum sentido, mas pelas próprias insuficiências temporais, das quais tem a possibilidade de sair se, com energia e constância, for modificando as condições de seu caráter que possam estorvar o caminho de seu progresso.

Já se pode compreender que, desse ponto de vista, bem pouco servem as idéias que temos no ocidente para qualificar um homem. Com efeito, não é garantia de conteúdo, de honra, de altruísmo, de moralidade a posse de um pomposo título universitário, concedido por pessoas que devem seus cargos a posições afortunadas no melhor dos casos e cujas vidas privadas costumam deixar muito a desejar. O grande defeito de nossas instituições pedagógicas oficiais é limitar-se a ensinar técnicas, descuidando totalmente da formação de conceitos abstratos, imprescindíveis ao desenvolvimento de consciências.

Mas, de quando em quando, alguém vindo do mundo profano sente despertar em si certo sentimento de protesto que inclina a buscar a verdade profunda da vida por outros caminhos, que escolherá segundo seu temperamento, já que nada o obriga ir num determinado sentido. O princípio da nova vida do *chela* (discípulo) será a regeneração e domínio de seu corpo, para fazer dele um instrumento apto para as altas funções que mais tarde lhe serão pedidas. De momento são: o domínio de todas as funções biológicas, ou seja, respiração, alimentação, reprodução, e boa saúde em geral. Depois, controle das emoções, para que nada possa perturbar a impassível serenidade do discípulo e, finalmente, domínio da mente, a fim de impedir que ela resvale para estados caóticos que não trariam mais do que confusões e desgostos.

Esta etapa é conhecida com o nome de *Hata-Yoga* e, ainda que não seja mais que um estado preparatório, já dá experiências notáveis, que mais tarde serão ampliadas. É o princípio do rompimento com a vida vulgar e o começo de certos estados de consciência de qualidade extraordinária. Para fixar melhor o plano de exposição desse assunto, traçamos o seguinte esquema, tirado da tradição cabalística mas perfeitamente utilizável para nossas finalidades, já que a verdade é sempre a mesma em todas as escolas.



Este esquema é suficientemente claro para indicar os processos ascensionais do Yoga, mas alguns esclarecimentos adicionais não serão supérfluos.

Saindo do mundo dos profanos que, por analogias astrológicas, atribuiremos à esfera da Lua, é onde começam as práticas de *Hata-Yoga*. Três possibilidades de caminho se abrem ao estudante, que ele deve escolher segundo suas qualidades temperamentais: o do *Karma-Yoga* ou da ação, à esquerda; o do conhecimento, *Gnani*, com o estudo da natureza visível e invisível ao centro e o da religião, *Bakti*, com toda sua extensão espiritual, à direita. Esses estados são representados pelas esferas de S e T, determinarão os objetivos políticos, intelectuais ou religiosos do interessado, enquanto sua prática constante irá dando-lhe a força da experiência e desenganos (eliminar enganos), ou seja, conhecer as verdades que sua ignorância, cheia de ilusões velava, que lhe darão a qualidade de iniciado, ou seja, daquele que começou a realizar-se num estado superior.

Longos anos de experiência ou várias vidas se forem necessárias, irão afinando sua mentalidade, despertando a faculdade superior da intuição solar, por seu caráter sintético.

Já dotado dela, está qualificado como possível Mestre. Com efeito, se escolheu o caminho da política poderá ser um bom chefe de governo, sem cometer nenhum disparate catastrófico. Se o caminho é do conhecimento, seus ensinamentos marcarão um hiato no progresso de seu povo e, se o é da religião, a iluminação interna dará a suas prédicas, uma clareza e uma precisão altamente exemplares.

Em pleno uso da maestria, poderá ser um extraordinário filósofo ou um reformador social, capaz de dar as linhas gerais de uma civilização que represente um passo a mais para um ideal de fraternidade humana, que tanta falta nos faz. No terreno religioso pode ser um grande teólogo que, superando todas as afirmações dogmáticas, venha a delinear novas formas religiosas ou purificar as existentes das superstições, que a passagem dos séculos foi acumulando.

E, como adepto, aquele que seguiu o caminho do *Karma-Yoga*, se expressará como um autêntico gênio, daqueles que marcam época na história, pois terá um guia espiritual elevadíssimo, que deixará estupefatos a si mesmo e aos que o rodeiam.

O homem de Igreja, que tenha a categoria de adepto, será um santo daqueles que são reconhecidos como tais por todas as religiões, já que suas ações, aqui na Terra, têm um caráter tão elevado que são indiscutíveis.

Estas são as características gerais das etapas a serem conquistadas por aquele que aspira ao Yoga com sinceridade de coração e espírito humilde, já que quanto mais alto é o objetivo a conseguir, mais longe nos encontramos dele, portanto, mais insignificante é nossa personalidade presente.

E, chegando ao cume do esquema, o lugar onde coincidem os três caminhos, o lugar onde se somam todas as melhores qualidades humanas, a esfera de Plutão ou Deus dos infernos, ou seja, do inferior, o Adepto conseguiu seu último propósito: conseguir a paz do Nirvana.

A Natureza e o coração do homem já não têm segredos para ele, nem por atos, nem por propósito. Pode contemplar o imenso panorama da Vida de uma altura que daria vertigem a qualquer mortal. Sob seus olhos espirituais se desenvolvem as infinitas cadeias de causas e efeitos, mascaradas pelas limitações temporais, cujas origens e fins se perdem na eternidade. A sabedoria, a beatitude e a compaixão nidificam em seu coração, já que ele as conquistou de maneira definitiva com seus esforços e sacrifícios constantes. Chegou à libertação final, porque se libertou de si mesmo e da pesada lei que o obrigava às sucessivas reencarnações. Conquistou o *Raja-Yoga* ou *Yoga Real*, que lhe dá a Coroa própria dos vencedores máximos.

Está longe de nossa vontade querer desanimar a quem quer que esteja disposto a empreender o caminho, só tentamos dar dele uma perspectiva, o mais exata possível. Se outros o seguiram e triunfaram, pensemos que tudo o que fez um homem, também pode ser feito por outro.

VALOR METAFÍSICO DO ZERO

A teoria da numeração é das coisas mais engenhosas que o homem já inventou, tanto por sua simplicidade como por suas aplicações universais práticas.

Com as nove cifras, chamadas números dígitos, devidamente combinadas pode-se expressar todas as quantidades possíveis mas, para maior aperfeiçoamento, juntou-se outra cifra, o zero, que sem ter nenhum valor, valoriza as outras além do concebível.

Queríamos falar um pouco dessa cifra, mas é difícil falar do que é nada, em termos concretos. O zero é, na realidade, uma abstração mental para indicar uma ausência material. Seu grafismo é o de uma circunferência, figura geométrica que não tem nenhum ponto singular, portanto, nenhum de seus pontos pode ser considerado como origem ou fim da curva. Ademais, todos têm a propriedade de ser equidistante do outro, denominado centro. Tais propriedades levaram a que, no esoterismo, o círculo tenha sido tomado como símbolo da eternidade, já que ela, por definição, não pode ter princípio nem fim.

De nosso contato com o mundo das realidades tangíveis, tiramos a experiência indubitável de que tudo o que tem um princípio deve ter um fim, que implica a consideração de algo imaterial e o situa no mais puro campo metafísico, mas com uma categoria preferencial sobre todas as outras.

Agora, esse conceito de eternidade é a primeira qualidade que a mísera imaginação humana pode atribuir à idéia de Deus que, sob essa condição, só podemos compreender como o eterno nada, não como uma negação, mas no sentido de que nada podemos dizer dEle, porque nossas próprias limitações nos impedem. O símbolo do zero fica perfeitamente justificado, pois nada podemos dizer

do que era, nem do que fazia Deus, antes da manifestação. Evidentemente, tinha todas as possibilidades em estado latente e, ao pôr algumas delas em ação surgiu o Universo. Assim, o zero, conforme o colocamos com relação às demais cifras, dá quantidades concretas, bem definidas, dentro das infinitas possibilidades da numeração.

Os orientais, com sua finura metafísica congênita, já nos dizem que nada se pode dizer de *Brahman*, que só se pode definir por negações e os judeus nunca falam de Jehová, segundo prescreve o decálogo de Moisés, “não tomarás o nome de Deus em vão”. É chocante ver como os cristãos, herdeiros da tradição judaica, falam de Deus com total despreocupação e irreverência, como se Deus tivesse que decidir sobre os mais insignificantes atos humanos e, inclusive, tratam de torcer Sua vontade com rezas e promessas materiais.

O Deus manifestado é simbolizado, na tradição esotérica, pelo número 1. É o um sem segundo, origem e fundamento de todos os demais números, já que todo número é, na realidade, uma soma de unidades. Em sânscrito se denomina, no nível mais superior da manifestação, o plano “*Adi*”, de onde deriva a palavra “adição” indicando, assim, que toda manifestação posterior é somente uma soma de forças unitárias.

Como é natural, todas aquelas possibilidades que tinha a cifra zero, concretizam-se numa só coisa ou numa só qualidade, quando passamos do zero à unidade. A unidade é o que é, nada mais e, portanto, inconfundível com qualquer outra coisa.

Usando o zero como símbolo do Deus imanifestado sob a forma de uma circunferência, o Deus manifestado tomará como símbolo o diâmetro do mesmo. A circunferência só pode ter um diâmetro, como o Deus Pai só pode ter um Filho e como o diâmetro só pode originar um círculo; o Deus Filho só pode ter um Pai.

O Deus manifestado sempre toma o caráter unitário em múltiplas religiões, por exemplo: a religião do Islã tem por Deus Alá (ou seja a letra A), e a letra A é a n° 1 no alfabeto islâmico, como na maioria dos alfabetos. Na religião judaica, na cabala, sua seção esotérica, temos Ain-Soph (ou a Sabedoria de Ain), a letra A. No Cristianismo representamos, muito freqüentemente, como atributos principais do Cristo, o A e o Ω gregas. O Evangelho de São João nos diz que “no principio era o Verbo, e o Verbo era Deus”, mas o verbo é a palavra, a palavra é a vogal, e a primeira vogal é A.

A pronúncia do A, o que é? É uma expiração, uma maneira de pôr para fora um fogo interior, como indica sua etimologia, um alento. É, no sentido cósmico, o Alento Divino, que pôs em vibração as forças primordiais. Mas, antes do A, o que há? Nada, o zero ou o infinito, incognoscíveis para o homem. Materializando um pouco a idéia, as antigas filosofias tomaram o símbolo da serpente que morde a própria cauda.

No terreno científico das idéias matemáticas, não vemos como a equação do círculo dá origem, por pequenas modificações, às equações que determinam as formas cônicas? Essas derivações do círculo, não são as órbitas desenhadas pelos astros em seus movimentos pelo espaço? Assim, vemos a idéia criadora fundamental do círculo, convertida em elipses, parábolas e hipérboles. Numa comparação grosseira, diríamos que diversas fotografias de um mesmo individuo são diferentes por terem sido tomadas em diferentes momentos de sua vida, mas que ele é sempre ele mesmo.

Uma objeção pode ser feita ao que acabamos de dizer. Na representação geométrica da divindade, simbolizada por uma circunferência, porque não por um ponto, que é ainda mais abstrato? Pois, por varias razões:

1ª - por definição, um ponto não tem extensão, portanto, é impossível representá-lo graficamente já que uma pequena marca de 0,1 mm, limite de visibilidade natural vista no microscópio óptico com um aumento de 2000 diâmetros, veríamos como um disco de 200 mm de diâmetro e com um

microscópio eletrônico, com um aumento de 100.000 diâmetros, como um disco de 10 metros de diâmetro. As propriedades atribuídas ao ponto ficam completamente desvirtuadas.

2ª - voltando à metafísica oriental, a *Brahma* são reconhecidos três estados. Um, *Brahma*, como deus criador de nosso complexo Universo. Outro, como deus num estado pré-criador, ou seja, sem qualidades definidas ainda, então damos-lhe o nome de *Brahman*, cuja terminação em “n” significa seu gênero neutro. Escolheu uma porção de espaço mas não determinou como será o Universo a construir. Outro, no estado de repouso absoluto, anterior e posterior a todo ciclo de criação, chamado “a noite de Brahma” em cujo estado, impossível de conceber por qualquer mentalidade humana nem super-humana, recebe a denominação de *Parabrahman*, o que está além de *Brahma*.

3ª - A esses três estados devem-se referir os símbolos que relacionamos, assim:

Parabrahman - Não tem símbolo, nem idéia capaz de representá-lo.

Brahman — a circunferência, como se disse antes, ou o zero.

Brahma - o diâmetro que dá a medida do campo espacial escolhido por *Brahman* para sua manifestação.

FIM

ÍNDICE

Introdução.....	2
Apresentação do Autor	3
Revelação	6
Uma questão de Biologia Oculta	12
Santiago de Compostela.....	14
O Elemento Fogo	17
O Elemento Agua.....	20
O Elemento Ar	23
O Elemento Terra.....	24

ESTUDOS DE SEMÂNTICA OCULTA:

Introdução.....	27
Breve comentario sobre a Escritura Hebraica	27
Sânscrito	29
Chinês.....	30
Hebraico	30
Grego	32
Línguas Modernas	33

HISTÓRIA ASTROLÓGICA DO PLANETA TERRA:

Das Forças Cósmicas à aparição do Homem.....	35
Da Energia Física à Realização Espiritual.....	41
A Estrela dos Magos	44
Mundo Físico	45
Cronología Oculta.....	45
Esoterismo Religioso.....	46
O equilibrio Social	48
Os Deuses da Mitologia Classica	50

AS PERMUTAÇÕES DO TETRAGRAMA:

Nota Preliminar	53
O equilíbrio	53
Relações Sephirotas	57
Relações Astrológicas	58
Aplicação	59

AS PERMUTAÇÕES DO TETRAGRAMA:

A passagem ao quaternário	60
Comprovação Matemática.....	66
Relações Astrológicas	68
Relações Esquemáticas.....	71
O Triângulo Pitagórico	72
O Triângulo Equilátero	73
O Triângulo de Pitágoras	74
O Triângulo de Pitágoras e a Tradição Kabbalística	75
A Tetractis	76
O Sol Invisível	81
Dois exemplos da passagem ao quaternário	84

A ÁRVORE SEPHIROTICA:

Introdução.....	87
Metafísica.....	87
Relações Astrológicas.....	88
O Grande Teatro do Mundo.....	89
Os Centros	91
Involução	92
Os Canais	93
Evolução	93
Adeudum	96

OUTROS TEMAS:

Algumas ideias sobre O Tarot	97
As bases da Astrologia Onomántica	99
O Candelabro de Sete Braços.....	103
A conquista do Yoga	107
Valor metafísico da cifra Zero	110

<i>ÍNDICE</i>	113
----------------------------	-----